

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Revista Querubim

Letras – Ciências Humanas – Ciências Sociais

Coletânea

**Mayara Ferreira de Farias
(Org. Coletânea)**

**Aroldo Magno de Oliveira
(Org./Ed.)**

2022

2022

2022

2022

Niterói – RJ

Revista Querubim 2022 – Ano 18 – Coletânea – 87p. (fevereiro – 2022)
Rio de Janeiro: Querubim, 2022 – 1. Linguagem 2. Ciências Humanas 3. Ciências Sociais Periódicos.
I – Título: Revista Querubim Digital

Conselho Científico

Alessio Surian (Universidade de Padova - Itália)
Darcília Simoes (UERJ – Brasil)
Evarina Deulofeu (Universidade de Havana – Cuba)
Madalena Mendes (Universidade de Lisboa - Portugal)
Vicente Manzano (Universidade de Sevilla – Espanha)
Virginia Fontes (UFF – Brasil)

Conselho Editorial

Presidente e Editor

Aroldo Magno de Oliveira

Consultores

Alice Akemi Yamasaki
Andre Silva Martins
Elanir França Carvalho
Enéas Farias Tavares
Guilherme Wylie
Hugo Carvalho Sobrinho
Hugo Norberto Krug
Janete Silva dos Santos
João Carlos de Carvalho
José Carlos de Freitas
Jussara Bittencourt de Sá
Luiza Helena Oliveira da Silva
Marcos Pinheiro Barreto
Mayara Ferreira de Farias
Paolo Vittoria
Pedro Alberice da Rocha
Ruth Luz dos Santos Silva
Shirley Gomes de Souza Carreira
Vânia do Carmo Nóbile
Venício da Cunha Fernandes

SUMÁRIO

01	A UTILIZAÇÃO DOS JOGOS DIGITAIS COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM EM TEMPOS DE PANDEMIA – Servulla Cristianne Marques Trindade e Mayara Ferreira de Farias	04
02	O LÚDICO NO OLHAR PSICOPEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL - Solange Nascimento de Oliveira Souza, Mayara Ferreira de Farias, Francisco Leilson da Silva e Mayane Ferreira de Farias	13
03	O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO INSTITUCIONAL NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I - Thamiris Cipriano de Araújo, Mayara Ferreira de Farias, Francisco Leilson da Silva e Mayane Ferreira de Farias	29
04	OLHARES SOBRE O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL - Genilda Estevam dos Anjos, Mayara Ferreira de Farias, Francisco Leilson da Silva e Mayane Ferreira de Farias	38
05	PROCESSO DA LEITURA NO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PERSPECTIVA PSICOPEDAGÓGICA - Ivonete Ferreira Madeiro, Mayara Ferreira de Farias, Francisco Leilson da Silva e Mayane Ferreira de Farias	49
06	PERSPECTIVAS SOBRE O DESENHO NA AVALIAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO - Priscila Jeronimo do Nascimento, Mayara Ferreira de Farias, Francisco Leilson da Silva e Mayane Ferreira de Farias	62
07	AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA PARA O ACOMPANHAMENTO DA CRIANÇA DISLÉXICA - Guanaira Duarte Soares de Mendonça, Mayara Ferreira de Farias, Francisco Leilson da Silva e Mayane Ferreira de Farias	73
08	UM OLHAR PSICOPEDAGÓGICO SOBRE A RELAÇÃO DA FAMÍLIA COM A ESCOLA NOS ANOS INICIAIS - Érica Pinheiro da Silva, Mayara Ferreira de Farias, Francisco Leilson da Silva e Mayane Ferreira de Farias	80

A UTILIZAÇÃO DOS JOGOS DIGITAIS COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM EM TEMPOS DE PANDEMIA

Servulla Cristianne Marques Trindade¹
Mayara Ferreira de Farias²

Resumo

Diante do novo contexto vivenciado pela pandemia da COVID-19, a escola e os seus educadores tem se reinventado e se transformado, com o intuito de ofertar uma aprendizagem significativa para seus educandos. Em virtude do caráter emergencial, novas formas de ensinar surgiram e, com elas, novos desafios e possibilidades. As tecnologias digitais proporcionaram inúmeras opções metodológicas que, conseqüentemente, contribuíram no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Nesse sentido, a utilização dos jogos disponibilizados através desses instrumentos tecnológicos também puderam possibilitar diversos benefícios no desenvolvimento dos educandos, já que apresentam uma diversidade de recursos dinâmicos e atrativos, tornando-se um forte elemento de transformação didática. Sendo assim, esse artigo tem como desígnio apresentar como os jogos digitais podem contribuir na formação crítica, criativa e autônoma dos educandos, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais divertido e eficaz, com base em experiências vivenciadas em uma escola da rede privada de ensino do município de Angicos/RN. Para tal, utilizou-se uma abordagem qualitativa, com uso de pesquisa bibliográfica, técnicas de observação *in loco*, tendo sido escolhido reduzir a população e amostra do estudo em crianças do 3º ano do ensino fundamental, na medida em que os resultados refletem que é possível utilizar recursos tecnológicos para promover momentos de ensino-aprendizagem a partir de estímulos e metodologias de ensino atrativas e dinâmicas durante o ensino remoto. Destarte, o uso dos jogos digitais e as estratégias de ensino usadas despertaram o interesse e curiosidade dos educandos, resultando em mudanças expressivas no comportamento dos sujeitos partícipes desta pesquisa, com notórias mudanças na comunicação, aprendizagem, participação e interação em sala de aula.

Palavras-chave: Pandemia. Ensino remoto. Jogos digitais.

Abstract

Faced with the new context experienced by the COVID-19 pandemic, the school and its educators have reinvented and transformed themselves, in order to offer meaningful learning to their students. Due to the emergency nature, new ways of teaching emerged and, with them, new

¹ Licenciada em Computação e Informática pela Universidade Federal Rural do Semi-árido (UFERSA/Angicos) e graduada em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Foi bolsista do Programa de Iniciação Científica Institucional (PICI/CNPq) e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES). Trabalhou como monitora/professora da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE/Angicos). Atualmente, é professora na Escola Plenitude Complexo Educacional. Tem experiência na área de educação e computação, com ênfase nos seguintes temas: Planejamento escolar, Formação de educadores, Softwares educacionais, Alfabetização de Jovens e Adultos e Ensino Fundamental (séries iniciais). E-mail: servullac@hotmail.com.

² Doutoranda pela UFRN (PPGTUR) - todos os créditos já foram integralizados. Mestre em Turismo pela UFRN (PPGTUR). Especialista em Gestão Pública Municipal pela UFPB. Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana/NCCE pela UFRN. Especialista em Política de Promoção da Igualdade Racial (UNIAFRO) pela UFERSA. Graduada em Letras Espanhol (IFRN). Bacharel em Turismo (UFRN). Graduada em Filosofia (ISEP). Técnico em Guia de Turismo Regional pelo SENAC (Natal). Atualmente, é avaliadora voluntária em dez periódicos com Qualis Capes. É Pesquisadora Voluntária no Grupo de pesquisa em Marcas e Marketing (UFRN). É membro do Corpo Editorial da Revista Querubim - UFF. Atua e pesquisa nas seguintes áreas: Desenvolvimento e Gestão do Turismo; Teoria do Turismo; Metodologia da pesquisa; Metodologia do trabalho Científico; História e Cultura Africana e Afro-brasileira; Turismo em Comunidades Quilombolas; Turismo; Planejamento do Turismo; Transdisciplinaridade; Interdisciplinaridade; Educação; Ensino; Língua Espanhola; Linguística; Leitura e escrita; Eventos, Lazer e Planejamento. E-mail: mayaraferreiradefarias@gmail.com.

challenges and possibilities. Digital technologies provided numerous methodological options that, consequently, contributed to the teaching-learning process of students. In this sense, the use of games made available through these technological instruments could also provide several benefits in the development of students, since they present a diversity of dynamic and attractive resources, becoming a strong element of didactic transformation. Therefore, this article aims to present how digital games can contribute to the critical, creative and autonomous formation of students, making the teaching-learning process more fun and effective, based on experiences lived in a private school. from the municipality of Angicos/RN. For this, a qualitative approach was used, using bibliographic research, techniques of observation in loco, having been chosen to reduce the population and sample of the study in children of the 3rd year of elementary school, insofar as the results reflect that it is possible to use technological resources to promote teaching-learning moments from attractive and dynamic stimuli and teaching methodologies during remote teaching. Thus, the use of digital games and the teaching strategies used aroused the students' interest and curiosity, resulting in significant changes in the behavior of the subjects participating in this research, with notable changes in communication, learning, participation and interaction in the classroom.

Keywords: Pandemic. Remote teaching. Digital games.

Resumen

Ante el nuevo contexto que se vive por la pandemia del COVID-19, la escuela y sus educadores se han reinventado y transformado, con el fin de ofrecer aprendizajes significativos a sus alumnos. Debido al carácter de emergencia surgieron nuevas formas de enseñar y, con ellas, nuevos retos y posibilidades. Las tecnologías digitales brindaron numerosas opciones metodológicas que, en consecuencia, contribuyeron al proceso de enseñanza-aprendizaje de los estudiantes. En este sentido, el uso de juegos puestos a disposición a través de estos instrumentos tecnológicos también podría brindar varios beneficios en el desarrollo de los estudiantes, ya que presentan una diversidad de recursos dinámicos y atractivos, convirtiéndose en un fuerte elemento de transformación didáctica. Por lo tanto, este artículo tiene como objetivo presentar cómo los juegos digitales pueden contribuir a la formación crítica, creativa y autónoma de los estudiantes, haciendo más divertido y eficaz el proceso de enseñanza-aprendizaje, a partir de experiencias vividas en una escuela privada del municipio de Angicos/RN. Para ello se utilizó un enfoque cualitativo, utilizando investigación bibliográfica, técnicas de observación in loco, habiéndose optado por reducir la población y muestra del estudio en niños del 3º año de primaria, en tanto los resultados reflejan que es posible utilizar recursos tecnológicos para promover momentos de enseñanza-aprendizaje a partir de estímulos y metodologías didácticas atractivas y dinámicas durante la enseñanza a distancia. Así, el uso de los juegos digitales y las estrategias didácticas empleadas despertaron el interés y la curiosidad de los estudiantes, traducándose en cambios significativos en el comportamiento de los sujetos participantes de esta investigación, con cambios notables en la comunicación, el aprendizaje, la participación y la interacción en el aula.

Palabras clave: Pandemia. Enseñanza a distancia. Juegos digitales.

Introdução

Em virtude do cenário estabelecido pela pandemia da COVID-19, o sistema educacional precisou repensar e adequar novas formas de ensino-aprendizagem, tornando-se necessário buscar diferentes alternativas e novas metodologias para que o ensino pudesse dar continuidade de maneira significativa. Os educadores, por sua vez, precisaram se reinventar e transformar suas práticas docentes perante às novas demandas tecnológicas. Diante desse contexto, as tecnologias ocuparam um grande espaço nas atividades escolares e possibilitaram inúmeros recursos que puderam contribuir e auxiliar no processo de

ensino-aprendizagem desses educandos.

Uma das competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de “forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas, exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva” (BRASIL, 2017, p. 9).

Deste modo, as possibilidades para a utilização das tecnologias digitais no contexto escolar são gigantescas e, diante da atual conjuntura, tornou-se uma ferramenta basal no auxílio às práticas metodológicas durante o ensino remoto. Isto porque tais tecnologias proporcionam uma maior diversidade de informações e de recursos que fornecem subsídios nas práticas pedagógicas dos educadores e possibilitam a realização de atividades que resultam na construção do conhecimento dos educandos.

Dentre os recursos ofertados pelas tecnologias, podemos destacar o uso dos jogos digitais, que no momento atual, são capazes de propiciar diversas possibilidades de interação e troca de conhecimentos. Por serem recursos digitais dinâmicos e atrativos, os jogos são instrumentos que podem instigar nos educandos um maior interesse na participação das aulas, mediadas através do ensino remoto. Logo, por meio da utilização de tais ferramentas é possível criar uma ponte entre as atividades interativas e os conteúdos propostos, favorecendo assim o processo de ensino-aprendizagem.

Os jogos já fazem parte de nosso cotidiano e tem ganhado, cada vez mais, espaço no dia a dia escolar. Tais recursos podem ser importantes para a aprendizagem, visto que podem mediar a construção de novos saberes de forma lúdica e recreativa. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), os jogos compõem uma forma interessante de propor problemas, visto que permitem que estes sejam apresentados de modo atrativo e favorecem a criatividade na elaboração de estratégias de resolução e busca de soluções, assim como propiciam a simulação de situações que exigem soluções vivas e imediatas, o que “estimula o planejamento das ações, possibilitando a construção de uma atitude positiva perante os erros, uma vez que as situações sucedem-se rapidamente e podem ser corrigidas de forma natural, no decorrer da ação, sem deixar marcas negativas” (BRASIL, 1998, p. 46).

Nesse sentido, utilizar os jogos digitais como ferramentas que possam colaborar no processo de ensino-aprendizagem é de suma relevância para entender como esses suportes tecnológicos podem colaborar no contexto educacional e no desenvolvimento de habilidades e competências importantes para os alunos.

Diante dessas circunstâncias, surgiu a necessidade e a curiosidade de analisar como a utilização dos jogos digitais podem colaborar nos processos de ensino-aprendizagem em uma turma do 3º ano do ensino fundamental da escola Plenitude Complexo Educacional, localizada na cidade de Angicos/RN. O presente artigo discute o uso dessas ferramentas, sua importância e, conseqüentemente, analisa a eficácia da utilização desses recursos digitais para o desenvolvimento das crianças dessa modalidade de ensino. Alicerçado em pesquisas bibliográficas, observação direta e participante *in loco*, possuindo abordagem qualitativa.

O uso dos jogos digitais como ferramentas de aprendizagem

As tecnologias digitais estão, cada vez mais, presentes no cotidiano dos alunos nos dias atuais, logo, é possível notar que muitas crianças estão acumulando informações e dominando com bastante facilidade os aparelhos eletrônicos e os recursos tecnológicos que permeiam a nossa sociedade.

De acordo com Lévy (2000), as novas tecnologias da comunicação e da informação transformam o conceito de conhecimento. O desenvolvimento de competências torna-se um processo contínuo e múltiplo, em suas fontes, em suas vias de acesso e em suas formas. Assim sendo, há um autêntico universo de informações que alimenta o fluxo incessante de construções possíveis de novos saberes. Nesse cenário, a escola tem o papel fundamental de orientar os educandos de modo a auxiliá-los na utilização dessas ferramentas, com o intuito de oportunizar melhores condições de construção de conhecimentos, uma vez que:

O estímulo ao pensamento criativo, lógico e crítico, por meio da construção e do fortalecimento da capacidade de fazer perguntas e de avaliar respostas, de argumentar, de interagir com diversas produções culturais, de fazer uso de tecnologias de informação e comunicação, possibilita aos alunos ampliar sua compreensão de si mesmos, do mundo natural e social, das relações dos seres humanos entre si e com a natureza (BRASIL, 2017, p. 56).

Para Antunes (2003), o jogo é toda e qualquer atividade que impõe desafios aos seus participantes, desde que o outro esteja estimulado. Nesse sentido, as crianças possuem um grande interesse pelos jogos digitais, já que tais recursos permitem a interação e a motivação por meio de desafios a serem vencidos e objetivos a serem cumpridos.

Diante disso, os jogos digitais podem ser excelentes aliados nas práticas docentes e para o desenvolvimento dos alunos, visto que proporcionam o compartilhamento de informações e de experiências, apresentam situações de resoluções de problemas, definem estratégias colaborativas entre os jogadores, possuem a capacidade de simulação, entre

outros aspectos que propiciam novas descobertas através do brincar. Assim sendo, a quantidade de informações, conhecimentos e valores que um jogo traz é bastante significativa, pois seu conteúdo é facilmente absorvido, entendido e socializado entre os jogadores, uma vez que os indivíduos interagem com os jogos, com suas narrativas e com seus discursos de forma ativa (TAVARES, 2006).

Os jogos podem apresentar duas funções importantes: a função lúdica, que propicia a diversão e o prazer através da brincadeira, e a função educativa, que proporciona a construção do saber do indivíduo, seus conhecimentos e sua compreensão de mundo (KISHIMOTO, 2001). Baseado nessas reflexões e diante da necessidade de instigar o interesse e a participação dos alunos durante o período de aulas remotas, surgiu a iniciativa de utilizar os jogos digitais no cotidiano escolar, com a finalidade de auxiliar o processo de ensino-aprendizagem de crianças do 3º ano do ensino fundamental.

Para isso, foram utilizados jogos *on-line* disponibilizados em sites educacionais, assim como jogos produzidos através do endereço eletrônico do *Wordwall* e elaborados pela própria professora da turma estudada, por meio das ferramentas de interações oferecidas pela *Microsoft Office Power Point*.

Inicialmente, os jogos foram pensados como uma estratégia para manter a atenção dos alunos, uma vez que se dispersavam com facilidade diante das aulas mediadas por meio das telas. Tais recursos foram grandes aliados para ajudar a manter a frequência e a participação dos educandos durante os encontros e momentos de aulas remotas, motivando-os a ligarem suas câmeras para interagir uns com os outros e aprender à medida que se divertiam. Com o sucesso da utilização dessas ferramentas durante as aulas remotas, os jogos passaram a ser usados mais frequentemente com o intuito de explorar os temas trabalhados, para que as crianças pudessem assimilar e consolidar as habilidades e competências propostas e sanar as principais dúvidas existentes entre os educandos da turma.

O planejamento também foi parte fundamental para obter o sucesso na execução das atividades e na realização dos jogos, pois as aulas eram adaptadas ao ritmo de aprendizagem e as dificuldades encontradas pelos educandos. Antunes (2003) afirma que jamais devemos pensar no uso dos jogos pedagógicos, sem um rigoroso e cuidadoso planejamento, marcado por etapas nítidas e que efetivamente acompanhem o progresso dos alunos. Por esse motivo, os jogos digitais eram selecionados ou elaborados com bastante cuidado para atingirem os objetivos propostos através de um detalhado planejamento. Além disso, eram feitas observações, reflexões e avaliações diárias para que

os jogos fossem utilizados como ferramentas capazes de desenvolver as dificuldades que os alunos apresentavam durante esse período, visto que:

Os jogos eletrônicos detêm uma tecnologia que contempla os aspectos como processamento, tomadas de decisões e de estabelecimento de estratégias de solução de problemas, além de utilizarem linguagem visual e sonora estimulantes para a criança, o que aparentemente contribui para a aprendizagem perceptiva, da atenção e da motivação. Esses aspectos são associados a um fator determinante, que é a familiaridade da criança com a linguagem utilizada nesses jogos e o tipo de raciocínio que é necessário desenvolver, para obter sucesso nessa forma de atividade lúdica (MUNGUBA *et al.*, 2003, p. 42).

Durante a utilização dos jogos, foi perceptível uma grande mudança de comportamento dos educandos que, por sua vez, sentiam-se mais motivados a participarem das aulas remotas e apresentavam mais interesse e maior interação, tanto com os seus colegas, como também com a educadora.

Os alunos ficavam na expectativa para as próximas aulas, mantinham suas câmeras ligadas, sugeriam ideias para a criação de novos jogos, se faziam presentes e construíam vínculos que foram de grande importância para o desempenho dos mesmos.

Com o auxílio de tais recursos, foi possível explorar praticamente todas as áreas de conhecimento e desenvolver diferentes habilidades e competências, por meio de jogos de estratégia, de raciocínio lógico, de memória e percepção, *quizzes*, entre outros e, mesmo trabalhando de forma remota, constatou-se o avanço dos alunos.

Percebe-se então que, em qualquer idade, uma atividade lúdica facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento (SANTOS, 2007).

Os educandos demonstravam bastante satisfação ao realizar os desafios apresentados pelos jogos, e com isso, se mantinham concentrados, ajudavam uns aos outros e vibravam em cada vez que conseguiam obter êxito. Assim sendo, podemos afirmar que os jogos se constituem um meio para construção e transformação da informação e do conhecimento, pois por um lado, permitem ao jogador o acesso à rede de informações e, por outro, são instrumentos eficazes para o desenvolvimento das interações entre as representações da comunidade de jogadores, permitindo a contextualização do conhecimento (MOITA; SILVA, 2006).

O uso dos jogos digitais como ferramenta de avaliação

Os jogos digitais também se tornaram um excelente instrumento de avaliação durante o período de aulas remotas, já que por meio de sua utilização foi possível observar e analisar o desempenho dos alunos diante dos objetos de conhecimentos propostos e possibilitou uma grande reflexão sobre os métodos de avaliação que podemos utilizar no cotidiano escolar, uma vez que durante o processo de avaliação da aprendizagem nós não precisamos julgar, mas diagnosticar, tendo em vista encontrar soluções mais adequadas e mais satisfatórias para os impasses e dificuldades. Para isso, não é necessário nem ameaça, nem castigo, mas sim acolhimento e confrontação amorosa (LUCKESI, 2005).

Diante dessas circunstâncias, a avaliação podia ser realizada de forma individual, uma vez que a educadora compartilhava o *link* com as crianças, que por sua vez, registravam seus nomes, fornecendo assim, opções para examinar os resultados, investigar o desempenho dos alunos e o desenvolvimento de cada um.

Os jogos também podiam ser usados através do compartilhamento de tela, onde os alunos iam dialogando sobre quais opções seguir e as possíveis soluções para obter êxito diante dos desafios apresentados. Logo, era possível analisar se o aluno estava seguro e correto diante das respostas sugeridas ou dos objetivos que precisavam ser alcançados, bem como perceber se o aluno apresentava certa insegurança diante das etapas do jogo ou se tinha dificuldade de alcançar os objetivos estabelecidos.

Dessa forma, podíamos nos aprofundar e trabalhar tais dificuldades a fim de sanar as dúvidas presentes durante a execução do jogo e no decorrer das aulas, visto que o processo de avaliar permite tomar conhecimento do que se aprendeu e do que não se aprendeu e reorientar o educando para que supere suas dificuldades, na medida em que o que importa é aprender (LUCKESI, 2005).

Por fim, foi possível realizar avaliações coletivas, com o intuito não só de verificar o grau dificuldade dos educandos, que eram divididos em grupos, mas perceber como eles se ajudavam para conseguir finalizar as etapas apresentadas pelos jogos, tornando possível diagnosticar as habilidades referentes aos objetos de conhecimentos trabalhados, bem como os alunos esperavam sua vez para falar, respeitavam o momento do colega, tomavam decisões, interpretavam as situações e resolviam problemas, trabalhavam em equipe, colaboravam uns com os outros, compreendiam, aceitavam e cumpriam as regras, entre outros aspectos. Logo, podemos ressaltar que, por meio dos jogos eletrônicos, o ser humano pode desenvolver seus aspectos motores, psicológicos e sensoriais, o que se torna importante também para um maior aproveitamento cultural e social do jogador em sua vida

real (HUIZINGA, 2007).

Considerações (não) finais

A partir de tudo que foi supracitado, pode-se afirmar que é possível promover situações de ensino-aprendizagem utilizando os recursos tecnológicos de forma contextualizada. Observou-se, por conseguinte, que os educandos precisavam de estímulos e metodologias de ensino dinâmicas e atrativas para manterem a atenção e a vontade de estudar durante o ensino remoto, mediado por meio das telas. Logo, o uso dos jogos digitais e as estratégias de ensino utilizadas conseguiram despertar a curiosidade e o interesse dos alunos de forma bastante positiva.

Diante das situações vivenciadas, pode-se constatar que a utilização dos jogos digitais promoveu mudanças significativas no comportamento dos alunos resultando em uma maior participação, comunicação, desempenho, aprendizagem e maior interação entre educandos e educadora. Com essa experiência, ficou claro que os jogos podem ser recursos tecnológicos importantes no auxílio às práticas metodológicas, isto porque tais instrumentos proporcionam uma diversidade de informações, conhecimentos e ferramentas atrativas para se desenvolver atividades que resultam na construção de novos saberes, uma vez que, parafraseando Freire (2005), o ato de ensinar não consiste em transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção e construção.

Portanto, comprovou-se o benefício e a eficácia da utilização dos jogos digitais no processo de ensino-aprendizagem das crianças do 3º ano do ensino fundamental, uma vez que tais recursos ajudaram a romper com a monotonia das aulas remotas e possibilitaram a inovação das práticas educativas. Nesse contexto, os jogos digitais podem ser usados de modo interativo no cotidiano escolar com a finalidade de contribuir na formação crítica, criativa e autônoma dos educandos, trabalhar suas principais dificuldades e auxiliá-los na construção de novos conhecimentos, de forma dinâmica, divertida e atrativa.

Referências

ANTUNES, C. **Jogos para estimulação das múltiplas inteligências**. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Matemática**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 31 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**: O jogo como elemento da cultura. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

KISHIMOTO, M. T. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem na escola**: reelaborando conceitos e criando a prática. 2 ed. Salvador: Malabares Comunicações e eventos, 2005.

MOITA, F.; SILVA, A. **Os games no contexto de currículo e aprendizagens colaborativas on-line**, 2006. Disponível em: <http://www.filomenamoita.pro.br/pdf/osgames.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2021.

MUNGUBA, M. C.; VALDÉS, M. T. M.; MATOS, V. C.; SILVA, C. A. B. Jogos eletrônicos: apreensão de estratégias de aprendizagem. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 16, n. 1, 2012, 39–48. <https://doi.org/10.5020/330>. Acesso em: 30 mar. 2021.

SANTOS, M. P. (org.). **O lúdico na formação do educador**. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

TAVARES, M. T. S. **Jogos eletrônicos**: educação e mídia, 2006. Disponível em: <http://www.comunidadesvirtuais.pro.br/seminario2/trabalhos/marcostavares.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2021.

O LÚDICO NO OLHAR PSICOPEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL³

Solange Nascimento de Oliveira Souza⁴

Mayara Ferreira de Farias⁵

Francisco Leilson da Silva⁶

Mayane Ferreira de Farias⁷

Resumo

O objetivo central deste artigo foi estudar sobre o papel do lúdico como recurso facilitador da aprendizagem nas práticas educativas com alunos da educação infantil no contexto da socialização por meio do brincar, fortalecendo o desenvolvimento integral em todos os seus aspectos: pedagógicos, cognitivo e psicomotor. Esta pesquisa trata, pois, sobre a ludicidade na educação infantil, mostrando como as atividades lúdicas podem auxiliar no processo de aquisição de conhecimento promovido pelo professor, bem como facilitar o relacionamento entre o psicopedagogo e o aprendiz que apresenta dificuldades de aprendizagem. Possui abordagem qualitativa, com uso de pesquisa bibliográfica e documental. Para melhor compreender a relevância do lúdico na prática pedagógica, foram considerados os estudos de Almeida (2008), Vygotsky (1989) e Kramer (1995). Ao final, pode-se constatar que as práticas lúdicas são indissociáveis da educação escolar, tanto na promoção dos conhecimentos quanto no diagnóstico dos fatores que fogem ao domínio do pedagogo e que impedem a aprendizagem dos sujeitos aprendizes.

Palavras-chave: Ludicidade. Psicopedagogia. Aprendizagem.

³ Artigo produzido a partir do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade do Maciço de Baturité – FMB - como um dos pré-requisitos para a obtenção do título de especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica.

⁴ Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade do Maciço de Baturité – FMB.

⁵ Doutoranda pela UFRN (PPGTUR) - todos os créditos já foram integralizados. Mestre em Turismo pela UFRN (PPGTUR). Especialista em Gestão Pública Municipal pela UFPB. Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana/NCCE pela UFRN. Especialista em Política de Promoção da Igualdade Racial (UNIAFRO) pela UFERSA. Graduada em Letras Espanhol (IFRN). Bacharel em Turismo (UFRN). Graduada em Filosofia (ISEP). Técnico em Guia de Turismo Regional pelo SENAC (Natal). Atualmente, é avaliadora voluntária em dez periódicos com Qualis Capes. É Pesquisadora Voluntária no Grupo de pesquisa em Marcas e Marketing (UFRN). É membro do Corpo Editorial da Revista Querubim - UFF. Atua e pesquisa nas seguintes áreas: Desenvolvimento e Gestão do Turismo; Teoria do Turismo; Metodologia da pesquisa; Metodologia do trabalho Científico; História e Cultura Africana e Afro-brasileira; Turismo em Comunidades Quilombolas; Turismo; Planejamento do Turismo; Transdisciplinaridade; Interdisciplinaridade; Educação; Ensino; Língua Espanhola; Linguística; Leitura e escrita; Eventos, Lazer e Planejamento. E-mail: mayaraferreiradefarias@gmail.com.

⁶ Doutorando do PPGE/UFRRN. Mestre em linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2016). Bolsista de iniciação científica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Professor - Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte. Professor, orientador e tutor na Educação a Distância (UAB/EaD/IFRN).

⁷ Licenciada em Computação e Informática pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Graduanda em Administração pela UNIASSELVI. Professora da EEJJ - Escola Estadual José Joaquim. Professora da EECIT - Escola Cidadã Integral Técnica Professor Lordão. Foi tutora da disciplina Banco de Dados e Design Web no Curso de Informática para Internet do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Foi tutora do módulo avançado de WEB do Instituto Metrópole Digital (IMD). Participou como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) por 3 anos. Foi aluna do Curso Técnico Subsequente em Informática pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte/Santa Cruz-RN (IFRN), estagiando 400 horas na Prefeitura Municipal de Coronel Ezequiel/RN na área de computação e informática. cursou 3 anos de Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Campina Grande/ Campus de Cuité/PB (UFCG). Prestou serviços como voluntária na área de microinformática básica de janeiro de 2009 a março de 2012 na Prefeitura Municipal de Coronel Ezequiel/RN. Ministrando aulas de informática no período de Janeiro de 2010 a Novembro de 2012 na Escola Municipal Manoel Cassimiro Gomes no município de Coronel Ezequiel/RN. Foi voluntária no Projeto de "Inclusão digital na Cidade de Coronel Ezequiel/RN" ministrando palestras como auxiliar - com 420 horas de aula. E-mail: mayanefarias@hotmail.com.

Abstract

The main objective of this article was to study the role of play as a resource that facilitates learning in educational practices with early childhood students in the context of socialization through play, strengthening integral development in all its aspects: pedagogical, cognitive and psychomotor. This research therefore deals with playfulness in early childhood education, showing how playful activities can help in the process of acquiring knowledge promoted by the teacher, as well as facilitating the relationship between the psychopedagogue and the learner who has learning difficulties. It had a qualitative approach, using bibliographic and documentary research. To better understand the relevance of play in pedagogical practice, studies by Almeida (2008), Vygotsky (1989) and Kramer (1995) were considered. In the end, it can be seen that playful practices are inseparable from school education, both in the promotion of knowledge and in the diagnosis of factors that are beyond the domain of the pedagogue and that prevent the learning of the learning subjects.

Keywords: Playfulness. Psychopedagogy. Learning.

Resumen

El presente artículo tuvo como objetivo principal estudiar el papel del juego como recurso que facilita el aprendizaje en las prácticas educativas con estudiantes de primera infancia en el contexto de la socialización a través del juego, fortaleciendo el desarrollo integral en todas sus vertientes: pedagógica, cognitiva y psicomotriz. Por lo tanto, esta investigación trata sobre la lúdica en la educación infantil, mostrando cómo las actividades lúdicas pueden ayudar en el proceso de adquisición de conocimientos promovido por el maestro, además de facilitar la relación entre el psicopedagogo y el educando que tiene dificultades de aprendizaje. Tuvo un enfoque cualitativo, utilizando la investigación bibliográfica y documental. Para comprender mejor la relevancia del juego en la práctica pedagógica, se consideraron los estudios de Almeida (2008), Vygotsky (1989) y Kramer (1995). Al final, se puede apreciar que las prácticas lúdicas son inseparables de la educación escolar, tanto en la promoción del conocimiento como en el diagnóstico de factores que escapan al dominio del pedagogo y que impiden el aprendizaje de los sujetos de aprendizaje.

Palabras clave: Alegría. Psicopedagogía. Aprendiendo.

Introdução: um convite ao tema

O lúdico faz parte da história desde a antiguidade, com sinais de ludicidade diretamente relacionados com afetividade, cultura e lazer. O brincar é, pois, uma atividade prática e, por meio dela, os sujeitos constroem e transformam seu mundo, ressignificando sua realidade.

O brincar pode auxiliar, também, que uma criança possa desenvolver sua identidade e autonomia. Destarte, o brincar é mais que uma atividade lúdica, pois possui especificidades voltadas para obtenção de informação, além de contribuir para que a criança adquira flexibilidade, interesse e vontade de experimentar novos caminhos, proporcionando momentos de interação em diversos contextos, incentivando a autoconfiança, além de elevar a autoestima, estimulando o sujeito a persistir e a perseverar.

A psicopedagogia, neste contexto, pode contribuir significativamente na prática pedagógica da escola, na busca por desenvolver, no sujeito, o prazer e o desejo de aprender a partir das brincadeiras e dos jogos, buscando estratégias educativas adequadas para cada faixa etária.

Nesta perspectiva, cabe destacar que as estratégias lúdicas organizadas pelas brincadeiras e jogos podem fazer parte do desenvolvimento de uma ação psicopedagógica sistematizada e ampla que objetive atingir não somente as crianças pelo psicopedagogo, mas outros profissionais da escola e familiares.

A prática do psicopedagogo pode ser útil no fazer através de uma escuta e um olhar diferenciado para o valor do lúdico na educação infantil. É oportuno, então, compreender o papel que a ludicidade traz para ajudar aos educandos na construção de saberes pertinentes que os levam a construir seu processo de leitura e escrita, ampliando sua visão de mundo, seu raciocínio lógico de forma e estimular outros saberes.

Dessa forma, o propósito principal deste artigo foi estudar sobre o papel do lúdico como recurso facilitador da aprendizagem nas práticas educativas com alunos da educação infantil que podiam socializar por meio do brincar, fortalecendo o desenvolvimento integral em todos os seus aspectos: pedagógico, cognitivo e psicomotor.

Para o desenvolvimento desse trabalho, optou-se por realizar uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, de caráter descritivo, com aporte teórico em autores como Almeida (2008), Vygotsky (1989) e Kramer (1995).

Por meio do desenvolvimento de práticas lúdicas que envolvem o jogar e o brincar, o sujeito potencializa o desenvolvimento afetivo, aprende a aceitar e submeter seus impulsos e desejos às exigências do jogo, além de aprender a conviver com frustrações e alegrias, bem como a respeitar regras as quais contribuirão para o seu convívio em sociedade.

E, como melhor forma de organizar o presente trabalho, optou-se por estruturá-lo e dividi-lo em quatro tópicos. O primeiro traz um breve relato histórico da psicopedagogia e do seu campo de atuação. No segundo, realiza-se um sobrevoo sobre os aspectos históricos e legais da educação infantil enquanto nível de ensino da educação básica. O terceiro traz definições do lúdico sob a perspectiva dos maiores estudiosos do desenvolvimento infantil. O quarto, por sua vez, versa sobre o entendimento da psicopedagogia e da relevância e papel da ludicidade nas práticas escolares e na investigação diagnóstica dos problemas de aprendizagem. Por fim, são tecidas as considerações finais e as referências que forneceram suporte teórico que fundamentaram este estudo.

Contextualizando a psicopedagogia

A psicopedagogia, enquanto campo de estudo, tem como objeto de estudo e análise os problemas de aprendizagem, na busca por compreendê-los como um processo inerente à educação. Neste sentido, constatou-se que o surgimento da psicopedagogia ocorreu “na fronteira

entre pedagogia e a psicologia, a partir das necessidades de atendimento de criança com distúrbios de aprendizagem, consideradas inaptas dentro do sistema convencional” (KIGUEL, 1991, p. 22), ou seja, sistema onde todos deveriam aprender igualmente e ao mesmo tempo, ignorando o fato de que cada indivíduo é único.

Contudo, a preocupação com os problemas de (não) aprendizagem e com a inexistência de uma aprendizagem bem-sucedida fez com que a psicopedagogia adquirisse espaço próprio, pesquisas e representantes em várias partes do mundo.

No início do século XX, o enfoque orgânico orientou médicos, educadores e terapeutas para definir problemas de aprendizagem, estimulando estudos neurológicos, neurofisiológico e neuropsiquiátricos, desenvolvidos em laboratórios próximo a hospícios que classificavam severamente os pacientes como anormais. Aos poucos, os conceitos de anormalidades foram enquadrados nas escolas e, conseqüentemente, a criança que não conseguia aprender era determinada como anormal - devido a causa do seu fracasso escolar ser responsável por alguma anomalia anatomofisiológica (KIGUEL, 1991).

Neste sentido, é pertinente destacar que, por se tratar de um processo complexo, a aprendizagem humana exige investigação científica integrando vários saberes, na qual a capacidade de aprender engloba a questão do desenvolvimento de diversos aspectos, focalizando os processos psicolinguístico, psicomotor, cognitivo e o socioafetivo. Nesse contexto, a psicopedagogia caracteriza-se por um processo de investigação e intervenção nos processos de aprendizagens que busca compreender como o sujeito elabora e se compreende na relação com o conhecimento em situação de aprendizagem ou não aprendizagem.

Historicamente, segundo Bossa (2007, p. 36), “os primórdios da psicopedagogia ocorreram na Europa, ainda no século XIX, evidenciada pela preocupação com os problemas de aprendizagem na área médica. Em decorrência dos fatos afetando o desenvolvimento escolar dos alunos da época”, acreditavam que eram gerados por causas orgânicas, associando ao aspecto físico.

Ainda de acordo com Bossa (2007, p. 48), “a crença de que os problemas de aprendizagem eram causados por fatores orgânicos perdurou por muitos anos e determinou a forma do tratamento dada à questão do fracasso escolar até bem recente”.

O campo de atuação da psicopedagogia

Embora as condições em que a formação dos profissionais, que trabalham no campo da psicopedagogia, sejam distintas em cada país, em que alguns não têm a mesma estrutura para formação pedagógica e psicopedagógica, sempre existirá a obediência aos objetivos primários da

psicopedagogia, que é ocupar-se do processo de aprendizagem de forma plena, com vistas a compreendê-lo e diminuir as dificuldades enfrentadas pelos sujeitos.

Nesse contexto, Bossa (2007) pontua que a psicopedagogia “ocupa-se da aprendizagem humana que adveio de uma demanda – o problema de aprendizagem, colocado num território pouco explorado, situado além dos limites da psicologia e da própria pedagogia [...]” (BOSSA, 2007, p. 21). Dessa forma, a psicopedagogia tem um campo de atuação muito diversificado, podendo ser utilizada em clínicas e em diversos tipos de instituições como, por exemplos: escolas, hospitais, empresas públicas e privadas, ONGs. Dentro dessas organizações, seu papel será, dentre outras perspectivas, o de conduzir o processo de ensino-aprendizagem de forma sistêmica e assistêmica, partindo de uma análise mais aprofundada dos aspectos que possam estar intervindo e prejudicando a absorção do conhecimento.

Complementa, ainda, que “a psicopedagogia estuda as características de aprendizagem humana: como se aprende, como essa aprendizagem varia evolutivamente e está condicionada por vários fatores, como se produzem as alterações na aprendizagem, como reconhecê-las, tratá-las e preveni-las” (BOSSA, 2007, p. 21).

Dessa forma, por entender que a psicopedagogia se ocupa em entender o processo de aprendizagem e os fenômenos que possam obstruí-lo, parcial ou completamente, o psicopedagogo se apresenta como o profissional especializado para atuar neste meio, colaborando e explicando sobre as dúvidas e os diversos aspectos que formam o processo de aprendizagem.

Assim, ao pretender-se delinear o campo de atuação do profissional da psicopedagogia, é necessário levar em consideração as diferentes modalidades de atuação e os variados públicos que o mesmo irá assistir. E, por entender que a prática psicopedagógica se ocupa do conhecimento dos processos de aprendizagem em seus mais variados aspectos, que podem ser cognitivos, sociais e biológicos, compreende-se que seu público também seja múltiplo, tanto na faixa etária, classe social, transtorno de aprendizagem apresentado, meio social diversificado, quanto em diversos outros aspectos.

Diante disso, presume-se que o psicopedagogo pode atuar tanto no processo normal de aprendizagem, quanto intervindo e orientando relacionamento múltiplos do sujeito assistido – que podem ser, por exemplos: docentes, comunidade escolar, companheiros de trabalho, quadro hierárquico, clientes, dentre outros. Destarte, o psicopedagogo deve conhecer e construir projetos de intervenção que podem operar tanto na prática clínica individual quanto em grupos.

Educação infantil: breves considerações

Por muito tempo, o ensino na primeira infância era compreendido como de menor importância. Contudo, hoje, é sabido que a estimulação precoce das crianças contribui significativamente para o seu aprendizado futuro, desenvolvendo suas capacidades motoras, afetivas e de relacionamento social, fornecendo os campos de ação. Nesses campos, estão especificados o conhecimento próprio e do outro, o brincar, o movimento, a linguagem oral e escrita, a matemática, as artes visuais, a música e o conhecimento de mundo. Sendo assim, o contato das crianças com os educadores transforma-se em uma relação de aprendizagem.

Considerada a primeira etapa da educação básica, a educação infantil tem por objetivo desenvolver integralmente, não apenas o aspecto cognitivo, como o físico e o socioemocional da criança. Sendo a educação infantil dividida em duas etapas: creche - para crianças de 0 a 3 anos, e pré-escola - com crianças de 4 a 5 anos e 11 meses (BRASIL, 1996).

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394/96, Art. 29, a educação infantil é conceituada como “a primeira etapa da educação básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996, não paginado). Dessa forma, verifica-se que a etapa da educação básica tem uma função pedagógica, um trabalho que toma a realidade e os conhecimentos infantis como ponto de partida e os amplia através de atividades que tem significado concreto para a vida das crianças, e simultaneamente asseguram a aquisição de novos conhecimentos.

Sabe-se, por conseguinte, que a criança está sempre descobrindo e aprendendo coisas novas, por causa do contato com o meio em que vive, obtendo também o domínio sobre o mundo com o passar dos anos. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, a educação infantil tem por finalidade “ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar [...]” (BRASIL, 2017, p. 32).

Ainda de acordo com a BNCC, o desenvolvimento de habilidades das crianças é parte do trabalho diário do educador, de maneira a “refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças” (BRASIL, 2017, p. 35).

Sendo assim, é na educação infantil que auxiliam a criança a explorar seu próprio corpo, permitindo descobrir os seus limites e propiciando o desenvolvimento de suas habilidades motoras, tornando-os independentes. Para Pacheco (2013), o desenvolvimento motor, é contínuo e modificado de acordo com o meio em que a criança esteja inserida. Entretanto, é de suma

importância que este meio favoreça a aquisição de habilidades.

Atividades como correr, pular, arremessar ou apanhar algo, são exemplos de formas básicas que auxiliam no desenvolvimento de habilidades motoras. Nesse sentido, é fundamental que o educador oportunize experiências estimuladoras que possibilitem que a criança construa seu próprio conhecimento, considerando suas características étnicas, religiosas, econômicas e todas as suas necessidades específicas. Portanto, compete ao educador do ensino infantil considerar que as crianças são diferentes entre si, implicando em uma educação baseada em condições de aprendizagem que as respeitem como pessoas singulares.

Aspectos históricos da educação infantil

A educação infantil tem, em seu histórico, uma política de atendimento direcionada para a assistência e de lutas excessivas para a valorização da infância, enquanto etapa importante do desenvolvimento infantil. A fundação da educação infantil ocorre com o novo conceito dado à infância, um novo olhar sobre a criança e o seu desenvolvimento e, também, pela inserção da mulher no mercado de trabalho.

Durante o século XIX, existiram movimentos esparsos - tanto nos Estados Unidos como na Europa, pela institucionalização da educação pré-escolar. O objetivo primordial não era atender a criança pré-escolar, mas guardá-la enquanto suas mães trabalhavam. Mendes (1999, p. 42) destaca que “[...] com os avanços dos conhecimentos sobre a natureza no ritmo da aprendizagem infantil, foi possível visualizar uma nova função da pré-escola de preparar convenientemente as crianças de 0 a 6 anos para melhor desempenho no ensino de primeiro grau”.

De acordo com Kramer (1995, p. 25), “surtem os jardins da infância por Froebel, nas favelas alemãs, por Montessori nas favelas italianas. A pré-escola era encarada, por esses educadores, como uma forma de superar a miséria, a pobreza e a negligência familiar”. Neste contexto, pode-se afirmar que é possível compreender que a educação das crianças não tinha cunho formativo. A educação era vista como uma preocupação em cuidar e promover a saúde. Ocorre, então, uma espécie de laboratório, incubadora do que seria a creche e a pré-escola instituídas atualmente, salvo as determinações que dão à creche uma função também de educar.

Kramer (1995) dividiu os períodos históricos de atendimento à criança da seguinte maneira: do período 1500 até 1874, não houve preocupação com as crianças; já no período de 1874 a 1899, o referida autora aponta que foi a época conhecida como dos médicos-higienizantes – iniciativas voltadas às crianças se dirigiam contra a alarmante mortalidade infantil - a partir da década de 30. Salienta, por conseguinte, sobre mudanças ocorridas na sociedade que atingia

diariamente a educação e o cuidado das crianças brasileiras.

A partir da segunda metade do século XIX, o quadro das instituições destinadas à primeira infância era formado da creche e do jardim de infância, ao lado de outras modalidades educacionais, que foram investigadas como modelos em diferentes países. No Brasil, por exemplo, a creche foi criada exclusivamente com a função assistencialista - para distinguir das demais criadas nos países europeus que tinham seu caráter pedagógico (KRAMER, 1995).

As primeiras tentativas de creches, asilos e orfanatos no Brasil surgiram com o intuito de auxiliar as mulheres que trabalhavam fora de casa e as viúvas desamparadas. Outro elemento importante que contribuiu para o surgimento dessas instituições foram as iniciativas de acolhimento aos órfãos abandonados que, apesar de apoio da alta sociedade, tinha como finalidade esconder a vergonha das mães solteiras (KRAMER, 1995), já que as crianças “[...] eram sempre filhos da corte, pois somente essas tinham que se envergonhar e motivo para se descartar do filho indesejado” (RIZZO, 2003, p. 37).

Do ponto de vista histórico, a própria literatura traz o jardim de infância como uma instituição pedagógica que, desde sua origem, teve pouca preocupação com os cuidados físicos da criança. Assim, vale destacar que o primeiro jardim de infância criado em meados de 1840 em Blankeburgo por Froebel, tinha uma preocupação não só de educar e cuidar das crianças, mas de transformar a estrutura familiar de modo que as famílias pudessem cuidar melhor de seus filhos (KRAMER, 1995).

Os estudos que atribuíram aos jardins de infância uma dimensão educacional e não assistencial, como outras instituições de educação infantil, deixaram de levar em consideração as “evidências históricas que mostram uma estrutura relacional entre ambos aspectos – onde a assistência passou, no final do século XIX, a privilegiar políticas de atendimentos à infância, contemplando as creches e escolas maternas” (KUHLMANN JÚNIOR., 2001, p. 28).

Aspectos legais relacionados à educação infantil

Na década de 80, diferentes setores da sociedade, como organizações não governamentais, pesquisadores na área da infância, comunidade acadêmica e população civil uniram forças com o objetivo de comover a sociedade sobre o direito da criança à uma educação de qualidade desde o seu nascimento. Do ponto de vista histórico, foi necessário quase um século para que a criança tivesse assegurado seu direito à educação na legislação. Contudo, foi somente com a carta constitucional de 1988 que esse direito foi efetivamente reconhecido (KUHLMANN JÚNIOR., 2001).

No Brasil, o atendimento às crianças da educação infantil começa a ser conhecido na Constituição Federal de 1988 em seu artigo 208, inciso 4º, no qual assegura o atendimento de

criança até cinco anos na educação infantil em creches e pré-escolas. O documento definia que é dever da família, da sociedade e o estado assegurar a criança e ao adolescente com absoluta “prioridade, o direito à vida, à saúde, à educação ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão” (BRASIL, 1988, não paginado).

A constituição representa uma valiosa contribuição na garantia de nossos direitos, visto que, por ser fruto de um grande movimento de discussão e participação da população civil e poder público, “[...] foi um marco decisivo na afirmação dos direitos da criança no Brasil” (LEITE FILHO, 2001, p. 31). Na realidade, foi somente com a Constituição de 1988 que a criança de zero a seis anos foi compreendida como sujeito de direito.

Dois anos após a aprovação da Constituição Federal de 1988, foi aprovado o Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei de n. 8.069/90 que, ao regulamentar o artigo de n. 227 da Constituição Federal, inseria as crianças no mundo dos direitos humanos (BRASIL, 1994). De acordo com seu artigo 3º, a Constituição Federal defende que a criança e o adolescente devem ter assegurados os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, para que seja possível, desse modo, ter acessos às oportunidades de “[...] desenvolvimento físico, mental, oral, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade” (BRASIL, 1994, não paginado).

Inserir as crianças e adolescentes no mundo dos direitos humanos, e o ECA estabeleceu um sistema de elaboração e fiscalização de políticas públicas voltada para a infância, tentando com isso impedir desmandos, desvios de verbas e violações dos direitos das crianças. Serviu ainda, como base para a construção de uma nova forma de olhar a criança. Uma criança com direito de ser criança. Direito ao afeto, direito de brincar, direito de querer, direito de não querer, direito de conhecer, direito de sonhar. Isso quer dizer que são atores do próprio desenvolvimento (FERREIRA, 2000, p. 184).

O atendimento à criança ampliou-se com a Constituição de 1988, permitindo, assim, que novos documentos surgissem para compor e nortear o trabalho com crianças, como: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 5692/1971, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação LDB 9394/1996 e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 5692/1971 em seu artigo de n. 7, parágrafo segundo, institui que “os sistemas de ensino valerão para que as crianças de idade inferior recebam convenientemente educação em escolas maternas, jardins de infância e instituições equivalentes” (BRASIL, 1996, não paginado).

O lúdico: definições, contextos e relações

A palavra “lúdico” origina-se do latim *ludus*, que significa brincar, integrando os jogos,

divertimentos, brinquedos e movimentos espontâneos. O lúdico também pode ser usado no contexto educacional, oportunizando a aprendizagem do indivíduo, ampliação do seu conhecimento e sua concepção de mundo. A ludicidade, por sua vez, é uma necessidade de grande importância para o ser humano, independentemente de sua idade e não deve ser vista simplesmente como diversão, mas como aprendizagem (MARCELINO, 1996).

O brincar, por sua vez, é uma essência da infância. Ele permite a realização do aprendizado, estimula a afetividade. Assim, é preciso determinar com o brincar uma relação natural e espontânea, expressando angústias e paixões, alegrias, tristezas e agressividade (MARCELINO, 1996).

Desde os tempos mais primitivos até a sociedade atual, o lúdico e as brincadeiras fazem parte da vida da criança. Viver no mundo da fantasia, do encantamento, da diversão e dos sonhos, parte da revelação de si mesmo, do experimentar, do criar e recriar, proporcionando ao indivíduo seu saber, sua compreensão do mundo, seu entendimento, facilitando a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal e coletivo, trazendo benefícios para a saúde mental, socialização, comunicação, expressão e valorizando a capacidade de criar que está inerente nesta ação (MARCELINO, 1996).

É fundamental que se assegure à criança “o tempo e os espaços para o caráter lúdico do lazer seja vivenciado com intensidade capaz de formar a base sólida para a criatividade e participação cultural e, sobretudo, para o exercício do prazer de viver [...]” (MARCELINO, 1996, p. 38). Deste modo, as estratégias lúdicas permitem ao indivíduo conhecer-se como pessoa, desenvolver-se emocionalmente, oportunizando e garantindo o desenvolvimento de capacidades, dentre elas: o afeto, a partilha e a concentração - eficientes e integrantes.

Ao brincar de “faz de conta”, as crianças buscam imitar, imaginar, representar e comunicar, de forma específica ou de outra, que uma pessoa pode ser uma personagem, ou que uma criança pode ser um objeto ou animal, que um lugar é outro (OLIVEIRA, 1992). Brincar é, assim, um espaço no qual se pode observar a coordenação das experiências prévias das crianças e aquilo que os objetos manipulam, sugerem ou aprovam no momento. Na brincadeira infantil, “a criança assume e exercita os vários papéis com os quais interage no cotidiano, o motorista, jogando esses papéis em situações variadas” (OLIVEIRA, 1992, p. 57).

O brinquedo, por sua vez, além de ser a principal atividade da criança, é uma “maneira privilegiada pela qual sua mente e suas capacidades psicológicas superiores, tais como, a atenção, a memória, a imaginação e a criatividade se desenvolvem” (ZANLUCHI, 2005, p. 2). Nesta perspectiva, a busca do saber torna-se fundamental quando a criança aprende brincando. Através das brincadeiras, pode-se formar cidadãos com autonomia, incentivados para muitos interesses..

O entendimento da psicopedagogia na importância das atividades lúdicas

A prática das atividades lúdicas é fundamental para o entendimento psicopedagógico, no qual colabora para que os alunos possam adquirir desempenho. No entanto, somente tais atividades não resolvem o processo educacional, elas podem auxiliar em benefício de promover mudanças significantes. Neste contexto, a ludicidade e os jogos são recursos excelentes para o entendimento psicopedagógico, usados como instrumento de vinculação cognitiva com a aprendizagem. É necessário, então, que o psicopedagogo faça intervenções de forma que o aluno perceba e construa sua própria maneira de aprender (NEGRINE, 1994).

Em razão disso, torna-se primordial destacar que os jogos e brincadeiras são atividades lúdicas, que facilitam os educandos a desenvolverem suas capacidades intelectuais. O psicopedagogo que se utiliza dos jogos simbólicos como ferramentas para intervenção ou avaliação pretende resgatar os aspectos cognitivos, afetivos-emocional dos conteúdos ministrados em sala de aula, estimulando a buscar um aprendizado prazeroso para realizar o levantamento de hipótese diagnóstica a respeito de limitações e possibilidades do discente (MARCELINO, 1996).

Outrossim, diferentes tipos de atividades lúdicas podem ser conhecidos como uma intervenção de caráter preventivo ou curativo. É preciso, pois, determinar qual dificuldade e criar situações convenientes para superação. No sentido de despertar para o fato de que as atividades lúdicas são necessárias durante as intervenções psicopedagógicas e terapêuticas (NEGRINE, 1994).

Diante disso, quando o psicopedagogo leva em consideração o aspecto da brincadeira como meio pedagógico, a criança passa a apresentar um conhecimento adequado com o que é proposto e isso permite que o educando absorva o assunto. Dito de outra forma, quando há a compreensão de toda a equipe pedagógica de que o lúdico é parte fundamental no que se refere à área cognitiva, o processo da aprendizagem se torna muito mais fácil de ser instruído pelo especialista e compreendido pelo discente (NEGRINE, 1994).

Assim, as contribuições das atividades lúdicas no desenvolvimento integral indicam que elas contribuem significativamente no desenvolvimento global da criança e que todas as dimensões estão intrinsecamente vinculadas: “a inteligência, a afetividade, a motricidade e a sociabilidade são inseparáveis, sendo a afetividade a que constitui a energia necessária para a progressão psíquica moral, intelectual e motriz da criança” (NEGRINE, 1994, p. 19).

As terapias psicopedagógicas com jogos e brincadeiras

A psicopedagogia é percebida como área de conhecimento inter e multidisciplinar,

trazendo como propósito de estudo a aprendizagem humana. O lúdico, por sua vez, é considerado um recurso útil para compreender o não aprender de um sujeito, o que exige dinamicidade, estudos e reflexão prática (NEGRINE, 1994).

Nesse sentido, é necessário que o psicopedagogo assuma um papel fundamental no espaço institucional e clínico onde trabalha, potencializando e atendendo as necessidades individuais e coletivas no decorrer do processo de ensino-aprendizagem com uma visão inter e multidisciplinar que vá além de identificar as dificuldades dos aprendentes. É preciso saber encaminhar cada caso para se ter sucesso na prática psicopedagógica (NEGRINE, 1994).

A ludicidade não poderá deixar de se fazer presente nessa relação. É brincando que, tanto os aprendentes quanto os ensinantes, experimentam, constroem novas estratégias de ações, organizam e reorganizam um espaço próprio de experimentação, de transição entre o mundo psíquico e o mundo físico, ou seja, seu mundo interno e o externo (VYGOTSKY, 1989). Deste modo, entende-se que é de fundamental relevância a existência de um fazer lúdico na prática do psicopedagogo, na medida em que o jogar e o brincar abrangem três principais aspectos, quais sejam: o jogo, a imitação e a linguagem - aspectos imbuídos de significados na função semiótica (PAIN, 1985).

O uso da ludicidade na ação psicopedagógica é, neste contexto, mais uma estratégia na compreensão do funcionamento dos processos orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos que transitam e possuem impacto na aprendizagem do aprendiz e na observação do terapeuta (NEGRINE, 1994).

Diante disso, a criança utiliza as brincadeiras para criar oportunidades para interagir com todos ao seu redor. Essa interação pode, então, contribuir para o desenvolvimento das habilidades psicomotoras, cognitivas e, também, influenciar positivamente o relacionamento afetivo entre os educandos, que podem construir novos ou reforçar os laços de amizade já existentes entre si, além de existir, ainda, a possibilidade de aquisição de novos conhecimentos (NEGRINE, 1994).

Quanto à educação lúdica, é pertinente destacar que, “[...] além de contribuir e influenciar na formação da criança e do adolescente, possibilitando um crescimento sadio, um enriquecimento permanente, integra-se ao mais alto espírito de uma prática democrática enquanto investe em uma produção séria do conhecimento” (ALMEIDA, 2008, p. 41).

A educação lúdica contribui, por conseguinte, para a formação do infante, possibilitando um enriquecimento pedagógico e de valores culturais, ensinando a respeitar as opiniões dos outros e ampliando o conhecimento. Destarte, a criança, quando joga, percebe seu lugar e valor no grupo social, construindo pensamento, dissolvendo paulatinamente o egocentrismo que ainda

pode persistir no comportamento da criança (PAIN, 1985).

A atividade lúdica surge, nesta perspectiva, como um auxílio psicopedagógico, desenvolvendo o relacionamento em grupo e também a autonomia. Ao ponto que, cada jogo tem seus objetivos e características próprias e cabe ao educador observar qual jogo deverá aplicar naquele grupo para obter um melhor resultado, de acordo com as dificuldades apresentadas naquele momento educativo (PAIN, 1985).

O brincar auxilia, porquanto, na diminuição da ansiedade - quando o seu propósito é ajudar a criança a perceber de uma determinada tarefa ou quando o educador mostra não só a importância do resultado, mas também do processo pelo qual se passa para se obter o resultado desejado. Assim, o aprimoramento da coordenação motora através dos jogos ajuda o educando nas atividades de alfabetização e desenvolve habilidades importantes para o processo de ensino aprendizagem (VYGOTSKY, 1989).

Ainda segundo Vygotsky (1989), o brinquedo tem grande influência no desenvolvimento da criança. Segundo o referido autor, por meio dos brinquedos o infante cria situações de imaginação, dando espaço para as suas fantasias. Dessa forma, o brinquedo pode ter vários significados: um cabo de vassoura, por exemplo, no mundo da imaginação, pode se tornar um cavalinho para a criança brincar. Assim, ao inventar um brinquedo usando sua própria criatividade, a criança estará conhecendo suas potencialidades e libertando sua imaginação.

O brinquedo fornece, pois, ampla estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência. A ação na esfera imaginativa, em uma situação imaginária, a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos da vida real e motivações volitivas – tudo aparece no brinquedo, constituem-se no mais alto nível de desenvolvimento pré-escolar. A “criança desenvolve-se, essencialmente, por meio da atividade de brinquedo. Somente neste sentido o brinquedo pode ser considerado uma atividade que determina o desenvolvimento da criança” (VYGOTSKY, 1989, p. 117).

Com a imaginação, apresentação e simulação, as atividades com jogos são consideradas como estratégia didática, facilitadora da aprendizagem. Assim, quando as situações são planejadas e orientadas por profissional, visando aprender, é proporcionado à criança a construção de conhecimento ou desenvolvimento de alguma habilidade. Visto por este ângulo, o trabalho do psicopedagogo se completa com a relação entre o sujeito, sua história pessoal e sua modalidade de aprendizagem. Enfatiza-se, pois, os processos didáticos e metodológicos, com todos profissionais nela inseridos (VYGOTSKY, 1989).

A atividade lúdica auxilia, portanto, no diagnóstico e tratamento nas dificuldades de aprendizagens, pois quando um paciente não desenvolve a habilidade de jogar, há a identificação

de explicitar o quanto é difícil para esse indivíduo construir o conhecimento, necessitando de estímulo e tempo para se apropriar dessa prática saudável e importante à ampliação do conhecimento social, afetivo, cognitivo e emocional (VYGOTSKY, 1989).

Considerações (não) finais

Ao longo da pesquisa, foram pontuadas sobre as diferentes formas de utilização do lúdico no desenvolvimento educacional. Além disso, evidenciou-se que ele é um facilitador da aprendizagem, ao ponto que a ludicidade é uma das formas vantajosas para o aprendente ter sucesso ao longo de sua vida acadêmica.

Constatou-se, ainda, que o lúdico aplicado na prática pedagógica não apenas contribui para a aprendizagem, mas possibilita ao educador tornar suas aulas dinâmicas e prazerosas. Neste contexto, o educador precisa ser capaz de respeitar e nutrir o interesse do sujeito, dando-lhe possibilidades para que envolva em seu processo ou, do contrário, perde-se a riqueza que o lúdico representa.

O professor deve, ainda, valorizar o lúdico na educação infantil, visto que o brincar facilita a aprendizagem nos seus diversos campos, como a afetividade, a psicomotricidade, a sociabilidade, a solidariedade e a cognição. O jogo, por sua vez, supre a necessidade de imposição para a obtenção de aprendizagem determinada. Sendo possível conseguir excelentes resultados ao se trabalhar com o jogo em sala de aula.

Evidenciou-se, também, que o lúdico pode ser um recurso pedagógico facilitador na construção do conhecimento. Foi possível verificar, ainda, que as atividades lúdicas ocupam, cada vez mais, o espaço no fazer psicopedagógico, sendo utilizado pelo psicopedagogo para extrair das crianças informações sobre seus aspectos emocionais, sociais e psicológicos que dificilmente poderiam ser identificados através de formulários e questionários.

Foi possível analisar, ao longo da análise teórica, que todo o processo de aprendizagem está articulado com a história de cada indivíduo, e que o ser humano aprende mais facilmente quando o novo pode ser relacionado com algum aspecto de sua experiência prévia, com imagens, palavras e fatos que estão em sua memória - com vivências culturais. Outrossim, a aprendizagem não ocorre no vazio - sofrendo influência do meio social em que o indivíduo está inserido.

Portanto, para que haja um desenvolvimento significativo no processo de ensino-aprendizagem, faz-se necessário que a criança esteja inserida em um ambiente estimulante culturalmente e sadio socialmente. Tratando-se, pois, de uma realização individual, por meio de uma construção que é histórica e social e que supõe, deste modo, essa interação com o outro e com a produção simbólica da humanidade.

Cabe, assim, tanto ao professor quanto ao psicopedagogo sistematizarem, juntos, as aprendizagens e conceitos que são construídos em sala de aula, discutindo e planejando situações de aprendizagem, onde a prática cotidiana com os jogos educativos faça relações significativas em uma instância lúdica na escola e na família.

Referências

ALMEIDA, P. N. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. 6 ed. São Paulo: Loyola, 2008.

BOSSA, N. A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Secretários de Educação. União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB 9.394, 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: MEC/SEF, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Política nacional de educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF/COEDI, 1994.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

FERREIRA, M. C. R. (org.). **Os fazeres na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2000.

KIGUEL, S. M. **Reabilitação em neurologia e psiquiatria infantil** - Aspectos psicopedagógicos. Porto Alegre: Abenepe, v. 2, 1991.

KRAMER, S. **A política do pré-escolar no Brasil: A Arte do disfarce**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

KUHLMANN JÚNIOR, M. O jardim de infância e a educação das crianças pobres: final do século XIX, início do século XX. *In*: MONARCHA, C. (org.) **Educação da infância brasileira: 1875-1983**. Campinas: utores Associados, 2001. p. 3-30.

LEITE FILHO, A. Proposições para uma educação infantil cidadã. *In*: GARCIA, R. L.; LEITE FILHO, A. (orgs.) **Em defesa da educação infantil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 29-58.

MENDES, R. L. R. **Educação infantil: as lutas pela sua difusão atual**. Belém: Unama, 1999.

NEGRINE, A. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil**. Porto alegre: Propil, 1994.

OLIVEIRA, Z. M. R. **Creches: Crianças, faz de conta & Cia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

PAIN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes

Médicas, 1985.

PELLEGRINI, A. M.; SOUZA NETO, S.; BUENO, F. C. R. **Desenvolvendo a coordenação motora no Ensino Fundamental**. São Paulo: Unesp, 2003.

RIZZO, G. **Creche**: organização, currículo, montagem e funcionamento. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

VISCA, J. **Psicopedagogia**: Novas contribuições. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de Grupo de Desenvolvimento e Ritmos Biológicos – Departamento de Ciências Biológicas da USP. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ZANLUCHI, F. B. **O brincar e o criar**: as relações entre atividade lúdica, desenvolvimento da criatividade e Educação. Londrina: O Autor, 2005.

O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO INSTITUCIONAL NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I⁸

Thamiris Cipriano de Araújo⁹

Mayara Ferreira de Farias¹⁰

Francisco Leilson da Silva¹¹

Mayane Ferreira de Farias¹²

Resumo

O presente trabalho apresenta o papel do psicopedagogo no processo de ensino-aprendizagem de alunos do ensino fundamental I, bem como sua colaboração com o trabalho do docente com vistas a identificar possíveis dificuldades no referido processo. Neste contexto, a psicopedagogia surge como uma nova área de conhecimento na busca por entender e procurar solucionar problemas de aprendizagem, tendo em sua forma institucional a necessidade de pensar e refazer o trabalho no cotidiano escolar. Assim, o psicopedagogo institucional atua nas escolas com o objetivo de prevenir as dificuldades de aprendizagem. Tratou-se de um estudo com abordagem qualitativa, com caráter descritivo e exploratório, com realização de observação direta e participante *in loco*, com escrita de relatos e vivências ao longo da atuação do psicopedagogo em colaboração com o docente da turma escolhida para o estudo teórico e prático. Constatou-se, por conseguinte, que metodologias deveriam ser aplicadas de acordo com cada problema identificado, na busca por minimizar os impactos no rendimento escolar de acordo com a individualidade de cada aprendiz, buscando pensar em soluções que abrangessem, ainda, sua formação em um contexto global, o impacto no convívio familiar, bem como a interação entre colegas e docente. Ao final, pode-se concluir que a intervenção psicopedagógica pode auxiliar na redução de problemas no processo de ensino-aprendizagem a partir de uma abertura e disponibilidade do docente em trabalhar em parceria para melhorar o cotidiano escolar em suas especificidades e multiplicidade de personalidades dos alunos.

Palavras-chave: Psicopedagogo. Ensino. Escola. Aprendizagem.

⁸ Artigo produzido a partir do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade do Maciço de Baturité – FMB - como um dos pré-requisitos para a obtenção do título de especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica.

⁹ Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade do Maciço de Baturité – FMB.

¹⁰ Doutoranda pela UFRN (PPGTUR) - todos os créditos já foram integralizados. Mestre em Turismo pela UFRN (PPGTUR). Especialista em Gestão Pública Municipal pela UFPA. Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana/NCCE pela UFRN. Especialista em Política de Promoção da Igualdade Racial (UNIAFRO) pela UFERSA. Graduada em Letras Espanhol (IFRN). Bacharel em Turismo (UFRN). Graduada em Filosofia (ISEP). Técnico em Guia de Turismo Regional pelo SENAC (Natal). Atualmente, é avaliadora voluntária em dez periódicos com Qualis Capes. É Pesquisadora Voluntária no Grupo de pesquisa em Marcas e Marketing (UFRN). É membro do Corpo Editorial da Revista Querubim - UFF. Atua e pesquisa nas seguintes áreas: Desenvolvimento e Gestão do Turismo; Teoria do Turismo; Metodologia da pesquisa; Metodologia do trabalho Científico; História e Cultura Africana e Afro-brasileira; Turismo em Comunidades Quilombolas; Turismo; Planejamento do Turismo; Transdisciplinaridade; Interdisciplinaridade; Educação; Ensino; Língua Espanhola; Linguística; Leitura e escrita; Eventos, Lazer e Planejamento. E-mail: mayaraferreiradefarias@gmail.com.

¹¹ Doutorando do PPGEL/UFRN. Mestre em linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2016). Bolsista de iniciação científica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Professor - Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte. Professor, orientador e tutor na Educação a Distância (UAB/EaD/IFRN).

¹² Licenciada em Computação e Informática pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Graduada em Administração pela UNIASSSELVI. Professora da EEJJ - Escola Estadual José Joaquim. Professora da EECIT - Escola Cidadã Integral Técnica Professor Lordão. Foi tutora da disciplina Banco de Dados e Design Web no Curso de Informática para Internet do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Foi tutora do módulo avançado de WEB do Instituto Metrópole Digital (IMD). Participou como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) por 3 anos. Foi aluna do Curso Técnico Subsequente em Informática pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte/Santa Cruz-RN (IFRN), estagiando 400 horas na Prefeitura Municipal de Coronel Ezequiel/RN na área de computação e informática. cursou 3 anos de Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Campina Grande/ Campus de Cuité/PB (UFCG). Prestou serviços como voluntária na área de microinformática básica de janeiro de 2009 a março de 2012 na Prefeitura Municipal de Coronel Ezequiel/RN. Ministrou aulas de informática no período de Janeiro de 2010 a Novembro de 2012 na Escola Municipal Manoel Cassimiro Gomes no município de Coronel Ezequiel/RN. Foi voluntária no Projeto de "Inclusão digital na Cidade de Coronel Ezequiel/RN" ministrando palestras como auxiliar - com 420 horas de aula. E-mail: mayanefarias@hotmail.com.

Abstract

The present work presents the role of the psychopedagogue in the teaching-learning process of elementary school students, as well as its collaboration with the work of the teacher in order to identify possible difficulties in that process. In this context, psychopedagogy emerges as a new area of knowledge in the search for understanding and solving learning problems, having in its institutional form the need to think and redo the work in the school routine. Thus, the institutional psychopedagogue works in schools with the aim of preventing learning difficulties. It was a study with a qualitative approach, with a descriptive and exploratory character, with direct observation and participant in loco, with writing of reports and experiences throughout the work of the psychopedagogue in collaboration with the professor of the shift chosen for the theoretical study. It's practical. It was found, therefore, that methodologies should be applied according to each problem identified, in the search to minimize the impacts on school performance according to the individuality of each learner, seeking to think of solutions that also cover their training in a global context, the impact on family life, as well as the interaction between colleagues and professor. In the end, it can be concluded that the psychopedagogical intervention can help to reduce problems in the teaching-learning process from an openness and availability of the teacher to work in partnership to improve the school routine in its specificities and multiplicity of students' personalities.

Keywords: Psychopedagogue. Teaching. School. Learning.

Resumen

El presente trabajo presenta el papel del psicopedagogo en el proceso de enseñanza-aprendizaje de los estudiantes de primaria, así como su colaboración con el trabajo del docente con el fin de identificar posibles dificultades en ese proceso. En este contexto, la psicopedagogía surge como una nueva área de conocimiento en la búsqueda de la comprensión y solución de problemas de aprendizaje, teniendo en su forma institucional la necesidad de pensar y rehacer el trabajo en el cotidiano escolar. Así, el psicopedagogo institucional trabaja en las escuelas con el objetivo de prevenir las dificultades de aprendizaje. Fue un estudio con abordaje cualitativo, de carácter descriptivo y exploratorio, con observación directa y participante in loco, con redacción de relatos y experiencias a lo largo del trabajo del psicopedagogo en colaboración con el profesor del turno elegido para el estudio teórico. es práctico Se constató, por tanto, que se deben aplicar metodologías acordes a cada problema identificado, en la búsqueda de minimizar los impactos en el desempeño escolar de acuerdo a la individualidad de cada educando, buscando pensar soluciones que abarquen también su formación en un contexto global, el impacto en la vida familiar, así como la interacción entre colegas y profesor. Al final, se puede concluir que la intervención psicopedagógica puede ayudar a reducir problemas en el proceso de enseñanza-aprendizaje a partir de una apertura y disponibilidad del docente para trabajar en sociedad para mejorar la rutina escolar en sus especificidades y multiplicidad de personalidades de los estudiantes. .

Palabras clave: Psicopedagogo. Enseñando. Colegio. Aprendiendo.

Apresentação do tema

Este trabalho mostra diversos motivos e razões pela qual o psicopedagogo pode atuar no ambiente escolar, na medida em que espera-se que esta pesquisa possa refletir em uma possibilidade de sensibilização de órgãos responsáveis pelas instituições de ensino que tenham acesso ao estudo em tela, que possa refletir em um interesse na atuação do referido profissional, qual seja: o psicopedagogo.

Tratou-se, pois, de um estudo com abordagem qualitativa, com caráter descritivo e exploratório, com realização de observação direta e participante *in loco*, com escrita de relatos e vivências ao longo da atuação do psicopedagogo em colaboração com o docente da turma escolhida para o estudo teórico e prático.

As múltiplas metodologias existentes necessitam ser aplicadas de acordo com cada problema identificado em sala de aula, na procura por minimizar os impactos no rendimento escolar de acordo com a individualidade de cada aluno, devendo ser pensadas soluções que

contemplem, ainda, sua formação em um contexto global, o impacto no convívio familiar, bem como a interação entre colegas de sala de aula e docente. Outrossim, a intervenção psicopedagógica tem o papel de auxiliar na redução de problemas no processo de ensino-aprendizagem por meio de uma abertura e disponibilidade do professor em trabalhar em parceria com o psicopedagogo para melhorar o cotidiano escolar em suas especificidades e multiplicidade de personalidades dos aprendentes.

A primeira parte deste artigo apresenta uma introdução sobre o papel do psicopedagogo institucional no planejamento escolar e no apoio da família no processo de desenvolvimento da criança. A segunda parte apresenta, por conseguinte, as principais dificuldades encontradas pelo psicopedagogo institucional no processo de ensino-aprendizagem dos alunos e na intervenção psicopedagógica na instituição de ensino fundamental I. A terceira parte, por sua vez, aborda sobre a função do psicopedagogo no ensino fundamental I e sobre a valorização da psicopedagogia no ambiente escolar. Por fim, são apresentadas as considerações finais e as referências utilizadas para realizar o embasamento teórico do estudo em tela.

Trajetória histórica da psicopedagogia

Dificuldades de relacionamentos, confrontos na família, dificuldade de raciocinar, crianças virando jovens revoltados, mal educados, sem respeito, impacientes, sem expectativas de vida têm influenciado, direta e indiretamente, no fracasso escolar de alguns alunos. Neste contexto, as instituições e as famílias têm buscado na psicopedagogia portas para uma solução para os problemas de alunos com alguma limitação no processo de ensino-aprendizagem.

A Europa foi o berço da psicopedagogia. Após serem encontradas diversas dificuldades na aprendizagem das crianças e na necessidade de justificar as desigualdades sociais. Ao longo do século XIX, surgiram teorias relacionadas à ciência e a teoria evolucionista de Charles Darwin que enquadraram o homem dentro do esquema da evolução biológica e aboliu as linhas divisórias das ciências naturais, humanas e sociais. Diante disso, o corpo humano passou a ser estudado pela psicologia e as escolas começaram a aplicar testes buscando identificar e buscar o motivo das diferenças encontradas no desenvolvimento de seus alunos (BOSSA, 2007).

No ano de 1946, deu início aos primeiros Centros Psicopedagógicos. Boutonier e George Mauco, por sua vez, foram os seus criadores e, através destes centros, buscaram diálogo com a psicologia, psicanálise e pedagogia para a realização dos tratamentos. Acontecia, ainda, o mesmo movimento nos Estados Unidos - porém, com ênfase nos aspectos médicos (BOSSA, 2007).

Já no século XX, surgiram os primeiros centros de reeducação para criminoso e escolas particulares que atendiam as crianças com “aprendizagem mais lenta”. No ano de 1930, surgem na França os primeiros centros de orientação educacional com psicólogos, educadores e assistentes sociais (BOSSA, 2007).

Somente em 1956 é que começa a ocorrer a formação universitária em psicopedagogia, na Argentina - com Arminda Aberastury. Na década de 70, então, surgem os Centros de Saúde

Mentas, onde psicopedagogos realizavam diagnóstico e tratamento (BOSSA, 2007).

A psicopedagogia chegou no “Brasil na década de 70, em uma época cujas dificuldades de aprendizagem eram associadas a uma disfunção neurológica denominada de disfunção cerebral mínima (DCM), que virou moda neste período, servindo para camuflar problemas sociopedagógicos” (BOSSA, 2007, p. 48-49).

Nos anos 80, criou-se a Escola de Guatemala, com objetivo sociopolítico a respeito da dificuldade no desempenho escolar, em que se acreditava nos problemas detectados no processo de ensino, sendo iniciado um trabalho preventivo e, no mesmo período, surgem cursos de especialização nesta área (BOSSA, 2007).

Sampaio (2004), o Brasil recebeu influências tanto americanas quanto europeias, através da Argentina. Notadamente, no sul do país, a entrada dos estudos de Quirós, Jacob Feldmann, Sara Paín, Alicia Fernández, Ana Maria Muñiz e Jorge Visca enriqueceram o desenvolvimento desta área de conhecimento, sendo Jorge Visca um dos maiores contribuintes da difusão psicopedagógica no país.

Segundo Bossa (2007), a psicopedagogia surgiu com um intuito de investigar o processo de aprendizagem e identificação de facilitadores e comprometedores do processo de transmissão e compreensão do conhecimento. O papel do psicopedagogo “é de suma importância porque ele vai agir como ‘um solucionador’ para os problemas de conduta e aprendizagem” (MIRANDA, 2011, p. 1).

Procurou-se analisar a necessidade do psicopedagogo na escola para compreender como sua atuação e intervenção poderiam auxiliar, ou não, o aluno com dificuldades de aprendizagem e comportamentais: sua integração, relacionamento e seu rendimento educacional, relatando a importância e a contribuição do psicopedagogo na instituição escolar, suas competências e habilidades para a solução dos problemas (BOSSA, 2007).

É preciso analisar o trabalho do psicopedagogo na instituição escolar, melhorando suas dificuldades, analisando os fatores que favorecem, intervêm ou prejudicam uma boa aprendizagem em uma instituição, assessorando e esclarecendo a escola a respeito de diversos aspectos do processo de ensino-aprendizagem na busca por obter uma ação preventiva (BOSSA, 2007).

Ao estimar algum valor, o docente não deve prestar atenção somente no discente, mas no seu aprendizado. Ele não precisa fazer uso de provas e exames, mas atividades de classe como: trabalhos em equipe, atividades para aperfeiçoar e desenvolver uma habilidade, capacidade, projetos, programas e a observação do docente, revelando muito sobre seu ensino-aprendizagem dos discentes.

As instituições escolares apontam para um enorme obstáculo a ser enfrentado, qual seja o de conviver com as dificuldades no processo de aprendizagem e ao mesmo tempo, planejar uma proposta que contribua para minimizar as dificuldades no processo de aprendizagem dos discentes (SAMPAIO, 2004).

O auxílio dos familiares no método de desempenho da criança

O significado do conceito de “família” sofreu alteração ao longo anos, não existindo um conceito de família padrão único. O que existe é, então, uma diversidade de modelos familiares com seu próprio padrão - sempre em desenvolvimento, na medida em que são através delas que as crianças possuem o seu primeiro convívio na sociedade e na escola. Segundo Braghirolli (2002), seus comportamentos são compreendidos desde o seu nascimento e o comportamento dos familiares vão influenciando sua vida.

Os pais possuem um papel fundamental no processo de desenvolvimento da autonomia de seus filhos. Na medida em que, caso eles encorajarem as iniciativas da criança, ou elogiarem o seu sucesso em alguma atividade, ou lhe darem tarefas que não excedam as suas capacidades, além de serem coerentes em suas exigências e aceitarem os fracassos de seus filhos, estarão colaborando para o surgimento do sentimento de autoconfiança e autoestima (BOSSA, 2007).

Rocha e Machado (2002, p. 18) destacam que “o envolvimento familiar traz benefícios aos professores que sente que o seu trabalho é apreciado pelos pais e se esforça para que o grau de satisfação dos pais seja grande”. Assim, se os pais fizerem o seu papel em casa, estarão contribuindo na vida do aluno de modo geral, ajudando-o na sua formação como pessoa. O professor, por sua vez, deve investigar a individualidade do aluno, a sua convivência, suas aflições, ansios, angústias - o que ele realmente necessita para saber quais as suas dificuldades este aluno possui para poder tentar facilitar o seu dia a dia na escola (BOSSA, 2007; ROCHA; MACHADO, 2002).

É preciso perceber os desafios e os fatores que o psicopedagogo enfrenta na escola para ajudar os alunos com dificuldades de aprendizagem. Neste contexto, o referido profissional poderia estar presente em todas as escolas, mas a maioria das unidades educacionais não possui este profissional (ROCHA; MACHADO, 2002). É necessário, ainda, que os pais tenham muita paciência para não confundir o distúrbio com a dificuldade de aprendizagem, medida em que a segunda situação pode ser enfrentada por quaisquer alunos, inclusive por aquele aluno bastante inteligente (BOSSA, 2007).

Dessa maneira, o psicopedagogo deve se preparar para colaborar com esses desafios e os processos de ensino-aprendizagem dos alunos que tenham dificuldades de aprendizagem, com auxílio e atuação conjunta com o corpo docente. Outrossim, os casos que apresentam os distúrbios de aprendizagem mais severos devem contar com o acompanhamento mais freqüente e efetivo do psicopedagogo – sua colaboração é fundamental para minimizar os efeitos negativos de um não acompanhamento da transmissão do conhecimento em sala de aula (ROCHA; MACHADO, 2002).

Não existe uma fórmula que possa ser aplicada em todos os casos. Neste sentido, o profissional de psicopedagogia precisa trabalhar de acordo com cada problema que lhe é apresentado, através de metodologia específica que possa colaborar com benefícios para esta

criança.

A intervenção psicopedagógica na instituição de ensino

A particularidade do tratamento psicopedagógico colabora significativamente para compreender os sintomas que interferem na dificuldades de aprendizagem, possibilitando interferir de maneira acertiva na sua atuação com jovens, crianças e adultos através de uma abordagem única e considerando a peculiaridade de cada indivíduo (BOSSA, 2007).

A relação do psicopedagogo com o aluno é entreposto por atividades definidas, cuja função está direcionada para encontrar a solução dos sintomas por meio de métodos e recursos que ajudem no seu desenvolvimento. Deste modo, torna-se uma tarefa complexa na determinação do problema em que o psicopedagogo vai atuar, estando relacionado com a aptidão de sua função e com o resultado de seu trabalho (ROCHA; MACHADO, 2002).

O profissional escolhe fazer uma abordagem em seu desenvolvimento inserindo atividades que irão ajudar nas suas dificuldades em aprender. O aluno, por sua vez, é submetido a sessões. A intervenção, então, é realizada por um profissional da área que procura trazer métodos que trabalhem para ajudar nas dificuldades de aprendizagem dos alunos, buscando melhorar suas relações com o seu aprendizado, com ênfase em sua evolução e em suas dificuldades (BOSSA, 2007).

Na intervenção psicopedagógica, os métodos usados procuram afetar no processo de ensino-aprendizagem com o objetivo de esclarecer sobre as principais dificuldades dos alunos, inserindo novos elementos para o aluno que esteja sendo tratado, minimize seus transtornos, com ênfase do trabalho com suas habilidades cognitivas e superação de suas dificuldades (BOSSA, 2007).

As intervenções psicopedagógicas podem transpor em uma conversa ao observar alguns sinais que a criança apresenta, além de buscar perceber outros elementos exclusivos junto aos sinais da criança na escola e no seu meio social (BOSSA, 2007).

As causas dos problemas e das dificuldades de aprendizagem são muitas, tornando uma difícil tarefa para os educadores conhecerem e entenderem essas diversas causas. Neste contexto, algumas as instituições de ensino acabam definindo e condenando esse grupo de alunos, levando-os ao fracasso escolar, ocasionando problemas psicológicos e frustrações. Neste caso, é sugerido para o professor que realize trabalhos em equipe entre o psicopedagogo e o educador para evitar este agrupamento inadequado e não direcionado (BOSSA, 2007).

Sugere-se, pois, que o professor promova trabalhos em equipe com alunos que possuam facilidades com alunos que tem dificuldades de aprendizagem, na medida em que os próprios alunos possam atuar como educadores uns para os outros. Destarte, devem ser elaboradas estratégias que trabalham para a recuperação de conteúdos escolares classificados como insuficientes nos pacientes, procedimentos para orientação com idéias criativas, atividades lúdicas como jogos, brincadeiras e dramatizações. Outrossim, o tempo que leva a intervenção depende

do nível de dificuldade e do potencial de compreender os sinais apresentados pelas crianças (BOSSA, 2007).

Quando se trata de dificuldades do ensino-aprendizagem dos alunos, ressalta-se o papel do psicopedagogo em sala de aula, visto que, este profissional auxilia os professores que não são capacitados para lidar com os problemas que surgem diante dos impasses na aprendizagem, além de possuir um olhar aprofundado sobre os caminhos e desafios que os alunos enfrentam para alcançar uma aprendizagem eficaz. Nesta perspectiva, Bossa (2007, p. 94) afirma que:

O psicopedagogo busca não só compreender o porquê de o sujeito não aprender algumas coisas, mas o que ele pode aprender e como. A busca desse conhecimento inicia-se no processo diagnóstico momento em que a ênfase é a leitura da realidade daquele sujeito, para então proceder a intervenção que é o próprio tratamento ou o encaminhamento.

Diante disso, pode-se destacar que a atuação do psicopedagogo na sala de aula é essencial, fundamentalmente ao que concerne ao ato de identificar os problemas comuns e em criar estratégias que permitem melhorar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos e convivência em sala de aula. Além disso, em todos os níveis educacionais, é importante que exista participação do psicopedagogo, na possibilidade de possuir um olhar mais cauteloso e diferenciado para as crianças e seus traumas (BOSSA, 2007). Para Blaszkó, Portilho e Ujiié (2016, p. 146):

O psicopedagogo necessita conhecer e valorizar as diferentes aprendizagens construídas ao longo da história de vida da pessoa, considerando que estas podem contribuir para enaltecer a aprendizagem ou favorecer o aparecimento de dificuldades. O olhar e a escuta para aquele que aprende, considerando suas experiências, conhecimentos, sentimentos, valores, habilidades, dificuldades e potencialidades é a atitude que se espera do psicopedagogo que trabalha considerando a totalidade da pessoa.

Ao observar e conhecer as entraves e conhecimentos adquiridos e compartilhados enquanto criança, o psicopedagogo tende a conhecer o cenário e consegue criar, com mais facilidade, ideias e ações que contribuam no processo de aprendizagem ou na base da presença dos bloqueios educacionais (BOSSA, 2007).

Para que esses profissionais consigam números positivos e significativos, é necessário que atuem em equipe, pois o psicopedagogo atua de maneira multidisciplinar, onde “efetiva a participação com toda comunidade escolar e de especialistas de diversas áreas, tais como: psicóloga, fonoaudióloga, assistente social, especialista da área da medicina entre outros profissionais de acordo com as necessidades dos alunos” (BLASZKO; PORTILHO; UJIIÉ, 2016, p. 150).

Vale destacar que a atuação deste profissional na área específica traz possibilidades de trabalhar com a criança as suas dificuldades iniciais e, assim, no decorrer dos anos, busca diminuir ou encerrar tal dificuldade que possui ou adquiriu durante a sua passagem no âmbito escolar e com reforços diversos e educacionais, a possibilidade se torna mais evidente (BOSSA, 2007).

Resultados e discussão

Os alunos que estudam no ensino fundamental I têm de 6 a 10 anos de idade, do 1º ao 5º ano, cada um com sua pluralidade, cor, raça, etnia, sexo, naturalidade, características diferentes. Deste modo, a dificuldade e a necessidade de cada um é diferente. E é neste contexto da pluralidade e diversidade que se destaca o trabalho do psicopedagogo no processo de investigação dos problemas no processo de aprendizagem dos alunos.

De acordo com o docente da turma estudada, “os alunos que iniciaram o 1º ano vêm com uma grande bagagem da educação Infantil - o pilar da criança, momento em que nem sempre é possível identificar qual a maior dificuldade deste aluno”. Além disso, “tais alunos estarão em fase de alfabetização até o 3º ano, apresentando uma escrita ainda em construção, saindo da letra bastão para a letra minúscula, apresentando uma leitura pouco desenvolvida” e, além disso, “do primeiro ano ao terceiro, o aluno é aprovado automaticamente devido ao sistema”. Para além disso, o professor também destaca que, “somente a partir do 4º ano de idade o aluno pode ser reprovado. Então, problemas na aprendizagem que ele tinha nos anos anteriores podem ser percebidos com mais frequência”. Como problemas que podem ser identificados para além das dificuldades mencionadas, destacam-se: disgrafia, dislexia, discalculia e alterações genéticas.

Nesta perspectiva, o psicopedagogo precisa investigar o problema, saber a causa e como tratá-la, procurando saber as queixas dos pais, fazendo questionamentos e apresentando atividades para os alunos com problemas e atividades essas estejam de acordo com as suas dificuldades, procurando várias metodologias que o ajudem a melhorar a sua aprendizagem.

A psicopedagogia trata de uma ciência que estuda o processo de aprendizagem na construção e reconstrução do conhecimento. Deste modo, o psicopedagogo necessita ter uma visão diferente em relação aos alunos e suas dificuldades de aprendizagem. Assim, é importante que haja direcionamento das atividades de acordo com as necessidades de cada aluno através do olhar psicopedagógico.

Percebe-se, neste prisma, a necessidade de um psicopedagogo no ambiente escolar no sentido de ajudar os professores a detectar os problemas e a elaborar atividades adequadas para os educandos que apresentam dificuldades na aprendizagem.

Considerações (não) finais

A atuação do psicopedagogo institucional no processo de ensino-aprendizagem tem ajudado professores e pais a compreenderem melhor o desenvolvimento das crianças, diminuindo o fracasso escolar, melhorando as suas dificuldades, desenvolvendo suas habilidades, procurando meios que os ajudem a lidar com seus problemas de aprendizagem e fazendo com que saibam lidar com conflitos no cotidiano escolar.

Assim, o psicopedagogo tem impulsionado o desenvolvimento de relações das pessoas, ligações no uso de metodologias para melhorar no ensino, de forma que o discente se adapte no processo pelo qual ele está desenvolvendo. Buscando colaborar com o docente na observação das

situações relacionadas com o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, na busca por superar as dificuldades que atrapalham a compreensão do conteúdo por parte do aprendente. O papel do psicopedagogo estará, então, em sugerir e ajudar no desempenho de projetos benéficos para alterações escolares, observando a descoberta e o desempenho de seu potencial, colaborando para que os alunos tenham a capacidade de enfrentar o mundo em que vivem.

Além do mais, é necessário que haja compreensão de que o acompanhamento dos pais na aprendizagem do filho é imprescindível, pois permite o estreitamento de laços afetivos fundamental para a influência da aprendizagem alimentada pela cumplicidade e pela confiança recíproca.

O avanço no desenvolvimento da criança vai depender de quem os acompanham, tanto na família como na instituição de ensino. Contudo, seu desempenho não depende só dele, mas de quem está por perto contribuindo para o seu crescimento. Neste contexto, este trabalho possibilitou para que despertasse nas pessoas a sensibilização sobre o papel do psicopedagogo na elaboração de estratégias que oportunizem minimizar os ruídos no processos de ensino-aprendizagem de alunos do ensino fundamental.

Referências

BLASZKO, C. E.; PORTILHO, E. M. L.; UJJIE, N. T. Atuação psicopedagógica na equipe multidisciplinar: relevância da interação do psicopedagogo com os profissionais que atendem alunos com dificuldades específicas de aprendizagem. *In*: UJJIE, Nájela Tavares. **Psicopedagogia clínica & institucional: nuances, nexos e reflexos**. Curitiba: CRV, 2016, p. 143-152.

BOSSA, N. A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.

BRAGHIROLI, E. M. **Psicologia Social**. Petrópolis: vozes 2002.

MIRANDA, M. A. M. **A Importância do psicopedagogo na instituição escolar**. Disponível em: <http://psicopedagogia.com.br/artigos>. Acesso em 15 maio 2019.

POLITY, E. **Pensando as dificuldades de aprendizagem à luz das relações familiares**. Disponível em: <http://www.psicopedagogiaonline.com.br>. Acesso em: 27 set. 2020.

ROCHA, S. C.; MACHADO, R. C. **Relação família-escola**. Belém do Pará: O autor, 2002.

SCOZ, B. **Psicopedagogia e realidade escolar**. Campinas: Vozes, 1996.

SENA, C. C. B.; CONCEIÇÃO, L.M.; VIEIRA, M. C. **O educador reflexivo: registrando e refletindo**. Recife: Ed. Doxa, 2004.

SANTOS, R. A. **O psicopedagogo na instituição escolar: Intervenções psicopedagógicas no processo de ensino aprendizagem**. Disponível em: <http://psicopedagogiabrasil.com.br/artigos>. Acesso em: 15 maio 2019.

VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico**. 7 ed. São Paulo: Ladermos Libertad-1, 2000.

OLHARES SOBRE O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL¹³

Genilda Estevam dos Anjos¹⁴
Mayara Ferreira de Farias¹⁵
Francisco Leilson da Silva¹⁶
Mayane Ferreira de Farias¹⁷

Resumo

O artigo em tela trata sobre contribuições lúdicas no contexto da educação infantil, na busca por esclarecer sobre o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem por meio da utilização do lúdico no desenvolvimento e na socialização da criança com ênfase no uso de jogos e brincadeiras. Neste sentido, a aplicação do lúdico no ato de alfabetizar permite que as crianças sejam capazes de se reconhecer no processo de alfabetização de maneira, ao mesmo tempo, divertida e com fundamentação. Para tal, optou-se por realizar uma pesquisa de abordagem qualitativa, com caráter descritivo e com uso de pesquisa bibliográfica. Outrossim, este texto buscou compreender sobre o papel da ludicidade no fazer pedagógico na educação infantil, com a prática norteadora para o alargamento e composição do intelecto, do motor e do cognitivo sociocultural na estruturação do ser. Destarte, educar não consiste em simplesmente transcrever, mas na multiplicidade e diversidade das experiências que lhe são oferecidas. Ao final, concluiu-se que o lúdico contribui significativamente para a transmissão do conhecimento no

¹³ Artigo produzido a partir do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade do Maciço de Baturité – FMB - como um dos pré-requisitos para a obtenção do título de especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica.

¹⁴ Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade do Maciço de Baturité – FMB.

¹⁵ Doutoranda pela UFRN (PPGTUR) - todos os créditos já foram integralizados. Mestre em Turismo pela UFRN (PPGTUR). Especialista em Gestão Pública Municipal pela UFPB. Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana/NCCE pela UFRN. Especialista em Política de Promoção da Igualdade Racial (UNIAFRO) pela UFRSA. Graduada em Letras Espanhol (IFRN). Bacharel em Turismo (UFRN). Graduada em Filosofia (ISEP). Técnico em Guia de Turismo Regional pelo SENAC (Natal). Atualmente, é avaliadora voluntária em dez periódicos com Qualis Capes. É Pesquisadora Voluntária no Grupo de pesquisa em Marcas e Marketing (UFRN). É membro do Corpo Editorial da Revista Querubim - UFF. Atua e pesquisa nas seguintes áreas: Desenvolvimento e Gestão do Turismo; Teoria do Turismo; Metodologia da pesquisa; Metodologia do trabalho Científico; História e Cultura Africana e Afro-brasileira; Turismo em Comunidades Quilombolas; Turismo; Planejamento do Turismo; Transdisciplinaridade; Interdisciplinaridade; Educação; Ensino; Língua Espanhola; Linguística; Leitura e escrita; Eventos, Lazer e Planejamento. E-mail: mayaraferreiradefarias@gmail.com.

¹⁶ Doutorando do PPGEL/UFRN. Mestre em linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2016). Bolsista de iniciação científica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Professor - Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte. Professor, orientador e tutor na Educação a Distância (UAB/EaD/IFRN).

¹⁷ Licenciada em Computação e Informática pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Graduada em Administração pela UNIASSELVI. Professora da EEJJ - Escola Estadual José Joaquim. Professora da EECIT - Escola Cidadã Integral Técnica Professor Lordão. Foi tutora da disciplina Banco de Dados e Design Web no Curso de Informática para Internet do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Foi tutora do módulo avançado de WEB do Instituto Metrópole Digital (IMD). Participou como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) por 3 anos. Foi aluna do Curso Técnico Subsequente em Informática pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte/Santa Cruz-RN (IFRN), estagiando 400 horas na Prefeitura Municipal de Coronel Ezequiel/RN na área de computação e informática. Coursou 3 anos de Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Campina Grande/ Campus de Cuité/PB (UFCG). Prestou serviços como voluntária na área de microinformática básica de janeiro de 2009 a março de 2012 na Prefeitura Municipal de Coronel Ezequiel/RN. Ministrou aulas de informática no período de Janeiro de 2010 a Novembro de 2012 na Escola Municipal Manoel Cassimiro Gomes no município de Coronel Ezequiel/RN. Foi voluntária no Projeto de "Inclusão digital na Cidade de Coronel Ezequiel/RN" ministrando palestras como auxiliar - com 420 horas de aula. E-mail: mayanefarias@hotmail.com.

processo de ensino-aprendizagem, na medida em que o aprendiz é estimulado a pensar e compreender por meio de atividades que estimulam seu raciocínio, maior participação em sala de aula e maior interação aluno-aluno e aluno-professor, refletindo, direta e indiretamente, em seu cotidiano dentro e fora do ambiente escolar.

Palavras-chave: Educação. Jogo. Lúdico. Psicopedagogia.

Abstract

The present article deals with playful contributions in the context of early childhood education, seeking to clarify the development of the teaching-learning process through the use of play in the development and socialization of the child, with an emphasis on the use of games and games. In this sense, the application of playfulness in the act of literacy allows children to be able to recognize themselves in the literacy process in a way that is both fun and well-founded. To this end, it was decided to carry out a research with a qualitative approach, with a descriptive character and using bibliographic research. Furthermore, this text sought to understand the role of playfulness in pedagogical practice in early childhood education, with the guiding practice for the expansion and composition of the intellect, the motor and the sociocultural cognitive in the structuring of the being. Thus, educating does not consist in simply transcribing, but in the multiplicity and diversity of the experiences that are offered to them. In the end, it was concluded that the ludic contributes significantly to the transmission of knowledge in the teaching-learning process, in medicine in which the learner is stimulated to think and understand through activities that stimulate their reasoning, greater participation in the classroom and greater student-student and student-teacher interaction, reflecting, directly and indirectly, in their daily lives inside and outside the school environment.

Keywords: Education. Game. Ludic. Psychopedagogy.

Resumen

El presente artículo trata sobre los aportes lúdicos en el contexto de la educación infantil, buscando esclarecer el desarrollo del proceso de enseñanza-aprendizaje a través del uso del juego en el desarrollo y socialización del niño, con énfasis en el uso de juegos y juegos. En este sentido, la aplicación de la lúdica en el acto de alfabetizar permite que los niños sean capaces de reconocerse en el proceso de alfabetización de una forma divertida y fundamentada. Para ello, se decidió realizar una investigación con enfoque cualitativo, con carácter descriptivo y utilizando la investigación bibliográfica. Además, este texto buscó comprender el papel de la lúdica en la práctica pedagógica en la educación infantil, con la práctica orientadora para la expansión y composición del intelecto, la cognición motora y sociocultural en la estructuración del ser. Así, educar no consiste simplemente en transcribir, sino en la multiplicidad y diversidad de las experiencias que se les ofrecen. Al final se concluyó que la lúdica contribuye significativamente a la transmisión de conocimientos en el proceso de enseñanza aprendizaje, en medicina en el cual se estimula al educando a pensar y comprender a través de actividades que estimulan su razonamiento, mayor participación en el aula y mayor interacción alumno-alumno y alumno-profesor, reflejándose, directa e indirectamente, en su cotidiano dentro y fuera del ámbito escolar.

Palabras clave: Educación. Juego. Lúdico. Psicopedagogía.

Introdução: um convite ao tema

O lúdico possui relevância significativa na educação infantil, aprimorando o olhar de indivisibilidade das dimensões: expressivo-motora, ética, cognitiva, lingüística, estética, e sociocultural na pequena infância. Neste sentido, cabe destacar que essa prática torna-se facilitadora do processo de desenvolvimento da capacidade no ensino-aprendizagem escolar, ao ponto que jogos e brincadeiras se constituem em um método que estimula a capacidade de desenvolver suas habilidades, experiências e concepções em todas as etapas do ensino (MENDES, 1999).

Considerando que a educação lúdica não é um simples, faz de conta ou passa tempo. Afirma-se que ela pode ser compreendida como uma etapa de aprendizado que proporciona desenvolver habilidades, resultando em inúmeras possibilidades de oportunidades que estimula a criança compreender e desenvolver suas práticas nos contextos: escolar, social e cultural (MENDES, 1999).

Diante de experiência vivida, percebe-se que não só na educação infantil como em outras etapas da educação, o lúdico e a dinamicidade tem sido um grande aliado da educação, possibilitando o desenvolvimento de várias habilidades cognitivas no avanço do seu conhecimento de forma sistematizada e prazerosa, onde a mesma possa interagir e aprender brincando e facilitando sua capacidade de pensar (MENDES, 1999).

Neste contexto, o jogo pode ser considerado um recurso que estimula a produção do conhecimento que permite que a criança ganhe condições de compreensão no sentido de aprimorar suas técnicas de manejo. Outrossim, essas estratégias possibilitam ao educador a parceria para direcionar as atividades com segurança e clareza no sentido de contribuir no conhecimento e desenvolvimento do aluno (MENDES, 1999).

Mendes (1999) enfatiza, ainda, que é de forma lúdica e através do lúdicos na educação infantil, onde a criança vai obter amplas habilidades, mediada pelo adulto propondo regras que permitirão que ela aprenda e consiga ter domínio de seu comportamento. Deste modo, o brincar propõe uma realidade irreal ou fantasia que é reproduzida através do adulto. Dentro desse contexto, criança pode se apropriar de conhecimentos para potencializar suas capacidades nos processos de ensino-aprendizagem escolar.

Nesta perspectiva, optou-se por realizar uma pesquisa de abordagem qualitativa, com caráter descritivo e com uso de pesquisa bibliográfica, na medida em que a teoria contemplou, fundamentalmente, sobre o papel dos jogos no desenvolvimento da aprendizagem na educação

infantil para um suporte psicopedagógico, bem como sobre os jogos e sua relação, direta e indireta, com as capacidades do desenvolvimento: motor, psicológico, físico, cognitivo e intelectual.

A posição ocupada pelo jogo, em um novo cenário, acompanha a imagem inocente e pura da criança. Antes desvalorizado, o jogo passa a ser reconhecido como atividade fundamental para o desenvolvimento infantil. Eles permitirão que a criança possa se desenvolver de maneira lúdica e prazerosa, atingindo o aprendizado com mais facilidade por fazer o que gosta.

Psicopedagogia: algumas considerações

Em 1946, “iniciou-se a observação do comportamento humano visando a aprendizagem dos discentes. Os primeiros centros psicopedagógicos foram fundados na Europa, por Boutiner e Geore Mouco, com direção médica e psicopedagógica” (BOSSA, 2000, p. 39).

Esses centros psicopedagógicos unificaram conhecimentos da área de psicologia e pedagogia, com o “objetivo de reeducação da criança com comportamento socialmente inadequado na escola ou no lar e para atender crianças com dificuldades de aprendizagem apesar de serem inteligentes” (BOSSA, 2000, p. 39).

Neste contexto, a psicopedagogia passa a despertar “atenção de vários países que, preocupados com altos índices de fracasso escolares, passa a buscar novas alternativas de trabalho. Dentre estes países, na Argentina, a psicopedagogia recebeu um enfoque especial, sendo considerada como uma carreira profissional” (PERES, 1998, p. 42).

O movimento da psicopedagogia no Brasil se submete, então, ao seu relato na Argentina. Por ter apropriado à proximidade geográfica e ao fácil acesso à literatura (sobretudo pela facilidade da língua), as ideias dos argentinos influenciaram significativamente ao exercício da profissão (PERES, 1998).

A psicopedagogia “chegou ao Brasil na década de 70, em uma época onde se passava confrontos de aprendizagem relacionando anomalia neurológica - denominada de Alteração Cerebral Mínima (DCM) - que viralizou no momento, com a camuflagem de contrariedades sociopedagógicas” (BOSSA, 2000, p. 48-49). Desde a década de 60, a psicopedagogia iniciou-se a se estruturar no Brasil pelo meio da ocupação de alguns autores brasileiros. Nesta época, prevenção estava voltada mais para as deficiências que geravam dificuldades de aprendizagem do que a outros fatores (BOSSA, 2000).

Na Argentina, a psicopedagogia já iniciou em formato de curso de graduação na década

de 60, com realização de trabalho em parceria com equipe de pedagogos. O Brasil, por sua vez, após uma levada taxa de evasão escolar e repetências, passou a se dedicar à formação de uma equipe da área de psicologia, psicanalítica e pedagógica, baseando-se na França e na Argentina (BOSSA, 2000).

Educação infantil: considerações gerais

A educação infantil é considerada a primeira etapa da educação, conforme a Lei 9.394/96. A Base Comum Curricular (BNCC), por sua vez, se constitui em um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais em que todos os alunos se desenvolverão ao longo das etapas e modalidades da educação básica.

O §1º do artigo 1º da Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional (LDB), indica sobre conhecimento e competência que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade (BRASIL, 1996). Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas diretrizes curriculares nacionais na educação básica (DNC), a BNCC soma-se aos propósitos que direcionam à educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205, determina que a educação é direito de todos e dever do estado e da família, que deve ser promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando pleno desenvolvimento da pessoa, ao ponto que deve direcionar o preparo para o exercício da cidadania e para a sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

A educação infantil é, pois, dever do estado. No século XIX, a educação da pré-escola passa a ter sentido educativo, mas ainda com base compensatória, ou seja, para compensar as deficiências apresentadas pelas crianças. Assim, cabe ressaltar que essa função da pré-escola (compensatória) ganhou estratégia e diretrizes mais delineadas após a segunda guerra mundial, fundamentando-se no desenvolvimento infantil e na psicanálise. Em 1981, por sua vez, o Programa Nacional de Educação Pré-escolar cria delineamentos que visavam “promover o desenvolvimento global e harmonioso da criança com objetivos educacionais para pré-escola” (BRASIL, 2013, p. 11).

As maiores habilidades da educação infantil no Brasil surgiram depois da década de 1970, quando foi formulada a LDB n. 5.692, em 1971, garantindo que crianças de 7 anos tivessem direito à educação em escolas de nível infantil. Posteriormente, a educação infantil passou a ser priorizada nas políticas públicas com a preocupação de superação da educação e na busca por

ofertar um atendimento significativo de direito para todos.

Assim, é pertinente destacar que é necessário que exista uma educação infantil que respeite os direitos da criança em um espaço adequado, “rico em estímulos, agradáveis aos olhos infantis em um tempo bem planejado, capaz de satisfazer suas necessidades em busca da construção de novos saberes e da descoberta do mundo a sua volta” (MORENO, 2007, p. 55).

Nicolau (1997), por sua vez, destaca que é preciso refletir em uma necessidade de uma formação pedagógica de eficaz, potencializando caracterizar um ensino organizado e pedagógico. Outrossim, necessita que se reconheça que o papel da pré-escola consiste em valorizar os conhecimentos que as crianças possuem e garantir a aquisição de novos conhecimentos. Diante disso, a função do educador não é apenas transmitir os conteúdos, mas dar oportunidade para a criança pensar, questionar e levantar hipóteses, ou seja, criar condições para sua autodescoberta. Deste modo, é através dessa prática investigativa, participativa e dialógica que a criança desenvolve competências e habilidades.

Os jogos e as contribuições do psicopedagogo na educação infantil

O jogo na educação tem a finalidade de desenvolver o aprendizado, podendo ser utilizado nas práticas escolares como um aliado para o desenvolvimento de suas habilidades. Na medida em que a criança passa a praticar de forma lúdica, essa forma de educar se constitui em uma metodologia em que ampliam o conhecimento de vida sociocultural associados a instituição escolar (KISHIMOTO, 1994).

De forma lúdica, passa a expressar suas intimidades com o corpo e com o meio em que a mesma se encontra, apresentando capacidade de desenvolver habilidades e construir uma nova personalidade cognitiva (KISHIMOTO, 1994).

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (1998), as brincadeiras de “faz de conta”, os jogos de construção e aqueles que possuem regras - como os jogos de sociedades (conhecidos também como de tabuleiro), os tradicionais jogos didáticos e corporais enriquecem suas habilidades e colaboram para o desenvolvimento de novos conhecimentos de através do lúdico.

O supracitado referencial assegura que o jogo, em suas várias formas, possibilita o desenvolvimento de habilidades, ampliando o desenvolvimento intelectual e motor, oportunizando a criatividade de novos conhecimentos e habilitando o pensamento, a socialização, iniciativa e a autoestima para a linguagem, na construção de um cidadão com

conhecimentos capazes de enfrentar novos confrontos, construções e participação em um novo mundo.

Em todas as etapas de desenvolvimento da criança, ela passa a desenvolver sua habilidade, a expressar as funções motoras e cognitivas e apresenta as seguintes classificações: o exercício, o símbolo e a regra (PIAGET, 1940). De acordo com Gurgel (2017), os jogos permitem que as crianças adquiram conhecimentos de proporcionar e permitir as regras. Nessa atuação, as crianças passam a construir e a entender as regras do jogo visando suas próprias ações e o respeito com os colegas e parceiros do jogo. “Froebel fez do brincar a parte central de seu sistema educativo, não como recreação ou descanso, mas como espaço natural e eficaz de desenvolvimento físico, mental e moral da criança, além de revelar e definir a individualidade e personalidade infantil” (KISHIMOTO, 1992, p. 42).

Kishimoto (1992) afirma, ainda, que - no ato da prática das brincadeiras pelas crianças – o professor deve ser um mediador e nortear suas ações de forma livre e espontânea, na medida em que a criança desenvolva as brincadeiras com liberdade e espontaneidade, onde o educador precisa observar como as crianças expressam sua autonomia.

O professor necessita explorar os materiais, propor questões fazer levantamento das hipóteses de como pode ser o jogo e questionar sobre quantos jogadores podem participar, apresentando o objetivo do jogo. Depois, com algumas crianças dispostas a jogar, o professor para a assumir “[...] o papel de *expert*, do jogador mais experiente com a função de apresentar e explicar as regras do jogo, ensinar a jogar” (REAME, 2012, p. 80).

Os jogos não podem ser utilizados de qualquer maneira, sendo necessário que haja um planejamento para uma melhor compreensão a respeito de desenvolvimento das habilidades das crianças, sendo pertinente esclarecer que os jogos contemplam e promovem momentos onde há perdas e ganhos com regras construídas (REAME, 2012).

O jogo pode ser, então, um instrumento pedagógico muito significativo. No contexto cultural e biológico, consiste em uma atividade livre e alegre que engloba significados, “possuindo grande valor social e oferecendo inúmeras possibilidades educacionais, pois favorece o desenvolvimento da criança e contribui para que ela viva em sociedade, participando e questionando os pressupostos das suas relações sociais tais como estas” (KISHIMOTO, 1996, p. 26).

Ainda de acordo com o autor supracitado, os jogos norteam uma transcendência para descrever a criança na educação infantil, na medida em que ela desenvolve suas habilidades,

aprendendo a repetir regras e estimulando a sua capacidade de raciocínio, respeitando sua autonomia. Neste contexto, a criança aprimora seus conhecimentos e melhorando suas capacidades: físicas, mentais, intelectuais e motoras.

Psicopedagogia e os aspectos lúdicos na educação infantil

Para o psicopedagogo, a utilização dos jogos é riquíssima e se faz importantíssima para que se conduza e realize o levantamento da hipótese diagnóstica a respeito das limitações e possibilidades da criança, bem como da dificuldade de aprendizagem com algum transtorno. Portanto, as ações lúdicas são ferramentas significativas diante das intervenções psicopedagógicas, terapêuticas ou não terapêutica (FREIRE, 2002).

O jogo é, ainda, uma das primeiras formas de disfarce de que o sujeito humano apropria-se, valioso espaço de expressão do desejo inciente, fazendo dele fonte de prazer e, ao mesmo tempo, fonte de conhecimento (FREIRE, 2002).

É válido salientar e valorizar a importância dos jogos e brincadeiras para as habilidades de aprendizagem humana como as demais práticas lúdicas como: a música, a pintura e outras técnicas que estimulam e favorecem a criatividade das ações, capazes de promover a aprendizagem da criança. A atividade de ludicidade é, pois, precursora da imaginatividade que rege na criança o poder da produção literária, onde deve-se estimular argumentos que fomentem a compreensão de habilidades e potencialidades da criança (FREIRE, 2002).

Ainda acordo com Freire (2002), uma criança pequena que ainda não desenvolveu sua linguagem verbal passa a imitar os gestos que está observando, ao ponto que esta potencialidade é utilizada como uma forma lúdica, sendo praticada por prazer, representando o ato corporal - sendo considerada um “jogo de exercício”.

Dessa forma, considera-se o lúdico como um fenômeno psicológico e psicopedagógico, sendo um fator determinante no desenvolvimento infantil e sujeito humano (desenvolvimento cognitivo, físico, mental e emocional), essencial na construção de sua personalidade, como fator de comunicação e relação com outras crianças, adultos e consigo mesmo.

Brincar é, então, uma fase significativa no desenvolvimento humano infantil, pois nesse período auto-ativo há a “representação do interno: representação, necessidades e impulsos” (FROEBEL, 1912, p. 54-55). O professor, por sua vez, “propõem sugestões de atividades em que a criança seja capaz de trocar experiências, construir soluções e, através das trocas de experiências com os colegas, construa o imaginário e desenvolva livremente suas potencialidades”

(FROEBEL, 1912, p. 54-55).

Como exemplos dessas atividades, destacam-se: amarelinha; círculos de bambolês para crianças passarem pulando; futebol ou outros jogos com bola; brincadeiras de roda cantada; brincar de imitar animais; rolar na grama/chão; pular, engatinhar; boliches dos números; bingo das letras; caixa mágica; bola, dentre outras múltiplas possibilidades (FREIRE, 2002).

O jogo “possibilita, ainda, a aprendizagem ajudando na criatividade, pensar, raciocinar, socializar, criar e recriar. Através de jogos, é possível que a criança tenha quantidade e compreensão da seqüência. O jogo serve como forma de equilíbrio entre a criança e o mundo” (CORREIA; BENTO, [s/d.], p. 2).

Os jogos permitem que a criança explore o meio em que o mesmo está inserido, permitindo o conhecimento de maneira agradável para o desenvolvimento da criança. Esta criança aprende com a prática, como concreto e, assim, brinca e joga, tendo prazer e facilidade para o seu desenvolvimento. Brincando, a criança aciona a memória e sua capacidade de aprimorar-se e se expressar em diferentes linguagens (FREIRE, 2002).

Considerações (não) finais

O educador como mediador no trabalho do lúdico desperta na criança a construção de suas habilidades. O lúdico, por sua vez, é uma necessidade. Assim, a atividade lúdica realizada como exercício é fundamental para que haja uma aprendizagem com divertimento e que facilite as práticas pedagógicas em sala de aula.

A escola como ambiente educacional tem que se constituir como um espaço acolhedor que desenvolva as atividades lúdicas para uma metodologia eficaz, enriquecendo o despertar das crianças e favorecendo a dinamicidade do educador. No entanto, o lúdico traz benefícios para o desenvolvimento nos aspectos: cognitivo, físico, intelectual, motor sensorial e sociocultural.

Este texto buscou compreender sobre o papel da ludicidade no fazer pedagógico na educação infantil, com a prática norteadora para o alargamento e composição do intelecto, do motor e do cognitivo sociocultural na estruturação do ser. Destarte, educar não consiste em simplesmente transcrever, mas na multiplicidade e diversidade das experiências que lhe são oferecidas.

Ao final, concluiu-se que o lúdico contribui significativamente para a transmissão do conhecimento no processo de ensino-aprendizagem, na medida em que o aprendente é estimulado a pensar e compreender por meio de atividades que estimulam seu raciocínio, maior

participação em sala de aula e maior interação aluno-aluno e aluno-professor, refletindo, direta e indiretamente, em seu cotidiano dentro e fora do ambiente escolar.

Referências

BOSSA, N. A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. RS, Artmed, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares**. Brasília: Senado, 2013.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. (2005) Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>. Acesso em 24 dez. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. (1996) Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 25 dez. 2021.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília. DF, MEC, 1994.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. (1988) Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 24 dez. 2021.

CORRÊA, L. S.; BENTO, R. M. L. **A importância do lúdico para a aprendizagem na educação infantil** [s/d]. Disponível em: http://unijipa.edu.br/media/files/54/54_218.pdf. Acesso em 10 nov. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FROEBEL, F. *Letters to a mother on the philosophy of Froebel*. Harris, W.T. (ed.) New York/London: D. Appleton and Company, 1912.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1996.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 1994.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo, a criança e a educação**. Tese de livre docência. São Paulo: FEUSP, 1992.

NICOLAU, M. L. M. **A educação pré-escolar**: fundamentos e didática. 9 ed. São Paulo: Ática, 1997.

PERES, M. R. Psicopedagogia: aspectos históricos e desafios atuais. **Revista Educação**, PUC-Campinas, v. 3, n. 5, p. 41-45, nov. 1998.

REAME, E. **Matemática no dia a dia da Educação Infantil**: rodas, cantos, brincadeiras e histórias. São Paulo: Livraria Saraiva, 2012.

PROCESSO DA LEITURA NO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PERSPECTIVA PSICOPEDAGÓGICA¹⁸

Ivonete Ferreira Madeiro¹⁹
Mayara Ferreira de Farias²⁰
Francisco Leilson da Silva²¹
Mayane Ferreira de Farias²²

Resumo

A hora da leitura é um momento fundamental que pode contribuir para a formação de leitores proficientes, principalmente quando os alunos começam a ler diferentes gêneros textuais como fonte de conhecimento, de informação e de prazer, por meio do convívio. Nesse sentido, o presente artigo foi realizado a partir dos estudos e dos usos de estratégias para hora da leitura como uma perspectiva psicopedagógica no processo da leitura do 4º do ensino fundamental. O texto em tela teve como objetivo geral contribuir de forma reflexiva, por meio de um olhar psicopedagógico, para transformar a hora da leitura em um espaço por excelência, para a formação do leitor. Para tanto, fundamentamo-nos em uma pesquisa bibliográfica, com caráter descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa. Portanto, na construção deste estudo, dentre vários teóricos, nos respaldamos principalmente em: Souza (2009), Koch e Elias (2006), Solé (1998) e Bossa (2000), considerando que o uso de alguns recursos didáticos é necessário para dinamizar e diversificar o momento da hora da leitura, contribuindo para transformá-lo em uma estratégia capaz de despertar o interesse e a curiosidade do educando pela leitura, dentro e fora do ambiente escolar.

Palavras-chave: Leitura. Estratégias. Psicopedagogia.

¹⁸ Artigo produzido a partir do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade do Maciço de Baturité – FMB - como um dos pré-requisitos para a obtenção do título de especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica.

¹⁹ Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade do Maciço de Baturité – FMB.

²⁰ Doutoranda pela UFRN (PPGTUR) - todos os créditos já foram integralizados. Mestre em Turismo pela UFRN (PPGTUR). Especialista em Gestão Pública Municipal pela UFPB. Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana/NCCE pela UFRN. Especialista em Política de Promoção da Igualdade Racial (UNIAFRO) pela UFRSA. Graduada em Letras Espanhol (IFRN). Bacharel em Turismo (UFRN). Graduada em Filosofia (ISEP). Técnico em Guia de Turismo Regional pelo SENAC (Natal). Atualmente, é avaliadora voluntária em dez periódicos com Qualis Capes. É Pesquisadora Voluntária no Grupo de pesquisa em Marcas e Marketing (UFRN). É membro do Corpo Editorial da Revista Querubim - UFF. Atua e pesquisa nas seguintes áreas: Desenvolvimento e Gestão do Turismo; Teoria do Turismo; Metodologia da pesquisa; Metodologia do trabalho Científico; História e Cultura Africana e Afro-brasileira; Turismo em Comunidades Quilombolas; Turismo; Planejamento do Turismo; Transdisciplinaridade; Interdisciplinaridade; Educação; Ensino; Língua Espanhola; Linguística; Leitura e escrita; Eventos, Lazer e Planejamento. E-mail: mayaraferreiradefarias@gmail.com.

²¹ Doutorando do PPGEL/UFRN. Mestre em linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2016). Bolsista de iniciação científica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Professor - Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte. Professor, orientador e tutor na Educação a Distância (UAB/EaD/IFRN).

²² Licenciada em Computação e Informática pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Graduanda em Administração pela UNIASSELVI. Professora da EEJJ - Escola Estadual José Joaquim. Professora da EECIT - Escola Cidadã Integral Técnica Professor Lordão. Foi tutora da disciplina Banco de Dados e Design Web no Curso de Informática para Internet do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Foi tutora do módulo avançado de WEB do Instituto Metrópole Digital (IMD). Participou como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) por 3 anos. Foi aluna do Curso Técnico Subsequente em Informática pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte/Santa Cruz-RN (IFRN), estagiando 400 horas na Prefeitura Municipal de Coronel Ezequiel/RN na área de computação e informática. Coursou 3 anos de Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Campina Grande/Campus de Cuité/PB (UFCEG). Prestou serviços como voluntária na área de microinformática básica de janeiro de 2009 a março de 2012 na Prefeitura Municipal de Coronel Ezequiel/RN. Ministrou aulas de informática no período de Janeiro de 2010 a Novembro de 2012 na Escola Municipal Manoel Cassimiro Gomes no município de Coronel Ezequiel/RN. Foi voluntária no Projeto de "Inclusão digital na Cidade de Coronel Ezequiel/RN" ministrando palestras como auxiliar - com 420 horas de aula. E-mail: mayanefarias@hotmail.com.

Abstract

Reading time is a fundamental moment that can contribute to the formation of proficient readers, especially when students begin to read different textual genres as a source of knowledge, information and pleasure, through socializing. In this sense, the present article was carried out from the studies and uses of strategies for reading time as a psychopedagogical perspective in the process of reading in the 4th grade of elementary school. The text on screen had as general objective to contribute in a reflective way, through a psychopedagogical look, to transform the reading time into a space par excellence, for the formation of the reader. For that, we base ourselves on a bibliographical research, with a descriptive and exploratory character, with a qualitative approach. Therefore, in the construction of this study, among several theorists, we rely mainly on: Souza (2009), Koch and Elias (2006), Solé (1998) and Bossa (2000), considering that the use of some didactic resources is necessary to dynamize and diversify the moment of reading time, helping to transform it into a strategy capable of arousing the student's interest and curiosity in reading, inside and outside the school environment.

Keywords: Reading. Strategies. Psychopedagogy.

Resumen

El tiempo de lectura es un momento fundamental que puede contribuir a la formación de lectores competentes, especialmente cuando los estudiantes comienzan a leer diferentes géneros textuales como fuente de conocimiento, información y placer, a través de la socialización. En ese sentido, el presente artículo se realizó a partir de los estudios y usos de las estrategias para el tiempo de lectura como perspectiva psicopedagógica en el proceso de lectura en el 4º grado de primaria. El texto en pantalla tuvo como objetivo general contribuir de manera reflexiva, a través de una mirada psicopedagógica, a transformar el tiempo de lectura en un espacio por excelencia, para la formación del lector. Para ello, nos basamos en una investigación bibliográfica, de carácter descriptivo y exploratorio, con enfoque cualitativo. Por lo tanto, en la construcción de este estudio, entre varios teóricos, nos apoyamos principalmente en: Souza (2009), Koch y Elias (2006), Solé (1998) y Bossa (2000), considerando que es necesario el uso de algunos recursos didácticos. dinamizar y diversificar el momento del tiempo de lectura, contribuyendo a transformarlo en una estrategia capaz de despertar el interés y la curiosidad del estudiante por la lectura, dentro y fuera del ámbito escolar.

Palabras clave: Lectura. Estrategias. Psicopedagogía.

Apresentação: um convite ao tema

A leitura de bons livros criativos, estimulantes e instigantes gera no aluno uma predisposição natural ao hábito de ler. Isso acontece porque há um processo de incentivo provocado pelo próprio material de leitura que precisa ser bem selecionado pelo professor.

O problema é que, constantemente, os educadores envolvidos no ensino de leitura são confrontados pelas seguintes indagações: Como formar leitores? Como estimular na criança o gosto e o hábito de ler? Como transformar a hora da leitura num momento primordial para a iniciação ao gosto pelas leituras? O que é preciso fazer para que isso aconteça? Como e quando realizar este trabalho para a iniciação do gosto pela leitura? Todas elas fazem parte dos nossos questionamentos, os quais nos conduziram na construção deste estudo.

Essas questões são importantíssimas e estão intimamente ligadas aos problemas enfrentados por todos os envolvidos na formação de leitores no 4º ano do Ensino Fundamental, pois alunos chegam nesse nível escolar com muitas dificuldades na leitura, sem compreensão do que está sendo lido, dificultando o aprendizado no processo de aprendizagem. Então, quando temos respostas para elas, a tarefa de tornar possível o aprendizado da leitura fica fácil e adequada. Diante disso, estimular uma leitura prazerosa faz com que seja acionado todo processo.

A partir dessa compreensão, este estudo tem como objetivo geral contribuir, de forma reflexiva, por meio de um olhar psicopedagógico, para transformar a hora da leitura num espaço por excelência, para a formação do leitor. Em relação aos objetivos específicos, tem-se: registrar os momentos de promoção da leitura nas salas de aula; ampliar e aperfeiçoar as possibilidades de leitura e de escrita do estudante, levando-o a ter domínio dessa modalidade; e incentivar os alunos às práticas divertidas e prazerosas na hora da leitura.

Ao egermos esses objetivos, pretendemos contribuir para construção de uma escola cidadã capaz de proporcionar ao estudante a chance de entrar em contato com uma diversidade de textos, de gêneros variados, com a finalidade de que esse processo possa acontecer de forma significativa, dentro e fora desse ambiente.

Assim, o papel principal da psicopedagoga é direcionar o estudo no processo de aprendizagem. Nesse sentido, é necessário conhecer o indivíduo em seus aspectos neurofisiológicos, afetivos, cognitivos e sociais, a fim de compreender suas várias dimensões, ajudando a reencontrar seu caminho e superar as dificuldades que estejam bloqueando a comunicação com o mundo; fazendo com que cada situação seja única e particular, para investigar e intervir nos acontecimentos permanecem prejudicando o indivíduo.

Por isso, foi feita uma avaliação psicopedagógica, em que foram norteadas as decisões voltadas à prevenção e à solução das possíveis dificuldades, promovendo, assim, o ensino e a aprendizagem.

Diante disso, foram destacados alguns instrumentos de avaliação: escrita livre e dirigida, visando avaliar a grafia, a ortografia, a produção textual, a leitura, provas de avaliação do nível de pensamento e outras funções cognitivas; cálculos; jogos simbólicos e jogos com regras e desenhos.

Nessa perspectiva, justifica-se que é necessário que o aluno tenha um convívio contínuo com diferentes leituras, por meio do uso de materiais que lhe despertem o interesse, a curiosidade e o prazer, e, por conseguinte, conduzam-no às reflexões, possibilitando-lhe a construção de um novo dimensionamento da hora da leitura, que corre o risco de se transformar em um momento monótono e chato, o que, a nosso ver, não contribui para a formação desse leitor.

O tema apresentado foi desenvolvido porque observamos as dificuldades de leitura na turma, sabendo que, por meio do olhar psicopedagógico, a criança, que tem dificuldade, pode desenvolver a aprendizagem, a aquisição do conhecimento e eliminar distorções, sendo possível, assim, ajudar os alunos na melhoria das limitações que apresentam.

Na hora da leitura, crianças brincam, jogam, pulam, e muito mais. Na sala, a criança está concentrada em jogos que a psicopedagoga direciona para ajudá-la na leitura. Baseado nesta justificativa, comprova-se que o psicopedagogo contribui, efetivamente, para a aprendizagem da criança. No novo espaço, a leitura vira brincadeira, torna-se proveitosa e é usada como aprendizado, contribuindo para a leitura, a compreensão e a interpretação.

Portanto, na construção deste estudo, dentre vários teóricos, nos respaldamos em Souza (2009), Koch e Elias (2006), Solé (1998) e Bossa (2000). A partir desses aspectos, em uma abordagem qualitativa, a metodologia aplicada foi a pesquisa bibliográfica. Durante o processo, usamos estratégias ancorados em uma perspectiva psicopedagógica.

Todos esses aspectos nos conduziram a organizar este trabalho da seguinte forma: introdução, em que se faz um apanhado geral daquilo que será discutido o longo do trabalho, bem como problemática, objetivos e metodologia; no primeiro tópico desta parte, discutimos sobre o breve histórico da psicopedagogia e caracterizamos a Associação Brasileira de Psicopedagogia - ABPp; em seguida, no segundo tópico, respaldamos a formação do leitor, relatando a leitura, as concepções, as práticas e as estratégias de leitura na escola.

Nessa linha de raciocínio, no terceiro tópico, abordamos alguns apontamentos acerca das contribuições da psicopedagogia nas dificuldades de leitura na escola e teorizamos as considerações finais. Por conseguinte, a temática abordada neste trabalho está voltada para uma perspectiva psicopedagógica. Nessa visão, dará suporte para estimulá-la permanentemente, com a finalidade de que o aluno amplie e aperfeiçoe as habilidades nesse sentido, mediante ao desenvolvimento de atividades que o conduzam a adentrar no universo imaginário contido em alguns jogos, bem como incentivando-o a realizar a leitura sob diferentes perspectivas, como, por exemplo, fazer um trabalho, construir outros conhecimentos, buscar informações específicas, entre outros.

Breve histórico da psicopedagogia

Em linhas gerais, os primeiros centros psicopedagógicos foram fundados na Europa, em 1946, por Boutonier e Geoge Mauco, com direção médica e pedagógica. Dessa forma, nesses centros juntavam conhecimentos da área de psicologia, psicanálise e pedagogia. Esta condição era integrar crianças com comportamento desconvenientes no cotidiano escolar e familiar, como também direcionar crianças com dificuldades de aprendizagem, apesar de serem inteligentes, baseado em Mery *apud* Bossa, 2000.

Bossa (2000), ao fazer referência aos estudos Janime Mery, atestou que a psicopedagogia francesa apresentava alguns contextos sobre a origem dessas afirmações na Europa sobre os trabalhos de Geoge Macuo, fundador do primeiro centro médico psicopedagógico na França, em que percebeu as primeiras tentativas de envolver a medicina, a psicologia, a psicanálise e a psicopedagogia na eficácia dos problemas de comportametos e de aprendigagem.

A expectativa era que, através da junção da psicologia, da psicanálise e da pedagogia, seria possível conhecer a criança e o seu mundo para compreender o “eu” e adaptar a ação dela, bem como identificar os que não aprendiam, mesmo sendo inteligentes, dos outros que apresentavam alguma deficiência mental, física ou sensorial.

Nesse contexto, a psicopedagoga Alícia Fernandes constata que a psicopedagogia surgiu na Argentina há mais de 30 anos e que Buenos Aires, sua capital, a primeira cidade a oferecer o

curso de psicopedagogia (BOSSA, 2000)

É preciso ressaltar que a psicopedagogia chegou no Brasil “na década de 70 e que, nessa época, as dificuldades de aprendizagem. Nesta época, eram associadas a uma disfunção neurológica denominada de disfunção cerebral mínima (DCM), que virou moda neste período para esconder os verdadeiros problemas da sociedade” (BOSSA, 2000, p. 48-49).

Atualmente, os psicopedagogos recebem crianças no consultório que já foram examinados por um médico, cuja as indicações foram feitas pela escola ou por iniciativa própria das famílias, por causa dos problemas apresentados na escola. É interessante lembrar que devemos ter total atenção em qual Instituição iremos realizar o curso de Psicopedagogia, uma vez que deve-se prezar pela excelência profissional.

A Associação Brasileira de Psicopedagogia - ABPp

No início de 1980, foi criada a Associação Brasileira de Psicopedagogos - ABPp. Sendo assim, os psicopedagogos brasileiros apresentam amparo dessa associação, pois ela cuida dos fins e das exigências da classe e da luta pelos direitos que pretende alcançar os objetivos, auxiliando e participando para que os profissionais realizem grupos de estudos, conversas e pesquisas relacionadas a teoria e didáticas da profissão. Peres (1998) faz uma interessante análise sobre que:

[...] ao longo de sua existência a associação tem promovido vários encontros e congressos visando dentre outras coisas refletir sobre: a formação do psicopedagogo, a atuação psicopedagógica objetivando melhorias da qualidade de ensino nas escolas, a identidade profissional do psicopedagogo, o campo de estudo e atuação do psicopedagogo, o enfoque psicopedagógico multidisciplinar (PERES, 1998, p. 43).

A referida Associação realiza publicações de casos, de estudos, de pesquisas e direcionamentos de aprendizagem sobre a psicopedagogia, divulgando, portanto, as reportagens na Revista Psicopedagógica. Assim, ajuda para que a psicopedagogia cresça na sociedade brasileira de educação, realizando e apoiando para eficácia da aprendizagem, por meio de eventos para chamar atenção do público esperado, fazendo uma mídia populacional. Além disso, a Associação Brasileira de Psicopedagogia é um órgão que trata da classe, batalha pelos motivos e pela formação na área.

Neste sentido, constituída na forma de sua organização, com o Conselho Nacional que junta todos os associados, vários direcionamentos de muitas regiões do país, tem-se o seguinte resultado: conselho nato, formado pelos ex-presidentes da ABPp, que passam a inclui-lo ao término de cada gestão; os conselheiros, que ganham lutam pelos associados de todo Brasil; e os representantes das seções e núcleos. Partindo desses pressupostos, fazendo com que a psicopedagogia no Brasil tivesse como esclarecer seus direitos perante a sociedade e saberes na área, a Associação Brasileira de Psicopedagogia – ABPp estabeleceu uma declaração escrita que comprova a identidade profissional do psicopedagogo e dos seus propósitos nesse campo de

conhecimento.

Dentro de uma sociedade em que os psicopedagogos são muito mais do que conhecimentos prévios, são formadores de opiniões e de questionamentos para melhoria do aprendizado dos indivíduos, sente-se a necessidade de incorporar estes profissionais em cargos de vários municípios brasileiros, mediante concursos públicos. Nesse viés, regulamentar essa profissão seria um bem maior para os que sonhavam com o trabalho reconhecido, uma luta de 30 anos da equipe que busca seus objetivos por todos que fazem a profissão. Diante da necessidade e perante tantos requerimentos de pessoas de muitos Institutos e Universidades brasileiras, o Conselho Nacional da Associação Brasileira de Psicopedagogia estabeleceu, em 1994, com autonomia, a regulamentação da profissão de psicopedagogo.

A formação do leitor: breves considerações

Para uma formação de leitores, precisa-se que o professor leia para seus alunos frequentemente, com prazer e alegria, como forma de estimulá-los a se tornar leitores proficientes, visto que apenas ter acesso aos livros ou ter tempo para lê-los não é suficiente, mas é preciso realizar, no contexto de sala de aula, atividades que promovam convívio efetivo na vida deles.

De acordo com Souza (2009), a escola, na modernidade, tem o desafio de formar leitores capazes de interagir com o mundo e, por conseguinte, possam estabelecer relações entre o universo retratado no texto com o mundo real, pois é possível desenvolver isso de forma significativa, a partir de estratégias que contemplem a linguagem verbal e não verbal.

Neste trabalho, focalizamos a prática da leitura sob a perspectiva literária, por meio do uso de material que a subsidiará de forma significativa. Por isso, para Souza (2009, p. 20) “quando a referência é a leitura, esta é concebida como uma arte capaz de motivar, no mesmo processo, a expressão do imaginário, do real, dos sonhos, das fantasias, dos conhecimentos apropriados pelo sujeito”, pois, através da leitura, a criança imagina tudo que gostaria de ser, vive os personagens e vai para qualquer lugar, por meio da imaginação.

O pré-leitor começa na educação infantil, a partir dos 15 meses e vai até os 5 anos, aproximadamente; é aquele que a criança ainda não tem a competência de decodificar a língua verbal e escrita, mas já consegue reconhecer a realidade que o rodeia, como, por exemplo, contatos afetivos e pelo tato, em que a imagem é fundamental nesta fase de construção e, por isso, são indicados os livros com imagens sem textos verbais, para que ela possa, por meio do reconhecimento de sequências e cenas, compreendê-la melhor, procurando entender alguns elementos estruturais da narrativa (o espaço, os personagens e o tempo).

O leitor iniciante, geralmente a partir dos 5 ou 6 anos, começa ter contato com a expressão escrita da linguagem verbal e do letramento, como também é o momento em que a curiosidade sobre o universo cultural e o mundo é despertada. Já o leitor em processo, desenvolve-se a partir dos 8 anos, fase em que a criança domina diferentes mecanismos de leitura.

Sendo assim, a motivação do adulto é bastante importante neste processo, visto que o leitor fluente (dos 10 anos em diante) é concebido como fruto de um momento no qual acontece o desenvolvimento do seu pensamento, por meio da realização de atividades de reflexão, que são importantes na construção de diferentes estratégias leitoras; enquanto o leitor crítico inicia-se, em média, a partir dos 12 anos em diante, fase na qual acontece o total domínio da leitura, quando a criança já apresenta um melhor desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico.

A esse respeito, Souza (2009) entende que cada escola deve ter o seu próprio programa de literatura de acordo com a história de vida e as habilidades das crianças que estudam nela. Já os professores, que atuam, precisam conhecer tanto as crianças quanto o material disponível para o seu trabalho, além de procurar compreender a especificidade da literatura durante a educação básica, principalmente no 4º ano do Ensino Fundamental.

A leitura: concepções e práticas na escola

É fundamental ressaltarmos a importância da leitura em nossa vida e, por isso, faz-se necessário estimular os estudantes a desenvolverem o convívio com essa prática de forma prazerosa, uma vez que, em outros contextos, ela foi trabalhada sob outras perspectivas.

De acordo com Koch e Elias (2006, p. 4), “a concepção de língua como representação do pensamento corresponde ao sujeito psicológico, individual, dono de sua vontade de suas ações”, uma vez que a leitura é entendida como a atividade de captação das ideias do autor, sem levar em conta as experiências do leitor, a interação entre o autor-texto-leitor, pois o sentido está centrado no autor, cabendo ao leitor somente captar essas intenções.

Dessa forma, uma boa leitura é algo incomparável, pois, no momento da leitura, o mediador se transforma e faz com que seus ouvintes viagem para o mundo imaginário, no qual quem conta uma história e quem a ouve se complementam.

Para Solé (1998), os objetivos mais importantes da leitura nas escolas devem fazer com que os alunos desenvolvam diferentes habilidades e competências no convívio com ela, visto que essa aquisição é indispensável para eles possam agir com autonomia nas sociedades letradas, pois pesquisas realizadas revelaram que a leitura não é utilizada tanto quanto deveria, isto é, não lemos o bastante. Nesse sentido, questionamos: será que os professores e a escola têm clareza sobre o que é o ato de ler?

A leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto, que deve ter finalidade para quem a realiza, uma vez que lemos para algo para refletir, preencher um momento de lazer, seguir obrigações no trabalho, para realizar uma atividade, entre outros sentidos. Nesse sentido, ela deve ser entendida como um processo constante de elaboração e verificação de previsões, que conduzem o estudante a construção de possíveis sentidos durante a prática da leitura.

Dessa forma, o desenvolvimento contínuo do ato de ler vai contribuindo para que o educando interaja com os textos lidos, pois, segundo Freire (1989, p. 9), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, antes de ingressar na escola a criança já traz consigo

conhecimentos variados de leituras com as quais convive no dia a dia.

Portanto, ler o mundo que a rodeia é algo significativo, como também manusear os objetos do conhecimento, perceber os movimentos das plantas e dos animais, ver ilustrações de livros, ouvir, ter diferentes sensações, conhecer os símbolos linguísticos são aspectos fundamentais nesse sentido.

Na prática escolar, o “eu” é sempre o mesmo; o “tu” é sempre o mesmo. O sujeito se anula em benefício da função que exerce. Quando o tu-aluno produz linguisticamente, tem sua fala tão marcada pelo eu-professor-escola que sua voz não é voz que fala, mas voz que desenvolve, reproduz a fala do eu-professor-escola, conforme teoriza Geraldi (2006). Para ele, o diálogo entre o aluno e o texto é fundamental de acontecer, porque, a partir dele, a leitura passa a assumir diferentes finalidades, tais como: *a leitura-busca informações; a leitura - estudo do texto; a leitura do texto-pretexoto e a leitura-fruição do texto*. Portanto, as relações de interlocução são possíveis de ser estabelecidas, de acordo com Geraldi (2006), considerando os seguintes aspectos em relação à leitura: a leitura-busca de informações, em que a finalidade é que leitor procure extrair do texto uma informação.

Outro fato a ser destacado é que a leitura-estudo do texto é aquela que é mais praticada em aulas de outras disciplinas do que em língua portuguesa. Já a leitura do texto-pretexoto envolve uma rede de questões, como, por exemplo, pretexoto para o aluno, que sendo o aprendiz deveria aprender melhor e pretexoto para o professor apenas trabalhar aspectos gramaticais ou uma temática específica. A leitura-fruição do texto, por sua vez, está voltada para o prazer como experiência, que vai se realizando sob diferentes perspectivas, por meio da atribuição de sentidos variados.

Para Martins (1994, p. 11), “quando e como começamos a ler, desde os nossos primeiros contatos com o mundo, percebemos o calor e aconchego de um berço diferentemente das mesmas sensações provocadas pelos braços carinhosos que nos embalam”. Assim, a primeira leitura realizada por nós nunca é esquecida, porque é, geralmente, desenvolvida com prazer de aprender a ler de diferentes formas, procurando assimilá-la com outras relacionadas a ela.

Estratégias de leituras: algumas perspectivas

O trabalho com a leitura, geralmente, costuma restringir-se a ler o texto e responder algumas perguntas relacionadas a ele, no que diz respeito aos seus personagens, localidades, o que mais gostou ou não gostou, entre outros aspectos. Tudo isso revela que o foco está no resultado da leitura e não em seu processo, visto que as práticas escolares dão maior ênfase ao domínio das habilidades de decodificação.

Segundo Solé (1998), no ensino fundamental a leitura e a escrita aparecem como objetivos prioritários, pelo fato de acreditar que, ao final dessa etapa, os alunos possam ler textos de forma autônoma e passem a utilizar os recursos ao seu alcance para minimizar as dificuldades existentes nesse sentido. O que se vê nas escolas são esforços para iniciar os estudantes nos segredos do uso

da língua, a partir de diversas abordagens. Nesse sentido, poucas vezes, considera-se que essa etapa tem início antes da escolaridade obrigatória.

Segundo Koch e Elias (2006, p. 22), “as estratégias sócio-cognitiva são realizadas por meio do processamento textual, à medida que são mobilizados vários tipos de conhecimentos”, os quais vão sendo armazenados na memória. Portanto, o processamento textual acontece na leitura de um texto, quando fazemos pequenos cortes que funcionam como entradas a partir dos quais elaboramos ideias de interpretação. Para a realização desse processamento textual, recorreremos a três grandes sistemas de conhecimento, de acordo com Koch e Elias (2006), a saber: conhecimento linguístico; conhecimento enciclopédico e conhecimento interacional.

Koch e Elias (2006) afirmam, ainda, que o conhecimento linguístico abrange o conhecimento gramatical e lexical, com a finalidade de compreender a organização do material linguístico na superfície textual; enquanto o conhecimento enciclopédico refere-se aos conhecimentos gerais sobre o mundo. Já o conhecimento interacional, remete às formas de interação por meio da linguagem, que engloba os conhecimentos ilocucional; comunicacional, metacognitivo e superestrutural. Assim, o processamento textual é estratégico e significa que os leitores, diante de um texto, atribuem sentidos à prática da leitura em várias atividades que realizam nesse sentido.

Contribuições da psicopedagogia nas dificuldades de leitura na escola

A psicopedagogia é o âmbito de conhecimento para direcionar estudos e princípios de diferentes áreas, com a finalidade na aprendizagem dos indivíduos. Este campo de estudo se preocupa com o aumento cognitivo, psicomotor e afetivo que estão relacionados na aprendizagem. É importante saber que os psicopedagogos são capacitados para receber crianças ou adolescentes com dificuldades de aprendizagens, agindo na precaução, no diagnóstico e no tratamento clínico ou institucional. O cotidiano escolar não é simples, pois a didática enfrenta vários obstáculos em sala.

Sendo assim, os psicopedagogos têm de ensinar, de forma cautelosa, e prevenida em suas situações. Para resolver questões relacionadas a aprendizagem, será prudente um trabalho em equipe: família, escola e aluno, como também outros profissionais da educação e de outras áreas que ajudem no crescimento da aprendizagem. É exatamente essa questão: a psicopedagogia está junto com a educação melhorando a compreensão das dificuldades de aprendizagem, da leitura e da escrita, acionando intervenções necessárias quando identificados os problemas no processo de alfabetização, acionando instrumentos convenientes para conclusão da dificuldade.

Assim, a união dos envolvidos se faz eficiente para o processo de aprendizagem. É preciso ressaltar que o profissional da psicopedagogia tem uma responsabilidade de fundamental importância na conclusão dos problemas de leitura. Aprender a ler é como viajar no mundo da imaginação, ser o que quiser e quando isso não acontece fica difícil imaginar a partir da leitura propriamente dita. Algumas crianças têm mais dificuldades que outras no processo da leitura. As

habilidades mais diagnosticadas para a leitura são: relações estabelecidas entre palavras, compreensão do significado da palavra e decodificação. Iremos citar algumas consequências de dificuldades de leitura: incapacidade, imaturidade na iniciação do processo da leitura, métodos errôneos, estado emocional, social e cultural, essas situações são causadoras da dificuldade na leitura.

Vale salientar, que a dislexia pode ou não ser classificada como transtorno de leitura e de escrita; uma característica causada pela dificuldade de leitura. Diante disso, seguem alguns distúrbios de aprendizagem: discalculia; incapacidade para cálculo, disgrafia; dificuldade para escrever e disortografia, confusão na escrita.

A partir dessas dificuldades, os aspectos sociais e emocionais interferem na leitura e escrita. É importante dizer, sobretudo, que quando o psicopedagogo atende um aluno que não apresenta leitura, sendo na idade certa para o processo, mesmo tendo sido feitos todos os métodos acessíveis para ele, pode ser que não alcance o desempenho esperado. Diante disso, surgem, então, os questionamentos: por que não aprende? Qual metodologia deve ser usada? O que causou esses bloqueios? Todas essas respostas não vêm logo, o profissional precisa fazer uma investigação.

O trabalho do psicopedagogo com crianças que apresentam dificuldade na leitura não é fácil, haja vista que esse profissional precisa conversar com todas as pessoas envolvidas do cotidiano escolar e familiar. Para melhor compreender, espera-se que toda criança, ao ingressar na escola, tenha seus processos alcançados, porém, eles precisam passar por aspectos emocionais, sociais, culturais e econômicos para que as metas sejam realizadas. Caso isso não aconteça, o profissional responsável será acionado para ajudar no processo de aprendizagem através de estratégias lúdicas.

A aprendizagem da leitura para a psicopedagogia deve ser conhecida como uma aprendizagem que cerca o indivíduo que habita, vivencia, acredita e participa, assim, auxiliando para o esquema de um jeito único de vivenciar o mundo em todos os seus aspectos. Diagnosticar não é tarefa fácil, requer tempo e a dedicação dos envolvidos, equipe escolar, familiar entre outros. Através do diagnóstico psicopedagógico, buscamos olhar uma estratégia de aprendizagem, investigando uma vida, que vai sendo criada pelo indivíduo em ação com a família, convivendo com suas experiências, a fim de perceber como elas foram compreendidas pelo sujeito e por seus pais.

Essa intervenção busca um norte, pois descobrindo cedo, o resultado será eficaz para esses seres, podendo desenvolver suas possibilidades pessoais e profissionais, como de seus amigos que não tem dificuldades. É importante um psicopedagogo como mediador, dando suporte para instituição de ensino e para o pedagogo, na tentativa de melhorar o processo de ensino-aprendizagem desses sujeitos. Nesse sentido, os conhecimentos inseridos pela psicopedagogia podem ajudar a adquirir a leitura, porque a psicopedagogia está sempre

procurando meios de uma visão para aprendizagem diferenciada.

A intervenção acontece quando o acesso do educando, com o alvo de aprendizagem é acionado, para que se processe a leitura, inserindo as vivências e os conhecimentos do cotidiano, é necessário alcançar e manter os objetivos. A leitura não pode ser feita como um processo avaliativo, em voz alta para todos ouvirem, pois aqueles que têm dificuldades podem se constranger, podendo causar, com isso, bloqueios em vez de ajudar.

O adequado é valorizar o leitor e ajudar em seu processo, contar uma história, brincar na leitura, mostrar a leitura de forma encantadora e não como uma cobrança. O psicopedagogo ajudará o professor conversando sobre as estratégias que são mais eficazes aos educandos, com a finalidade de alcançar vários tipos de aprendizagens necessárias, a partir da observação das formas ideais para cada.

O psicopedagogo precisa ouvir o professor, uma vez que ele conhece seu aluno, ficará mais tranquilo o direcionamento das intervenções, com jogos, brincadeiras, desenhos e conversas. A hora da leitura faz libertar a imaginação, melhorando a criatividade, o raciocínio e ampliando os conhecimentos para um mundo melhor.

A psicopedagogia é muito relevante para a aprendizagem da leitura no 4º ano. Sabemos que esse processo vai se desenvolvendo no decorrer da vida, até porque cada leitor tem seu tempo. Sendo assim, afirmamos que o psicopedagogo é fundamental para o processo da leitura do 4º ano do ensino fundamental. A criança, quando estimulada à leitura, lê e, quase sempre, com prazer, e o psicopedagogo provoca essa leitura com grande facilidade. A psicopedagogia tem objetivo multidisciplinar, procurando o saber em diversas áreas.

Considerações (não) finais

É importante esclarecer que, com o desenvolvimento deste trabalho, aprendemos - de forma significativa - com as leituras realizadas a partir dos aportes teóricos estudados, uma vez que a possibilidade de aprender a ler não é diferente de outros procedimentos que são trabalhados na escola, pois requer que o aluno atribua diferentes sentidos à leitura.

Nesse processo, destacamos tanto as experiências estudadas como a motivação e o conhecimento que elas vão construindo ao longo de sua vida dentro e fora da escola, por meio do uso de vários recursos que vão lhes proporcionando novas perspectivas para interagir com o objeto lido. Por isso, a temática em tela, no contexto de sala de aula, deve proporcionar aos estudantes convívios contínuos com essa prática de maneira prazerosa, desde que ela seja desenvolvida por meio de estratégias diversificadas. A hora da leitura é um momento primordial para exercer o prazer por ela.

Entretanto, para que isso aconteça, serão acionadas as intervenções psicopedagógicas, direcionando a importância da psicopedagogia para que possamos compreender, através de uma avaliação e do diagnóstico, meios para conseguir identificar as dificuldades de aprendizagem.

Sendo assim, a psicopedagogia é um campo de conhecimento e de atuação que trata dos problemas de aprendizagem nos seus padrões normais e patológicos, estuda o processo de aprendizagem humana e como reconhecer, tratar e prevenir essas alterações.

A análise dos estudos nos permitiu verificar como a intervenção do psicopedagogo é importante no processo de aprendizagem dos educandos, porque foi desenvolvida no sentido de contribuir para uma formação reflexiva, analisando em que a visão psicopedagógica melhora o processo da leitura na escola.

Esses momentos serão significativos para desenvolver, em sala de aula, práticas leitoras nas quais os educandos possam estabelecer relações entre os seus conhecimentos de mundo e o universo contido em cada uma delas, contribuindo para que eles se tornem leitores proficientes.

Além disso, os usos de alguns recursos são necessários para dinamizar e diversificar o momento da hora da leitura, uma vez que eles são relevantes e podem transformar esse instante numa excelente estratégia usada para despertar o interesse e a curiosidade dos leitores.

Referências

AMORIM, E. **Psicoedagogia**: Regulamentação e identidade profissional. 2011. Disponível em: <https://www.pt.scribd.com.documento>. Acesso em: 05 out. 2020.

BOSSA, N. A. **A psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

COELHO, B. **Contar histórias**: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1989.

FERREIRO, E. **Relações de (in)dependência entre oralidade e escrita**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

GERALDI, J. W.. Prática de leitura na escola. *In*: GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006, p. 88-99.

GREGORIM FILHO, J. N. **Literatura infantil**: múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M.. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

LIMA, E. A. **Leitura e leituras na educação infantil**: a importância do contar e ler histórias. São Paulo: Mimeo, 2006.

MADEIRO, I. F. **A hora da leitura como introdução à formação do leitor no 5º ano do ensino fundamental**. Canguaretama/RN: O autor, 2012.

MARTINS, M. H. **O que é Leitura**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MORAES, D. M. N. D. Diagnóstico e avaliação psicopedagógica. **Revista de Educação do Ideau**. v. 5, n. 10, junho 2010.

SOUZA, R. J. **Biblioteca escolar e práticas educativas: mediador em formação**. Campinas, SP: Mercado de letras, 2009.

PERES, M. R. Psicopedagogia: Aspectos históricos e desafios atuais. **Revista de Educação**. PUC-Campinas, v. 3, n. 5, p. 41-45, nov. 1998.

SAMPAIO, S. Breve histórico da psicopedagogia. **Revista Eletrônica: Psicopedagogia Brasil**, [S. I.], 2004.

SERRAT, L. M. B. Avaliação psicopedagógica – A leitura e a compreensão de textos como instrumentos de aprender. Relato de experiência. **Revista Psicopedagógica**. v. 34, n. 104, São Paulo, 2017.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SILVA, E. T. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

ZAMBAM, P. Como a psicopedagogia vê a leitura no processo ensino aprendizagem e como contribui? **Revista de Educação do Ideau**, v. 5, n.10, jun. 2010.

PERSPECTIVAS SOBRE O DESENHO NA AVALIAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO²³

Priscila Jeronimo do Nascimento²⁴

Mayara Ferreira de Farias²⁵

Francisco Leilson da Silva²⁶

Mayane Ferreira de Farias²⁷

Resumo

O psicopedagogo é um profissional apto a lidar com os fatores que impedem ou dificultam a aprendizagem de uma criança e, durante a sua avaliação, torna-se crucial a utilização de recursos que o auxiliem a conceder um diagnóstico preciso. Dentre os possíveis recursos, tem-se o desenho. Nesta perspectiva, o presente estudo tem como objetivo geral evidenciar o desenho como uma ferramenta indispensável na avaliação psicopedagógica, uma vez que a prática de desenhar facilita a identificação de possíveis traumas, dificuldades de aprendizagem, baixa autoestima, bem como o nível de conhecimento das crianças. Como procedimento metodológico para o desenvolvimento deste trabalho, utilizou-se a pesquisa bibliográfica por meio de livros e artigos embasados nos principais autores como: Bossa (2000), Lavelberg (2013) e Lowenfeld (1970; 1977), tratando-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa e caráter descritivo. Mediante as pesquisas, verificou-se que o ato de desenhar é fundamental na vida do ser humano, pois a partir deste, é possível registrar histórias e facilitar a comunicação entre pessoas. Além disso, através da referida ação, a criança desenvolve a sua imaginação, criatividade, coordenação motora e os seus aspectos sociais, emocionais e intelectuais. No contexto da psicopedagogia, é relevante que o psicopedagogo permita a expressão da criança através do desenho durante a sua avaliação, pois além de facilitar o trabalho do referido profissional, ajuda significativamente na ampliação das capacidades do indivíduo consultado.

Palavras-chave: Desenho. Desenvolvimento. Avaliação psicopedagógica.

²³ Artigo produzido a partir do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade do Maciço de Baturité – FMB - como um dos pré-requisitos para a obtenção do título de especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica.

²⁴ Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade do Maciço de Baturité – FMB.

²⁵ Doutoranda pela UFRN (PPGTUR) - todos os créditos já foram integralizados. Mestre em Turismo pela UFRN (PPGTUR). Especialista em Gestão Pública Municipal pela UFPPB. Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana/NCCE pela UFRN. Especialista em Política de Promoção da Igualdade Racial (UNIAFRO) pela UFRSA. Graduada em Letras Espanhol (IFRN). Bacharel em Turismo (UFRN). Graduada em Filosofia (ISEP). Técnico em Guia de Turismo Regional pelo SENAC (Natal). Atualmente, é avaliadora voluntária em dez periódicos com Qualis Capes. É Pesquisadora Voluntária no Grupo de pesquisa em Marcas e Marketing (UFRN). É membro do Corpo Editorial da Revista Querubim - UFF. Atua e pesquisa nas seguintes áreas: Desenvolvimento e Gestão do Turismo; Teoria do Turismo; Metodologia da pesquisa; Metodologia do trabalho Científico; História e Cultura Africana e Afro-brasileira; Turismo em Comunidades Quilombolas; Turismo; Planejamento do Turismo; Transdisciplinaridade; Interdisciplinaridade; Educação; Ensino; Língua Espanhola; Linguística; Leitura e escrita; Eventos, Lazer e Planejamento. E-mail: mayaraferreiradefarias@gmail.com.

²⁶ Doutorando do PPGEL/UFRN. Mestre em linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2016). Bolsista de iniciação científica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Professor - Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte. Professor, orientador e tutor na Educação a Distância (UAB/EaD/IFRN).

²⁷ Licenciada em Computação e Informática pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Graduanda em Administração pela UNIASSELVI. Professora da EEJJ - Escola Estadual José Joaquim. Professora da EECIT - Escola Cidadã Integral Técnica Professor Lordão. Foi tutora da disciplina Banco de Dados e Design Web no Curso de Informática para Internet do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Foi tutora do módulo avançado de WEB do Instituto Metrópole Digital (IMD). Participou como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) por 3 anos. Foi aluna do Curso Técnico Subsequente em Informática pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte/Santa Cruz-RN (IFRN), estagiando 400 horas na Prefeitura Municipal de Coronel Ezequiel/RN na área de computação e informática. Coursou 3 anos de Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Campina Grande/ Campus de Cuité/PB (UFCG). Prestou serviços como voluntária na área de microinformática básica de janeiro de 2009 a março de 2012 na Prefeitura Municipal de Coronel Ezequiel/RN. Ministrou aulas de informática no período de Janeiro de 2010 a Novembro de 2012 na Escola Municipal Manoel Cassimiro Gomes no município de Coronel Ezequiel/RN. Foi voluntária no Projeto de "Inclusão digital na Cidade de Coronel Ezequiel/RN" ministrando palestras como auxiliar - com 420 horas de aula. E-mail: mayanefarias@hotmail.com.

Abstract

The psychopedagogue is a professional able to deal with the factors that prevent or hinder a child's learning and, during his/her evaluation, it is crucial to use resources that help him/her to grant an accurate diagnosis. Among the possible resources, there is the drawing. In this perspective, the present study has the general objective to highlight the drawing as an indispensable tool in the psychopedagogical evaluation, since the practice of drawing facilitates the identification of possible traumas, learning difficulties, low self-esteem, as well as the children's level of knowledge. As a methodological procedure for the development of this work, bibliographic research was used through books and articles based on the main authors such as: Bossa (2000), Iavelberg (2013) and Lowenfeld (1970; 1977), in the case of a research of qualitative agreement and descriptive character. Through research, it was found that the act of drawing is fundamental in the life of the human being, because from this, it is possible to record stories and facilitate communication between people. In addition, through this action, the child develops their imagination, creativity, motor coordination and their social, emotional and intellectual aspects. In the context of psychopedagogy, it is relevant that the psychopedagogue allows the child to express himself through drawing during his evaluation, because in addition to facilitating the work of the referred professional, it significantly helps in expanding the capabilities of the consulted individual.

Keywords: Drawing. Development. Psychopedagogical assessment.

Resumen

El psicopedagogo es un profesional capaz de lidiar con los factores que impiden o dificultan el aprendizaje de un niño y, durante su evaluación, es fundamental utilizar recursos que le ayuden a otorgar un diagnóstico certero. Entre los posibles recursos, está el diseño. En esta perspectiva, el presente estudio tiene como objetivo general destacar el dibujo como herramienta indispensable en la evaluación psicopedagógica, ya que la práctica del dibujo facilita la identificación de posibles traumas, dificultades de aprendizaje, baja autoestima, así como el nivel de los niños, del conocimiento. Como procedimiento metodológico para el desarrollo de este trabajo se utilizó la investigación bibliográfica a través de libros y artículos basados en los principales autores como son: Bossa (2000), Iavelberg (2013) y Lowenfeld (1970; 1977), tratándose de una investigación de concordancia cualitativa y carácter descriptivo. A través de la investigación se encontró que el acto de dibujar es fundamental en la vida del ser humano, pues a partir de este es posible registrar historias y facilitar la comunicación entre las personas. Además, a través de esta acción, el niño desarrolla su imaginación, creatividad, coordinación motriz y sus aspectos sociales, emocionales e intelectuales. En el contexto de la psicopedagogía, es importante que el psicopedagogo permita que el niño se exprese a través del dibujo durante su evaluación, pues además de facilitar el trabajo del referido profesional, ayuda significativamente a ampliar las capacidades del consultado.

Palabras clave: Dibujo. Desarrollo. Evaluación psicopedagógica.

Introdução: um convite ao tema

É de fundamental importância que o psicopedagogo tenha um diagnóstico preciso das crianças, para que seja possível intervir da melhor forma e promover a aprendizagem. Neste sentido, o desenho torna-se crucial para obter tais informações que facilitam o desempenho dos discentes na aprendizagem.

Ao desenhar, a criança sente-se livre, transmitindo através da referida prática as suas emoções, sonhos, personalidades, sentimentos e dificuldades. Também é possível observar o seu estado psíquico, desenvolvimento e a aprendizagem. É no desenho que as crianças manifestam tudo aquilo que não conseguem dizer em palavras, possibilitando a compreensão acerca do seu mundo interior e exterior.

O desenho das crianças pode ser interpretado de diferentes modos, e por isto o psicopedagogo deve estar sempre atento aos mínimos detalhes, pois tudo o que há no desenho é essencial para o diagnóstico da criança. Analisando os desenhos, é possível que o referido profissional ajude de forma clara e objetiva aos educadores e até mesmo aos pais das crianças,

sugerindo melhores maneiras de lidar com as dificuldades encontradas no cotidiano.

Discute-se, ainda, sobre as dificuldades e os problemas das crianças em sala de aula. Diante de tais barreiras, percebeu-se o quanto se faz necessário desenvolver uma pesquisa baseada em reflexões acerca do método mais eficaz para o psicopedagogo ajudar as crianças, os pais, os educadores e os coordenadores a descobrirem as causas e motivos pelos quais os discentes não estão desenvolvendo-se corretamente. Neste caso, percebeu-se o desenho como uma possibilidade de comunicação por parte das crianças, que auxilia na identificação dos diversos fatores que provavelmente influenciam a aprendizagem.

Nesta perspectiva, o presente estudo tem como objetivo geral evidenciar o desenho como uma ferramenta indispensável na avaliação psicopedagógica, uma vez que a prática de desenhar facilita a identificação de possíveis traumas, dificuldades de aprendizagem, baixa autoestima, bem como o nível de conhecimento das crianças.

Além disso, visa-se sugerir a inclusão do ato de desenhar como uma atividade motivadora do desenvolvimento das crianças em variados aspectos, principalmente no contexto escolar; e, especificar os aspectos intrínsecos ao desenho infantil de acordo com a faixa etária das crianças. Como procedimento metodológico para o desenvolvimento deste trabalho, utilizou-se a pesquisa bibliográfica por meio de livros e artigos embasados nos principais autores como: Bossa (2000), Javelberg (2013) e Lowenfeld (1970; 1977), tratando-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa e caráter descritivo.

No primeiro momento deste estudo, descreve-se o breve histórico da psicopedagogia, evidenciando-se os principais marcos da trajetória da referida área do conhecimento. Os próximos tópicos tratam acerca do desenho infantil e expõem a maneira que os desenhos dos indivíduos mudam conforme os estágios do seu desenvolvimento. Além disso, apresenta-se os significados dos desenhos das crianças de acordo com a psicologia e os benefícios da prática de desenhar, sobretudo no contexto educacional. Por fim, discorre-se sobre a importância do desenho da criança para a precisão do diagnóstico psicopedagógico eficiente. Sendo apresentadas as considerações finais e as referências que fundamentaram teoricamente o estudo em tela.

Breve histórico da psicopedagogia

O surgimento da psicopedagogia deu-se na Europa no século XIX com a finalidade de encontrar e solucionar problemas de aprendizagem. Foi em Paris onde surgiram os primeiros Centros Psicopedagógicos com o propósito de compreensão mais esplanada acerca dos processos de aprendizagem das crianças (BOSSA, 2000).

Neste contexto, afirma-se que no século XVIII, não se tinha um conceito de aprendizagem e dificuldades, e qualquer dificuldade era vista como distúrbio mental. Ao final do século XIX, com o surgimento da psicopedagogia, os distúrbios e dificuldades foram explicados gradualmente, uma vez que o psicopedagogo avalia a criança com o objetivo de identificar possíveis situações que interferem no seu não desenvolvimento (BOSSA, 2000).

A psicopedagogia é uma área multidisciplinar que abrange os conhecimentos da

psicologia, pedagogia, antropologia e da saúde, por exemplos. Além disso, em conjunto com outras áreas visa compreender as crianças e o seu meio, para que seja possível intervir de forma eficaz, compreendendo as diferenças entre as crianças que têm dificuldades de aprendizagem - mesmo que sejam consideradas inteligentes - das que encontram-se com alguns distúrbios e que por isso têm um bloqueio no desenvolvimento cognitivo, social ou emocional.

Em 1990, discutiu-se que a psicopedagogia tinha enfoque baseado apenas na área clínica, mas aos poucos a psicopedagogia institucional foi ganhando espaço, sendo incluída no ambiente escolar com o intuito de auxiliar os educadores no processo de ensino-aprendizagem, facilitando assim o desenvolvimento cognitivo das crianças (BOSSA, 2000). Grassi (2013, p. 124) relata que a referida área do conhecimento é, em uma versão dicionarizada, a "aplicação de conhecimentos da psicologia às práticas educativas".

Na Argentina, a psicopedagogia surgiu há mais de 30 anos. Buenos Aires, sua capital, ofereceu os primeiros cursos de formação psicopedagógica. Apenas na década de 70, foram fundados os centros de saúde mental, onde psicopedagogos avaliavam, diagnosticavam, e tratavam alunos com dificuldades na aprendizagem (BOSSA, 2000). Neste contexto, "os instrumentos empregados eram os mais variados, recorrendo ao psicopedagogo argentino, em geral, as provas de inteligência, provas de nível de pensamento, avaliação perceptomotora, testes projetivos, testes psicomotores, hora do jogo psicopedagógicos" (BOSSA, 2000, p. 35).

Nesta perspectiva, compreende-se que a psicopedagogia na Argentina era vista mediante aspectos médicos. Assim, cabe mencionar que os métodos utilizados pelos psicopedagogos na Argentina são diferentes dos utilizados no Brasil, pois muitos deles não são autorizados aos brasileiros (BOSSA, 2000).

A psicopedagogia surgiu no Brasil na década de 70, época em que as dificuldades da aprendizagem eram vistas como distúrbios mentais, sendo nomeadas de disfunção cerebral mínima (DCM), servindo para ocultar problemas sócio-pedagógicos (BOSSA, 2000). Seu surgimento se deu por grande influência da Argentina devido à aproximação geográfica e a literatura, que por sua vez é bem acessível aos brasileiros.

O desenho infantil: breves considerações

O desenho existe há muitos anos, pois, desde a pré-história era utilizado pelos homens das cavernas, que o usavam como forma de comunicação, bem como para registrar o cotidiano, os hábitos e as experiências. Assim, por meio do desenho suas gerações futuras podem visualizar como eles viviam, alimentavam-se e protegiam-se dos perigos enfrentados no seu dia a dia. Com o passar dos séculos o desenho evoluiu de modo concomitante com o homem, fazendo assim parte da sua história.

O homem sempre desenhou. Sempre deixou registros gráficos, índices de sua existência e comunicados íntimos destinados à posteridade. O desenho, linguagem tão antiga e tão permanente, sempre esteve presente, desde que o homem inventou o homem. Atravessou as fronteiras espaciais e temporais, e,

por ser tão simples, teimosamente acompanha nossa aventura na terra (DERDYK, 1990, p. 10).

De acordo com a linha de pensamento do autor supracitado, é cabível mencionar que o desenho acompanha a evolução do homem, ou seja, faz parte da história humana e o ato de desenhar influencia o processo de desenvolvimento e aprendizagem do ser humano. E para muitas pessoas, principalmente as que não sabem ler, o desenho é a melhor forma de interpretar e identificar as coisas. É por meio dos desenhos, por exemplo, que as pessoas interpretam as leis de trânsito.

Para as crianças não é diferente, pois é ao desenhar que elas se expressam com mais facilidade. Seus primeiros rabiscos são nomeados de garatujas, e eles são feitos de forma prazerosa, pois, sentem-se livres ao realizá-los. Geralmente, os pequenos começam a fazer os seus primeiros rabiscos antes mesmo antes de irem à escola, rabiscam as paredes, o chão da casa, as portas e até a si mesmo.

Mesmo não tendo um significado preciso dos primeiros rabiscos, é de suma importância que exista esta fase na vida da criança, pois durante este período, os pequenos já começam a desenvolver a sua coordenação, fazendo com que haja um aperfeiçoamento da sua escrita ao longo do tempo.

Chemama (1991) afirma que o desenho de criança é uma forma natural que constitui uma espécie de via privilegiada de acesso ao inconsciente. E, é por meio deste que as crianças registram suas emoções, sentimentos, desejos, sendo possível até observar relatos do seu cotidiano. Toda criança usa o desenho como forma de comunicação antes de dominar a escrita, ou seja, desenhar é essencial para os pequenos alcançarem um bom desenvolvimento motor e cognitivo, pois tudo parte deste ato.

É possível também que algumas crianças se recusem a expor os seus sentimentos por meio do desenho, pois muitas vezes, não foram motivados a desenhar ao longo da sua infância, e também por medo de relatar algo que elas estão vivendo. Em virtude do que foi mencionado, é primordial que haja uma motivação para a prática do desenho livre, e que tais motivações sejam iniciadas desde os primeiros anos de vida dos pequenos pelos pais. É importante que haja uma continuidade deste ato na escola principalmente nos anos iniciais. Assim, faz-se necessária uma observação criteriosa dos desenhos produzidos pelos pequenos acerca das mensagens que eles querem transmitir.

As fases do desenho

As crianças passam por vários estágios de desenvolvimento. Os desenhos produzidos por elas costumam ser similares de acordo com a faixa etária. No entanto, cada criança tem sua particularidade, pois existe um ritmo de desenvolvimento diferente, e culturas diferenciadas e isso deve ser respeitado e observado por meio dos seus desenhos. Por isso, compreende-se que:

Uma criança de 1 ano e 8 meses que desenha na superfície do chinelo da mãe, ou em uma parede não autorizada para tal, será repreendida e progressivamente saberá onde pode e onde não pode desenhá-lo. Ora, tais regularidades são adivinhas de uma cultura social, urbana e ocidental. Crianças que moram na zona rural, por exemplo, costumam desenhá-lo na terra, oportunidade que falta às crianças dos grandes centros. Os hábitos culturais, portanto, diversificam as ideias da criança sobre o desenho (IAVELBERG, 2013, p. 35).

Diante disso, é possível perceber diferentes características em crianças que tenham uma mesma faixa etária, pois a cultura dos pequenos também influencia neste processo do ato de desenhá-lo. No entanto, as etapas dos desenhos possibilitam identificar em qual estágio de desenvolvimento a criança encontra-se, embora cada uma tenha seu próprio modo de registrar, por meio do desenho.

Na concepção de Piaget (1976), as crianças reconstróem suas ideias e atitudes de acordo com o que estão vivendo, como uma pessoa comum, pois elas evoluem e mudam de concepção com o passar do tempo, e é possível observar tais mudanças através dos seus desenhos. Neste sentido, o referido autor classifica os desenhos em 5 (cinco) fases.

A garatuja, que corresponde à primeira fase, surge no estágio sensório-motor, que vai do zero aos dois anos e também faz parte do pré-operacional dos dois aos sete anos. As garatujas são divididas em: desordenadas – quando os movimentos são desordenados e amplos, não havendo preocupação alguma com os traços que foram desenhados e logo são cobertos com novos rabiscos; e ordenadas – quando os pequenos são capazes de dizer o que vão desenhá-lo, embora o que é feito por eles não tenha uma semelhança condizente com a realidade (PIAGET, 1976).

A fase do pré-esquematismo, que faz parte do estágio pré-operatório que normalmente vai até os sete anos, é marcada pelas descobertas, pois as crianças são capazes de relacionar pensamento, realidade e desenho (PIAGET, 1976). No entanto, o uso das cores ainda não condiz com a realidade.

Na etapa do esquematismo, que faz parte das fases das operações concretas que vai dos sete aos dez anos, as crianças têm um conceito definido e são capazes de usar símbolos diferentes para representar cada coisa (PIAGET, 1976). Também correlacionam cor e objeto, tendo uma linha de base e um conceito da figura humana, embora seja possível notar exageros em seus desenhos.

A fase do realismo, geralmente surge no final das operações concretas. Neste momento, as crianças abandonam a linha de base (PIAGET, 1976). Surge maior interesse pelas formas geométricas, e é possível diferenciar o masculino do feminino através das roupas.

A última fase – do pseudo-naturalismo, constitui o estágio das operações abstratas que ocorre durante os dez anos em diante. Esta fase é marcada pelo fim da arte espontânea, e a criança inicia a descoberta da sua própria personalidade, registrando por meio dos desenhos as inquietações e angústias (PIAGET, 1976). Nesta etapa, seus registros e as cores condizem com a realidade e as características sexuais costumam aparecer de forma exagerada.

O desenho infantil e seus significados

Os desenhos que os pequenos registram dizem muito sobre o seu estado psíquico, emocional, social e sobre seus níveis de desenvolvimento. Além disso, é possível observar como eles enxergam o mundo ao seu redor. A posição, as cores e os traços dão indícios de como eles se sentem e de como vêem as coisas à sua volta (DERDYK, 1989).

Apesar de o desenho dizer muito sobre quem o fez, é necessário que haja uma interpretação do mesmo em conjunto com outros aspectos como: as condições biográficas e também familiares (DERDYK, 1989). Assim, cada detalhe deve ser observado, como por exemplo, a localização do desenho no papel, os traços, as cores, entre outros aspectos, que dizem muito a respeito de uma criança. O desenho “configura um campo minado de possibilidades, confrontando o real, o percebido e o imaginário. A observação, a memória e a imaginação são os personagens que flagram esta zona de incerteza: o território entre o visual e o invisível” (DERDYK, 1989, p. 115).

Nesta perspectiva, ressalta-se que os desenhos das crianças só devem ser interpretados por alguém especializado, pois interpretar os desenhos requer muito mais do que apenas ver o que foi desenhado. Desta forma, faz-se possível entender os possíveis significados de alguns aspectos dos desenhos das crianças e dos seus comportamentos enquanto desenha. A interpretação dos desenhos dos pequenos possibilita obter detalhes sobre os seus sentimentos.

Neste sentido, a título de exemplo, o Instituto Brasileiro de Psicanálise Clínica – IBPC (2019) cita que quando a criança desenha no meio da página, isso indica que é uma pessoa dedicada e autodirigida. Todavia, se o desenho é fora do centro da página, indica que a criança é descontrolada e dependente. Se porventura a criança desenha em um dos cantos da página, é provável que ela tenha medo e está fugindo de algo ou até mesmo é desajustada. O lado direito indica que quem desenhou quer uma satisfação imediata. O lado esquerdo indica bloqueio ou retardamento.

Quando a criança não faz muita pressão ao desenhar geralmente, é porque ela tem pouca energia e sente-se deprimida, por isso prefere usar traços leves (quase apagados). Os traços fortes, ou seja, pressão demasiada ao desenhar, indica que a criança é muito tensa ou até mesmo agressiva. Desenhos em tamanhos normais demonstram que quem o fez é inteligente e tem equilíbrio emocional. Mas, o desenho de tamanho pequeno geralmente refere-se às crianças que têm inteligência elevada, porém é possível que tenham problemas emocionais e pouca confiança. Os desenhos representados de forma grande demonstram que a criança tem muita imaginação, e são seguras no que desejam.

Os desenhos de árvores estão ligados ao emocional e intelectual da criança. Por exemplo, se a árvore é alta e larga refere-se a uma pessoa com força de vontade; se tiver numerosas folhas a criança sente-se muito ocupada. Sobre os desenhos de casas, afirma-se que se a casa é pequena a criança possivelmente é retraída, e caso seja grande, o pequeno demonstra ser muito emotivo.

Nas cores utilizadas nos desenhos também é possível encontrar detalhes. A cor amarela transmite alegria. A cor vermelha representa algo intenso. A cor verde representa a intuição e a maturidade. A cor preta representa o inconsciente. A cor azul transmite tranquilidade. A cor marrom indica que a criança pensa no futuro, pois tem planejamento e segurança. A cor laranja representa a vontade de ter contato social. Vale ressaltar que o uso de apenas uma cor em seus desenhos indica que a pessoa é preguiçosa ou sem criatividade.

Benefícios do ato de desenhar

Uma das primeiras coisas que as crianças são motivadas a fazer desde pequenas é desenhar. E, geralmente, a maioria delas apaixonava-se por esta prática, pois veem o ato de desenhar como um momento lúdico, que, no entanto, proporciona muito mais do que um simples divertimento.

Na visão de Lowenfeld (1970, p. 16), "o ato de desenhar envolve a atividade criadora, é através de atividades criadoras que a criança desenvolve sua própria liberdade e iniciativa". Neste sentido, o desenho permite que as crianças manifestem-se de forma autoral e criem uma linguagem própria.

Segundo Derdyk (1989, p. 51), "o desenho é a manifestação de uma necessidade vital da criança: agir sobre o mundo que a cerca, intercambiar, comunicar". Assim, é comum observar nas ilustrações das crianças, expressões da casa, da família, de paisagens e de cenas do seu cotidiano.

Esses registros muitas vezes são vistos pelos adultos de forma simples, porém, tal prática é primordial para o desenvolvimento dos pequenos. O ato de desenhar é capaz de preparar uma criança para o futuro, pois desenhando, os pequenos desenvolvem vários aspectos significativos como: o desenvolvimento motor, o psicológico e o intelectual.

Durante a prática do desenho, a criança desenvolve a expressão. Muitas vezes, os referidos seres têm dificuldades para expor seus sentimentos, suas vontades, seus desejos através da fala ou escrita, e o desenho é o meio pelo qual elas sentem-se mais à vontade, e acabam por transmitir as informações. Através disso, desenvolvem sua inteligência emocional, pois ao expressarem-se, conseguem lidar melhor com os diversos sentimentos, aumentando assim sua confiança e segurança.

Através do desenho, a criança também desenvolve a coordenação motora, isto é, os movimentos da mão, facilitando assim a sua escrita. O indivíduo, além disso, aprende a solucionar problemas, pois, ao desenhar pensa em estratégias para que seu desenho seja o mais semelhante possível da realidade. Por meio da referida prática, a criança desenvolve ainda a imaginação, a criatividade e a percepção visual, pois ao desenhar a criança fantasia, cria e ainda, necessita observar os detalhes daquilo que ela pretende representar a fim de transmitir para o papel.

O desenho e seu impacto na avaliação e intervenção psicopedagógica

Muitas vezes, a fala não demonstra tudo o que a criança está sentindo ou vivendo. Por

tais motivos, o desenho torna-se uma ferramenta extraordinária para o psicopedagogo utilizar durante a avaliação psicopedagógica. Para Paín (1992, p. 61), "o que podemos avaliar por meio do desenho do relato é a capacidade do pensamento para construir uma organização coerente e harmoniosa e elaborar a emoção".

O desenho constitui um instrumento valioso para o desenvolvimento da criança como também servirá de suporte para o psicopedagogo observar possíveis transtornos ou dificuldades de aprendizagem durante a sua avaliação, bem como as emoções que muitas vezes são escondidas por medos.

Para que o psicopedagogo obtenha uma boa avaliação das crianças, é de extrema importância que haja confiança por parte da criança com o profissional. Neste sentido, o desenho é capaz de criar este elo entre eles, facilitando assim a transmissão de informações passadas pelas crianças. O desenho pode ser utilizado como incentivo para que ocorra este vínculo afetivo, já que para o psicopedagogo a expressão de sentimentos, como o medo, os desejos as alegrias, os traumas, são a base para as suas avaliações e intervenções.

Ao observar os desenhos dos discentes é possível que o psicopedagogo identifique em que estágio de desenvolvimento a criança se encontra, analisando aspectos como: se as crianças realizam os desenhos condizentes com a realidade; quais as cores utilizadas em seus desenhos, e entre outros fatores.

Portanto, ressalta-se que as interpretações não devem ser generalizadas, e cada desenho deve ser visto de forma única, independente da idade que a criança tenha, pois cada uma tem sua própria história, e seus meios para se expressar. É importante ressaltar que o desenho não deve ser o único meio pelo qual o psicopedagogo irá obter tais informações sobre os pequenos, tampouco mediante apenas a análise de apenas um desenho, pois para obter um diagnóstico preciso é necessário avaliar minuciosamente cada criação das crianças.

É basal que durante o desenhar, as crianças sintam-se à vontade, confortável e que esteja ao seu alcance materiais diversos, como papel, lápis, canetas, giz de cera e lápis de cor de madeira. Desta forma, a criança irá satisfazer seus desejos de forma prazerosa. Sua inspiração só tende a aumentar, sendo possível colocar no papel suas marcas pessoais e suas necessidades, englobando suas fantasias e suas descobertas.

O melhor lugar para a criança é um cantinho, com bastante luz natural, onde não precise ser muito cuidadosa com a mesa ou pavimento. O objeto mais adequado para suas atividades criadoras será uma mesa baixa e não muito grande, cuja superfície esteja recoberta por uma capa de tecido plástico lavável. A mesa não deve ser muito grande, a fim de que a criança possa fazer seu trabalho, mudando-se sempre de posição; contudo, essa mesa precisa ter o tamanho suficiente para que duas pessoas possam trabalhar num projeto, sentadas em lados opostos (LOWENFELD, 1977, p. 51).

Neste contexto, é relevante que os pequenos desenhem o que sentem vontade de desenhar, pois as informações por meio de desenhos dirigidos não são totalmente satisfatórias, visto que ao invés delas estarem registrando o que sentem, registram o que o orientador indica.

Logo em seguida, é necessário que o psicopedagogo peça para a criança explicar o que foi feito. Deste modo, será possível entender com mais facilidade o que eles querem transmitir,

Portanto, é possível afirmar que o desenho é essencial durante uma avaliação psicopedagógica, pois possibilita a aquisição de inúmeras informações significativas, para intervir de forma preventiva de acordo com os problemas diagnosticados por meio dos desenhos das crianças.

Considerações (não) finais

Esta pesquisa apresentou as principais ideias teóricas acerca da importância do desenho na avaliação do psicopedagogo, bem como os benefícios de desenhar para o desenvolvimento das crianças e os estágios do desenho na visão de Piaget. Após a interpretação dos dados apresentados neste artigo, é possível observar que o desenho é demasiadamente relevante na vida do ser humano, pois este é capaz de deixar histórias registradas, e facilitar a comunicação.

O desenho na concepção de uma criança não é além de uma simples diversão, porém para o psicopedagogo, o ato de desenhar por parte delas, o auxilia muito durante uma avaliação, pois no desenho é possível encontrar diversas informações sobre os seus sentimentos, seus medos, suas dificuldades de aprendizagem, seu estado social e psicológico e suas aflições. Por isso, o desenho dos pequenos não deve ser desvalorizado e tampouco deve-se utilizar esta prática como um mero passatempo.

Neste contexto, o desenho influencia o psicopedagogo na busca pelas respostas, pois é através deste que as crianças - mesmo sem perceber, transmitem o que está em seu consciente e inconsciente, possibilitando o psicopedagogo a captar informações, que irão auxiliá-lo em seus diagnósticos e conseqüentemente, em suas intervenções, pois no desenho também é possível identificar em qual estágio de desenvolvimento a criança se encontra. Outro fato de grande importância a respeito do desenho é que, através deste, as crianças desenvolvem inúmeros aspectos, principalmente a motricidade, a percepção visual e a autoconfiança.

Portanto, espera-se que este trabalho contribua significativamente para a compreensão acerca dos benefícios do desenho, tanto para as crianças quanto para os psicopedagogos, trazendo maior relevância ao referido tema, que possivelmente poderá ser utilizado como base para outras pesquisas que abordem o assunto em questão. Também espera-se que o leitor reflita sobre o quão importante é o desenho na vida das crianças, que também auxilia o psicopedagogo em sua carreira profissional, dando-lhe suporte, tanto na avaliação, quanto na intervenção.

Referências

BOSSA, N. A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. RS: Artmed, 2000.

CHEMAMA, R. **O ato de desenhar**. Salvador: Ágalma, 1991.

DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 1989.

DERDYK, E. **O desenho da figura humana**. São Paulo: Scipione, 1990.

GOULART, I. O. **A importância do desenho na educação infantil e no diagnóstico da psicopedagogia**. São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-do-desenho-na-educacao-infantil-e-no-diagnostico-da-psicopedagogia/56808/>. Acesso em: 01 out. 2020.

GRASSI, T. M. **Psicopedagogia: um olhar, uma escuta**. Curitiba: Intersaberes, 2013.

IAVELBERG, R. **Como eu ensino: desenho na educação infantil**. São Paulo: editora Melhoramento, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE CLÍNICA. **Interpretação de desenhos infantis em Psicologia**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.psicanaliseclinica.com/interpretacao-de-desenhos-infantis/>. Acesso em: 21 set. 2020.

LOWENFELD, V. **A criança e sua arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LOWENFELD, V. **Desenvolvimento da Capacidade Criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

PAÍN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. 4 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

PIAGET, J. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

SPOLIDORIO, J. **6 benefícios do desenhar e colorir das crianças**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.semprefamilia.com.br/educacao-dos-filhos/como-parar-de-usar-guloseimas-para-recompensar-ou-consolar-seu-filho/>. Acesso em: 05 out. 2020.

AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA PARA O ACOMPANHAMENTO DA CRIANÇA DISLÉXICA²⁸

Guanaira Duarte Soares de Mendonça²⁹
Mayara Ferreira de Farias³⁰
Francisco Leilson da Silva³¹
Mayane Ferreira de Farias³²

Resumo

A psicopedagogia estuda o processo de aprendizagem e seus problemas, procurando agir de modo preventivo no âmbito institucional e terapêutico no ambiente clínico, auxiliando a criança com dificuldade de aprendizagem a desenvolver habilidades que o ajudam a aprender, através de inúmeros recursos o psicopedagogo poderá contribuir para essa aprendizagem, podendo utilizar desenhos, jogos, brinquedos para entender inicialmente o real motivo para o bloqueio. Um dos bloqueios mais comuns entre crianças e adolescentes é a dislexia, onde, em geral, há uma dificuldade no processo de aprendizagem. O objetivo central desse trabalho é contribuir, a partir de algumas ações tais como: brincadeiras, artes e utilização de material lúdico, para o tratamento das crianças e adolescentes disléxicos. A partir da utilização e da atuação em conjunto dos profissionais psicopedagogos e professores pode ser observado a partir da literatura melhores resultados no processo de aprendizagem dos alunos. Ao final, pode-se constatar que a atuação do psicopedagogo em parceria com os docentes e os pais podem refletir significativamente na compreensão das limitações das crianças com dislexia, direcionando atividades, leituras, exercícios e ações cotidianas que possam colaborar na melhoria do processo de ensino-aprendizagem do aprendiz.

Palavras-chave: Dislexia. Psicopedagogia. Aprendizagem.

Abstract

Psychopedagogy studies the learning process and its problems, seeking to act in a preventive way in the institutional and therapeutic environment in the clinical environment, helping the child with learning

²⁸ Artigo produzido a partir do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade do Maciço de Baturité – FMB - como um dos pré-requisitos para a obtenção do título de especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica.

²⁹ Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade do Maciço de Baturité – FMB.

³⁰ Doutoranda pela UFRN (PPGTUR) - todos os créditos já foram integralizados. Mestre em Turismo pela UFRN (PPGTUR). Especialista em Gestão Pública Municipal pela UFPB. Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana/NCCE pela UFRN. Especialista em Política de Promoção da Igualdade Racial (UNIAFRO) pela UFRSA. Graduada em Letras Espanhol (IFRN). Bacharel em Turismo (UFRN). Graduada em Filosofia (ISEP). Técnico em Guia de Turismo Regional pelo SENAC (Natal). Atualmente, é avaliadora voluntária em dez periódicos com Qualis Capes. É Pesquisadora Voluntária no Grupo de pesquisa em Marcas e Marketing (UFRN). É membro do Corpo Editorial da Revista Querubim - UFF. Atua e pesquisa nas seguintes áreas: Desenvolvimento e Gestão do Turismo; Teoria do Turismo; Metodologia da pesquisa; Metodologia do trabalho Científico; História e Cultura Africana e Afro-brasileira; Turismo em Comunidades Quilombolas; Turismo; Planejamento do Turismo; Transdisciplinaridade; Interdisciplinaridade; Educação; Ensino; Língua Espanhola; Linguística; Leitura e escrita; Eventos, Lazer e Planejamento. E-mail: mayaraferreiradefarias@gmail.com.

³¹ Doutorando do PPGEL/UFRN. Mestre em linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2016). Bolsista de iniciação científica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Professor - Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte. Professor, orientador e tutor na Educação a Distância (UAB/EaD/IFRN).

³² Licenciada em Computação e Informática pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Graduada em Administração pela UNIASSELVI. Professora da EEJJ - Escola Estadual José Joaquim. Professora da EECIT - Escola Cidadã Integral Técnica Professor Lordão. Foi tutora da disciplina Banco de Dados e Design Web no Curso de Informática para Internet do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Foi tutora do módulo avançado de WEB do Instituto Metrópole Digital (IMD). Participou como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) por 3 anos. Foi aluna do Curso Técnico Subsequente em Informática pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte/Santa Cruz-RN (IFRN), estagiando 400 horas na Prefeitura Municipal de Coronel Ezequiel/RN na área de computação e informática. Cursos 3 anos de Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Campina Grande/ Campus de Cuité/PB (UFCG). Prestou serviços como voluntária na área de microinformática básica de janeiro de 2009 a março de 2012 na Prefeitura Municipal de Coronel Ezequiel/RN. Ministrou aulas de informática no período de Janeiro de 2010 a Novembro de 2012 na Escola Municipal Manoel Cassimiro Gomes no município de Coronel Ezequiel/RN. Foi voluntária no Projeto de "Inclusão digital na Cidade de Coronel Ezequiel/RN" ministrando palestras como auxiliar - com 420 horas de aula. E-mail: mayanefarias@hotmail.com.

difficulties to develop skills that help him to learn, through numerous resources the psychopedagogue can contribute to this learning, being able to use drawings, games, toys to initially understand the real reason for the blockage. One of the most common blocks among children and adolescents is dyslexia, where, in general, there is a difficulty in the learning process. The main objective of this work is to contribute, from some actions such as: games, arts and use of ludic material, to the treatment of dyslexic children and adolescents. From the use and joint action of psychopedagogists and teachers, better results in the students' learning process can be observed from the literature. In the end, it can be seen that the performance of the psychopedagogue in partnership with teachers and parents can significantly reflect on the understanding of the limitations of children with dyslexia, directing activities, readings, exercises and daily actions that can collaborate in the improvement of the teaching process learner learning.

Keywords: Dyslexia. Psychopedagogy. Learning.

Resumen

La psicopedagogía estudia el proceso de aprendizaje y sus problemas, buscando actuar de forma preventiva en el ámbito institucional y terapéutico en el ámbito clínico, ayudando al niño con dificultades de aprendizaje a desarrollar habilidades que le ayuden a aprender, a través de numerosos recursos que el psicopedagogo puede aportar este aprendizaje, pudiendo utilizar dibujos, juegos, juguetes para comprender inicialmente el verdadero motivo del bloqueo. Uno de los bloqueos más comunes entre los niños y adolescentes es la dislexia, donde, por lo general, existe una dificultad en el proceso de aprendizaje. El objetivo principal de este trabajo es contribuir, desde algunas acciones como: juegos, artes y uso de material lúdico, al tratamiento de niños y adolescentes disléxicos. A partir del uso y acción conjunta de psicopedagogos y docentes, se pueden observar de la literatura mejores resultados en el proceso de aprendizaje de los estudiantes. Al final, se puede ver que la actuación del psicopedagogo en alianza con docentes y padres puede reflexionar significativamente en la comprensión de las limitaciones de los niños con dislexia, orientando actividades, lecturas, ejercicios y acciones cotidianas que pueden colaborar en la mejora de el proceso de enseñanza el aprendizaje del alumno.

Palabras clave: Dislexia. Psicopedagogía. Aprendiendo.

Introdução: um convite ao tema

O presente artigo visa colaborar para o acompanhamento de crianças disléxicas, buscando auxiliá-las de maneira que possam colaborar para o progresso da aprendizagem através de métodos e ações, as quais serão apresentadas no decorrer do trabalho, que irão possibilitar o aluno a compreender e desenvolver a leitura, a escrita e a soletração para, assim, ajudá-lo no seu desenvolvimento acadêmico bem como na sua inserção em sociedade.

A psicopedagogia busca estudar o processo de aprendizagem e seus problemas procurando agir de modo preventivo no âmbito institucional e terapêutico no ambiente clínico, auxiliando a criança com dificuldade de aprendizagem a desenvolver habilidades que o ajudam a aprender. Através de inúmeros recursos, o psicopedagogo poderá contribuir para essa aprendizagem, podendo utilizar desenhos, jogos, brinquedos para entender inicialmente o real motivo para o bloqueio. De origem neurobiológica, a dislexia é um distúrbio de aprendizagem que impede o aluno de compreender a leitura, a escrita e traduzir sons em letras.

O trabalho visa descrever como é possível ajudar o indivíduo disléxico em seu desenvolvimento de ensino-aprendizagem, utilizando formas curativas de suprir suas necessidades, trabalhando sua motivação e autoestima para influenciar o sujeito a ler e escrever de modo que o mesmo tenha interesse no estudo para a construção do conhecimento. Além disso,

saber como o indivíduo dislexia se sente diante das suas dificuldades de ensino e aprendizagem, bem como diante da sociedade que, muitas vezes, é julgadora e incompreensível para um transtorno.

Tendo como principal objetivo buscar compreender a importância do psicopedagogo institucional no apoio dos alunos com dislexia. O artigo em tela busca, especificamente: descrever ações do psicopedagogo que contribuam para que o aluno com dislexia aprenda; listar ações para que os professores auxiliem melhor os alunos disléxicos no processo de aprendizagem; especificar ações que auxiliem esse aluno com transtorno de aprendizagem.

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, com caráter descritivo, com realização de pesquisas bibliográficas de artigos científicos extraídos de indexadores como: o *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, o periódico Capes e o *Google Acadêmico*. A partir desses artigos, foram coletadas experiências de como a psicopedagogia pode atuar no tratamento da dislexia. A busca pelo material foi realizada utilizando os descritores: psicopedagogia, dislexia e educação, na medida em que, através de tais descritores, buscou-se encontrar maneiras em que o psicopedagogo pudesse apoiar e contribuir com o aluno disléxico para que ele não só aprenda, mas fizesse com que o mesmo pudesse se sentir pertencente ao ambiente escolar, de ler e aprender, contribuindo também com seu desenvolvimento fora da escola.

O início da pedagogia: breve histórico

No início do século XX, a psicopedagogia surgia na França através de autores como Françoise Dolto, Pichon-Rivière, Louise Picq, Julian Ajuriaguerra, Pierre Vayer, entre outros. Eles buscaram soluções para o fracasso escolar que acontecia e que estava ligado a problemas de comportamento e além de problemas no desenvolvimento emocional, cognitivo, afetivo, orgânico emocional e motor (CASTRO; AMORIM, 2011).

Com o passar do tempo, difundiu-se para os Estados Unidos, Europa e, logo depois, para a Argentina ainda com o objetivo de compreender o fracasso escolar. Já no Brasil, segundo Castro e Amorim (2011):

Historicamente registrado é que no Brasil a Psicopedagogia surgiu na década de 70 e a principal atuação dos especialistas na área era a intervenção nos problemas de aprendizagem associados às disfunções neurológicas, ou seja, ainda mantendo a visão medicalizante de suas origens. Nesse período, no Brasil, os altos índices de evasão escolar e repetência impulsionaram alguns profissionais a se dedicarem ao diagnóstico e intervenção dirigidos para os problemas de aprendizagem (CASTRO; AMORIM, 2011, p. 33).

A psicopedagogia pode ser definida “como uma área de conhecimento transdisciplinar, cujo objeto de estudo é o ser cognoscente e que tem como objetivo facilitar a construção da aprendizagem e da autonomia desse ser identificando e clarificando os obstáculos que possam impedir que esta construção se faça” (CASTRO; AMORIM, 2011, p. 34).

A psicopedagogia foi desenvolvida a partir da necessidade de compreender de uma forma mais clara o processo de aprendizagem humana e, dessa forma, possibilitar possíveis intervenções

nas dificuldades de aprendizagem. Antes da psicopedagogia, quando havia falta de compreensão, em relação aos problemas de aprendizagem, fazia-se com que os indivíduos fossem levados a profissionais de diferentes áreas, não existindo um tratamento eficiente para esse distúrbio (COSTA *et al.*, 2015).

Educação inclusiva, dificuldade de aprendizagem

As dificuldades no processo de aprendizagem podem ocorrer em diferentes esferas, tais como: oftalmológicos, psicológicos, culturais, neurológicos, audiológicos, econômicos, biológicos, fonoaudiológicos e linguísticos. O psicopedagogo deve, neste sentido, estar atento e analisar a intensidade e a maneira que o desempenho escolar é comprometido, assim como, as principais causas dos déficits de aprendizagem, considerando aspectos afetivos, cognitivos e neurológicos, sendo tais aspectos o equilíbrio que propicia um processo de aprendizagem saudável e eficaz.

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5 *apud* Rodrigues *et al.* (2016), a dislexia está inserida dentro de uma categoria mais ampla, denominada de “Transtornos do Neurodesenvolvimento”, sendo referida como “Transtorno Específico de Aprendizagem. O diagnóstico requer a presença de alguns sintomas, tais como: dificuldades na leitura, onde essa ocorre de maneira lenta, assim como certa dificuldade de compressão daquilo que foi lido; dificuldade durante o processo de escrita como na ortografia ocorrendo omissão de vogais ou consoantes

A identificação e a prevenção precoce de crianças em períodos escolares de risco para problemas de aprendizagem é um procedimento pré- diagnóstico fundamental e importante no contexto educacional pois permite aproveitar uma fase de alta plasticidade dos sistemas neurocognitivos envolvidos na aquisição da linguagem escrita, ao mesmo tempo, em que se pode evitar o desenvolvimento de uma lacuna escolar demasiada que ocasiona o baixo rendimento acadêmico (SENO, 2020).

Na busca de inclusão de todos os alunos no processo de aprendizagem, Rodrigues *et al.* (2016) propuseram métodos que auxiliam no desenvolvimento fonológicos das crianças, são elas: estimulação a prestarem atenção aos sons de maneira mais seletiva e específica; a ouvir determinado som e associá-lo a sua fonte de origem; o uso de rimas durante a introdução no sons das palavras, isso pode ser realizado a partir de canções, poesias, parlendas e danças.

Além dos aspectos fonológicos, Rodrigues *et al.* (2016) descrevem algumas intervenções que podem auxiliar no desenvolvimento do processo de aprendizagem na leitura, através de testes de memória, como textos longos.

O professor ou psicopedagogo pode escolher quais tipos de estratégias utilizar, contudo o mais importante é que esteja atento ao que o aluno realmente precisa, que oriente os pais na melhor maneira de auxiliar em casa o trabalho pedagógico e que trabalhe em parceria com os terapeutas e profissionais que normalmente assistem à criança (RODRIGUES; CIASCA, 2016).

Dislexia: breves considerações

A dislexia é considerada um transtorno ou distúrbio de aprendizagem, onde o indivíduo tem dificuldade em entender as letras, organizar textos e unir as palavras, além de ter bastante dificuldade em compreender textos mesmo que curtos.

Falar do disléxico nem sempre é fácil, a criança com esse tipo de distúrbio muitas vezes precisa de um atendimento diferenciado onde, por sua vez, os pais e a escola não observam o que leva a criança em perder o interesse em aprender. Deve-se ter uma observação sucinta tanto do professor quanto da família para que a dificuldade de o aluno aprender não passe despercebido gerando ainda mais um fracasso escolar.

As primeiras referências à dislexia deram-se no final do século XIX, quando profissionais da área da Medicina começaram a questionar o motivo pelo qual algumas pessoas hábeis em diferentes atividades, com inteligência normal ou superior, tinham grandes dificuldades ao iniciarem a aprendizagem da leitura e da escrita (MENEZES, 2007, p. 15).

Segundo a Associação Brasileira de Dislexia (2016), a dislexia é um problema de aprendizagem neurobiológica, caracterizada pela dificuldade com a habilidade correta na leitura e por dificuldade na capacidade de traduzir os sons. Essas questões, geralmente, resultam de uma dificuldade de linguagem, uma vez que a criança não entende bem que a palavra é criada a partir das partes menores, dos sons das sílabas e das letras. Além disso, a criança tem dificuldade para operar esses sons e não nota que novas palavras podem ser formadas quando sons são acrescentados, tirados, invertidos ou mesmo substituído.

O indivíduo dislexo, geralmente, apresenta mais dificuldade para aprender e pronunciar novas palavras costumam aprender parlendas e rimas a ler palavras várias. Vários erros são cometidos ao escrever trocam o “t” para o “d” e quando cresce mesmo que superam em algumas dificuldades pode ficar mais lentos para ler e escrever costumam evitar tarefas que exigem leitura.

A dislexia é um transtorno que afeta a habilidade básica de leitura e linguagem, tem suas raízes no sistema cerebral responsável pelo processamento fonológico o que faz com que as pessoas com dislexia tenham dificuldade para processar os sons das palavras e associá-las com as letras e seguir uma sequência de letras que os representam.

Considerada um transtorno específico de aprendizagem, a dislexia apresenta sintomas que geralmente afetam a prática escolar assim como outros no desenvolvimento na fala: problemas para formar as palavras, erros de pronúncia, dificuldade para nomear números, letras e cores. Na leitura compreensão de textos, leitura oral devagar, na escrita erros de ortografia e soletração, até mesmo em palavras mais comuns.

O papel do psicopedagogo

O desejo do psicopedagogo é estimular esse movimento para que a mudança aconteça. A escuta fundamental para que possa conhecer como é que o sujeito aprende. O referido profissional também deve estar preparado para lidar com possíveis reações frente a algumas

tarefas, como por exemplos: bloqueios, sentimentos, resistência, lapsos etc. E buscar, conhecer e estudar, cada vez mais, para compreender de forma mais completa este indivíduo criticado por não corresponder com as perspectivas da família e da escola.

A atuação do psicopedagogo é de grande relevância na inclusão da educação do indivíduo com necessidade educacional no ambiente escolar, beneficiando-a com a que a escola possa ofertar. Não só a escola, como também seus profissionais, precisam rever sua postura diante do que estão ofertando ao indivíduo com distúrbio de aprendizagem respeito por sua diversidade como estudante e o direito à educação.

Acredita-se tanto que a escola tem dificuldade de promover aprendizagem de criança com dificuldade e transtorno de aprendizagem em que o psicopedagogo é um profissional preparado para trabalhar com esse tipo de dificuldade. Compreende-se que a interação com jogos e brincadeiras junto com uma equipe multidisciplinar na instituição ou escola trarão um bom desenvolvimento na aprendizagem do indivíduo.

É preciso, portanto, considerar o desenvolvimento daquele que aprende seja de forma harmoniosa, equilibrada nas diferentes funções orgânicas, emocional, cognitiva e social. É de total importância que o pedagogo transmita segurança do que ele está passando para o indivíduo que ele sinta prazer em aprender.

Considerações (não) finais

Procurou-se despertar não só o olhar do psicopedagogo para crianças disléxicas, mas também mostrar na ótica da sociedade que é necessário um trabalho interdisciplinar, onde a escola, a família e os profissionais responsáveis irão contribuir de maneira efetiva para o melhor desenvolvimento desse indivíduo. Seja ele criança, adulto ou idoso, precisa ser visto não como alguém incapaz de aprender a ler ou escrever, mas como alguém que mesmo em meio as dificuldades buscam encontrar formas de se sobressair diante de uma sociedade tão injusta e julgadora.

Ao final, pode-se constatar que a atuação do psicopedagogo em parceria com os docentes e os pais podem refletir significativamente na compreensão das limitações das crianças com dislexia, direcionando atividades, leituras, exercícios e ações cotidianas que possam colaborar na melhoria do processo de ensino-aprendizagem do aprendiz.

Como sugestões de pesquisas futuras sobre a temática, sugere-se a realização de oficinas e momentos para observações e anotações do processo de atuação do psicopedagogo em sala de aula, no sentido de relacionar a teoria à prática e que relatos possam a incentivar que outros profissionais direcionem olhares para a criança dislexa e que elas sejam incluídas de maneira mais eficiente, eficaz e efetiva no contexto escolar e fora dela.

Referências

ABD - Associação Brasileira de dislexia. **O que é dislexia?** 2016. Disponível em:

<https://www.dislexia.org.br/o-que-e-dislexia>. Acesso em: 25 set. 2020.

CASTRO, E. L.; AMORIM, E. S. **Psicopedagogia na educação superior: possibilidade ou necessidade?** Centro Universitário Newton Paiva, Belo Horizonte, MG, 2011. Disponível em: <http://fundacaoaprender.org.br/app/uploads/2017/01/Psicopedagogia-na-Educacao-Superior-possibilidade-ou-necessidade.pdf>. Acesso em: 19 out. 2020.

COSTA, K. *et al.* Psicopedagogia em foco: caracterização do status atual dos estudos no Brasil. **Revista de Psicopedagogia**. v. 32, n. 1. Osasco/SP, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862015000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 set. 2020.

MENEZES, R. P. **Intervenção psicopedagógica com uma aluna disléxica**. Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3552/1/400735.pdf>. Acesso em: 10 set. 2020.

RODRIGUES, S.; CIASCA, S. Dislexia na escola: identificação e possibilidades de intervenção. **Revista de Psicopedagogia**. v. 33, n. 1, Campinas-SP. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000100010. Acesso em: 10 out. 2020.

SENO, M. Dislexia: dúvidas dos professores do Ensino Fundamental I. **Brazilian Journal of Development**. V. 6, n. 8, Marília/SP, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/15363>. Acesso em: 12 set. 2020.

UM OLHAR PSICOPEDAGÓGICO SOBRE A RELAÇÃO DA FAMÍLIA COM A ESCOLA NOS ANOS INICIAIS³³

Érica Pinheiro da Silva³⁴
Mayara Ferreira de Farias³⁵
Francisco Leilson da Silva³⁶
Mayane Ferreira de Farias³⁷

Resumo

Esta pesquisa busca estudar os benefícios e dificuldades encontrados no processo de aprendizagem da criança, por não haver parceria entre família e escola, com a intervenção do profissional da psicopedagogia. O objetivo principal deste trabalho é expor os avanços que a parceria família e escola propiciam na aprendizagem de crianças nos anos iniciais. Para realização deste estudo de abordagem qualitativa, com caráter descritivo e uso de pesquisa bibliográfica, fez-se uso de uma revisão de literatura a partir de autores: como Souza (2009), Silva (2015) e Garcia (2010). Como resultado, aponta os avanços na aprendizagem com a parceria bem executada entre família e escola, na medida em que o psicopedagogo irá desenvolver projetos que aproximem a família e a escola. Assim, com o avançar desse processo, serão percebidas quais mudanças deverão ser feitas e quais partes estão implicadas na realização de ações visando à aprendizagem do aluno.

Palavras-chave: Família. Escola. Aprendizagem. Psicopedagogia. Intervenção.

Abstract

This research seeks to study the benefits and difficulties encountered in the child's learning process, as there is no partnership between family and school, with the intervention of the psychopedagogy professional. The main objective of this work is to expose the advances that the family and school partnership provide in the learning of children in the early years. To carry out this study with a qualitative approach, with a descriptive character and use of bibliographic research, a literature review was used from

³³ Artigo produzido a partir do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade do Maciço de Baturité – FMB - como um dos pré-requisitos para a obtenção do título de especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica.

³⁴ Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade do Maciço de Baturité – FMB.

³⁵ Doutoranda pela UFRN (PPGTUR) - todos os créditos já foram integralizados. Mestre em Turismo pela UFRN (PPGTUR). Especialista em Gestão Pública Municipal pela UFPPB. Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana/NCCE pela UFRN. Especialista em Política de Promoção da Igualdade Racial (UNIAFRO) pela UFRSA. Graduada em Letras Espanhol (IFRN). Bacharel em Turismo (UFRN). Graduada em Filosofia (ISEP). Técnico em Guia de Turismo Regional pelo SENAC (Natal). Atualmente, é avaliadora voluntária em dez periódicos com Qualis Capes. É Pesquisadora Voluntária no Grupo de pesquisa em Marcas e Marketing (UFRN). É membro do Corpo Editorial da Revista Querubim - UFF. Atua e pesquisa nas seguintes áreas: Desenvolvimento e Gestão do Turismo; Teoria do Turismo; Metodologia da pesquisa; Metodologia do trabalho Científico; História e Cultura Africana e Afro-brasileira; Turismo em Comunidades Quilombolas; Turismo; Planejamento do Turismo; Transdisciplinaridade; Interdisciplinaridade; Educação; Ensino; Língua Espanhola; Linguística; Leitura e escrita; Eventos, Lazer e Planejamento. E-mail: mayaraferreiradefarias@gmail.com.

³⁶ Doutorando do PPGEL/UFRN. Mestre em linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2016). Bolsista de iniciação científica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Professor - Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte. Professor, orientador e tutor na Educação a Distância (UAB/EaD/IFRN).

³⁷ Licenciada em Computação e Informática pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Graduada em Administração pela UNIASSSELVI. Professora da EEJJ - Escola Estadual José Joaquim. Professora da EECIT - Escola Cidadã Integral Técnica Professor Lordão. Foi tutora da disciplina Banco de Dados e Design Web no Curso de Informática para Internet do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Foi tutora do módulo avançado de WEB do Instituto Metrópole Digital (IMD). Participou como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) por 3 anos. Foi aluna do Curso Técnico Subsequente em Informática pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte/Santa Cruz-RN (IFRN), estagiando 400 horas na Prefeitura Municipal de Coronel Ezequiel/RN na área de computação e informática. cursou 3 anos de Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Campina Grande/ Campus de Cuité/PB (UFCG). Prestou serviços como voluntária na área de microinformática básica de janeiro de 2009 a março de 2012 na Prefeitura Municipal de Coronel Ezequiel/RN. Ministrou aulas de informática no período de Janeiro de 2010 a Novembro de 2012 na Escola Municipal Manoel Cassimiro Gomes no município de Coronel Ezequiel/RN. Foi voluntária no Projeto de "Inclusão digital na Cidade de Coronel Ezequiel/RN" ministrando palestras como auxiliar - com 420 horas de aula. E-mail: mayanefarias@hotmail.com.

authors: such as Souza (2009), Silva (2015) and Garcia (2010). As a result, it points out the advances in learning with a well-executed partnership between family and school, insofar as the psychopedagogue will develop projects that bring the family and the school closer together. Thus, as this process progresses, it will be perceived which changes should be made and which parts are involved in carrying out actions aimed at student learning.

Keywords: Family. School. Learning. Psychopedagogy. Intervention.

Resumen

Esta investigación busca estudiar los beneficios y las dificultades encontradas en el proceso de aprendizaje del niño, ya que no existe una colaboración entre la familia y la escuela, con la intervención del profesional de la psicopedagogía. El objetivo principal de este trabajo es exponer los avances que la alianza familia y escuela brindan en el aprendizaje de los niños en los primeros años. Para realizar este estudio con enfoque cualitativo, con carácter descriptivo y uso de investigación bibliográfica, se utilizó una revisión bibliográfica de autores como Souza (2009), Silva (2015) y García (2010). Como resultado, señala los avances en el aprendizaje con una alianza bien realizada entre la familia y la escuela, en la medida en que el psicopedagogo desarrollará proyectos que acerquen a la familia y la escuela. Así, a medida que avance este proceso, se percibirá qué cambios se deben realizar y qué partes están involucradas en la realización de acciones encaminadas al aprendizaje de los estudiantes.

Palabras clave: Familia. Colegio. Aprendiendo. Psicopedagogía. Intervención.

Introdução: um convite ao tema

Neste artigo, será apresentada a relevância da relação família e escola no processo de aprendizagem das crianças, as dificuldades durante esse processo, os avanços adquiridos por esta parceria, entre outros. Então, esta pesquisa tem como objetivo geral expor que benefícios a relação família e escola propicia às crianças de anos iniciais em seu processo de aprendizagem. Como objetivos específicos, destacamos: conhecer os avanços na aprendizagem de uma criança que tem o apoio familiar na sua vida escolar e analisar os fatores de a criança não avançar em sua aprendizagem.

Nesse processo, identificaremos uma situação em que o profissional da psicopedagogia mostrará quais são os pontos positivos do seu trabalho desenvolvido em uma instituição escolar e os pontos negativos também. Além de apontar os lados envolvidos.

É importante ressaltar o motivo da escolha de trabalhar esse tema. Sabemos que não é de hoje, que em todas as instituições sempre tem alguma criança que se sente constrangida por seus pais não a acompanharem na vida escolar. Por essa razão, surgiu a curiosidade de estudar com profundidade esse tema relacionado à relação família e escola, buscando descobrir quais caminhos são necessários para que essa relação venha a ser próspera, ou seja, o que a família pode mudar para estar mais presente, e como a escola pode chamar a atenção para que isso venha a ocorrer. Nas seções a seguir, serão explicados detalhadamente cada quesito e as fundamentações teóricas que embasam este assunto. Na próxima seção, definiremos o conceito de psicopedagogia.

Breve histórico da psicopedagogia

Ao surgirem dúvidas e questionamentos sobre as dificuldades de aprendizagem, foi criado um termo que se estudasse detalhadamente esses aspectos. Quando começaram a surgir novos

questionamentos e curiosidades sobre as dificuldades de aprendizagem, no século XVIII, muitos consideravam como se isso fosse resultado de doenças mentais, explicadas pela concepção sobrenatural, ou seja, as crianças eram atendidas por médicos, pois todos acreditavam que eram problemas patológicos. Essa forma de tratamento ainda durou por muitos anos. Nessa época, todo acontecimento era novidade, então, as pessoas, muitas vezes, tratavam as crianças que tinham dificuldades como pessoas “anormais”.

No ano de 1946, apareceram os centros psicopedagógicos cujos criadores foram Boutonier e George Mauco, na França. Eles firmaram parceria com outras especialidades para que o tratamento fosse realizado de maneira eficaz e completa. O mesmo processo acontecia nos Estados Unidos (BOSSA, 2000).

No século XX, começaram a encaminhar alunos que não “conseguiram aprender”, para esse tipo de centro, com parcerias de outros profissionais. Com os avanços, iniciou-se a Formação Universitária em Psicopedagogia na Argentina e, na década de 1970, surgiram centros de saúde mentais onde profissionais da psicopedagogia atuavam com estudos e testes (BOSSA, 2000).

A psicopedagogia estuda os processos de dificuldades na aprendizagem. A esse respeito, Picetti e Marques (2016, p. 263) afirmam que a psicopedagogia “se ocupa do processo de aprendizagem e suas variações e da construção de estratégias para a superação do não-aprender, tendo como um de seus focos principais a autoria do pensamento e da aprendizagem”.

No decorrer dos anos, a psicopedagogia foi se expandindo para outros países. Nesse sentido, o Brasil tinha uma ligação com a Argentina por causa da literatura, por essa razão, foram criadas turmas de formação de psicopedagogia, que se iniciaram em 1970. As primeiras turmas foram formadas em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul (BOSSA, 2000). Esses estudos tinham como base os princípios europeus. A partir desse momento, deixaram a denominação de pedagogia terapêutica.

Em São Paulo, no ano de 1979, foi criado e fundado o Curso de Formação Clínica e Institucional de Psicopedagogia formulado no Instituto Sedes Sapientiae. Com isso, as pessoas começaram a procurar instituições que auxiliassem alunos, que não estavam conseguindo compreender o assunto da sala de aula, nem participava das atividades (BOSSA, 2000).

No Brasil, a psicopedagogia foi decretada como lei no ano de 2008, pela autoria da Deputada Professora, Raquel Teixeira, ao lançar um projeto e este ser aprovado. Atualmente, por meio da psicopedagogia, as crianças estão conseguindo vencer suas dificuldades e voltar e continuar a aprender, ou seja, o acompanhamento psicopedagógico está resultando em avanços no processo de ensino-aprendizagem nas instituições, nas clínicas, nos hospitais, em qualquer que seja o local de trabalho, o psicopedagogo, em parceria com outros profissionais, está realizando um excelente trabalho.

Esse êxito se dá justamente pela realização de um trabalho conjunto. Sabemos que sempre estamos a precisar de auxílio, ou até mesmo da opinião de outro profissional, seja da

mesma área ou não. Com esses avanços, os profissionais dessa área têm **conquistado um grande** espaço nas escolas.

Sabemos que a criança inicia seu aprendizado ainda quando está na barriga da sua mãe. Então, pela lógica, os familiares já podiam perceber algo de diferente, seja no comportamento, seja em qualquer outra situação. No entanto, compreende-se que muitos não possuem capacitação ou não conhecem os segmentos da psicopedagogia. Por isso, a importância de ter um profissional dessa área atuando na educação infantil, porque, muitas vezes, nem o familiar nem o professor regente da turma conseguem perceber a causa ou a dificuldade de aprendizagem ali existente.

Contribuições da parceria família e escola

A aprendizagem da criança tem início desde seu nascimento. Nesse processo, os primeiros mediadores, em geral, são os pais da criança (os familiares), até mesmo porque, “o aprendizado tem início muito antes da vida escolar e sabe-se também que ao chegar à escola, a criança já traz consigo uma considerável gama de conhecimento [...]” (SOUZA, 2009, p. 10).

Quando falamos em parceria, temos a consciência de que existem dois lados ou mais nesse processo, e que ambos precisam contribuir para que algo se concretize ou evolua. O mesmo acontece na parceria família-escola, ambas as partes precisam se equilibrar, como se estivessem em uma gangorra, se um dos lados sair, o outro se destrói e/ou se machuca. Nessa perspectiva, “a interação família e escola é necessária, para que ambas conheçam suas realidades e suas limitações, e busquem caminhos que permitam e facilitem o entrosamento entre si, para o sucesso educacional do filho/aluno” (SOUZA, 2009, p. 7).

Nota-se, observando o comportamento da criança, se ela tem acompanhamento e apoio da família nas atividades escolares, pois os avanços são demonstrados nas atividades, nas ações, em tudo o que o indivíduo realiza e pratica. A esse respeito, salienta Souza (2009, p. 7): “experiências familiares aliadas ao trabalho escolar resultam numa melhora eficaz em relação ao nível de aprendizagem e conseqüentemente do rendimento escolar [...]”.

Essa parceria promove muitos benefícios para a aprendizagem da criança, como o aumento do rendimento escolar, já que os pais ajudam na compreensão da importância da educação. Com isso, a criança se sentirá mais segura e motivada a cumprir as obrigações escolares, além de se desenvolver nos aspectos de responsabilidade e autonomia para a realização das tarefas escolares.

É importante frisar que, quando os pais ou os responsáveis sabem do que acontece na sala de aula, eles podem relacionar aquele aprendizado com alguma atitude que aconteça na sua vida cotidiana. Outro benefício que é de fácil percepção ao olhar para o aluno é o acompanhamento de concentração na hora de estudar. Sabemos que as vantagens são múltiplas com essa parceria.

Consequências por não haver parceria entre família e escola

Como já foi citado anteriormente, é de suma importância a relação família e escola para que a criança tenha um bom desempenho pessoal, social e intelectual. Entretanto, essa realidade não é vivenciada em sua totalidade, não funciona dessa maneira. Em muitos casos, essa parceria não acontece, devido a alguns fatores existentes na família. Muitos pais passam a maior parte do dia no trabalho, ou dia inteiro, ao retornarem para casa, sentem-se cansados ou vão realizar os afazeres domésticos.

Dessa maneira, não resta tempo para ajudar e auxiliar os filhos nas tarefas escolares. Em outros casos, os pais não sabem ler ou escrever e, assim, não conseguem auxiliar os filhos nas atividades escolares. Enfim, são muitos os fatores que levam, muitas vezes, os pais ou os responsáveis a não acompanhar a vida escolar de seus filhos.

Há ainda casos em que os pais têm tempo, tem estudo, mas não querem fazer parte dessa fase na vida da criança. Assim, mesmo que a escola e os funcionários criem estratégias para que eles se aproximem, essa ação não tem bons resultados.

Essa falta de parceria acarreta à criança uma responsabilidade que não é apenas dela, e suas consequências são inúmeras, tais como: chegar à escola atrasada (muitas vezes, a criança não realiza a higiene pessoal adequada, por fazer sozinha e não saber); demonstrar sonolência, timidez, vergonha; não conseguir relacionar-se com os colegas nem muito menos com o professor, sem falar na aprendizagem que, em muitos casos, torna-se um processo muito lento, quase sem progressão alguma. São muitas as consequências do que não têm essa parceria entre a família e a escola.

O acompanhamento familiar nos anos iniciais

O aluno, de qualquer idade, necessita do acompanhamento familiar em relação aos seus estudos, e principalmente as crianças dos anos iniciais, pois, é uma fase de novas aprendizagens, de novas descobertas, de uma nova rotina. Por essas razões e outras mais, é necessário que haja esse acompanhamento.

O educador percebe, nas ações do discente, se ele é motivado em casa ou não, por exemplo, quando o docente encaminha uma atividade para ser realizada em casa, ao retornar a escola no dia seguinte, a criança demonstra animação em querer mostrar a sua atividade pronta, já as que retornam com a atividade do mesmo jeito ficam envergonhadas e tímidas, quietas, torcendo para que o professor esqueça-se de pedir pra ver a sua atividade. É uma situação difícil para ambos os lados. Nesse processo, enquanto uma criança vai se desenvolvendo e progredindo, a outra vai regredindo, tornando-se um indivíduo fechado.

É por essas razões que a criança tem um melhor desempenho com o acompanhamento da família, desenvolvendo seus aspectos cognitivos, sociais e outras melhorias. Nessa direção, Silva (2015) salienta:

A família necessita estabelecer uma relação de parceria com a escola, contribuindo com o aprendizado e o desenvolvimento do aluno, pois é através dessa parceria que é possível garantir uma educação de qualidade. No entanto, também não se pode continuar ignorando a importância básica da família na formação e educação de crianças e adolescentes. E esta sintonia entre ambas torna-se um elemento facilitador para que a vida escolar seja vivenciada com maior tranquilidade, deste modo, os pais podem transmitir segurança a seus filhos e, conseqüentemente, facilitar o processo de adaptação (SILVA, 2015, p. 47).

Essa parceria, sendo realizada por ambas as partes, resultará em pontos satisfatórios para todos os envolvidos.

A intervenção psicopedagógica no contexto escolar

Como já discutido, é imprescindível a parceria família e escola no processo de ensino-aprendizagem da criança. Nesse caso, são inúmeros os pontos positivos notados no dia a dia da vida escolar de um aluno. Sem falarmos na melhoria de comportamento no ambiente familiar. Ou seja, “assim como o desenvolvimento, a aprendizagem acontece sob a influência de muitos fatores, entre eles, ambientais, familiares, psicológicos, etc.” (SOUZA, 2009, p. 9). Com a boa parceria desses fatores, o desenvolvimento da criança acontecerá de forma excepcional.

Com um estímulo e uma boa motivação dos pais, a criança desenvolve-se com mais desempenho, chega à escola com vontade de aprender novas coisas, e retorna para casa entusiasmada em relatar o que vivenciou na escola. Além disso, avança nos aspectos cognitivos, sociais e pessoais, tornando-se uma criança alegre, participativa, e no futuro um adulto decidido, um ser de opiniões próprias.

As instituições escolares sempre precisaram de um profissional que auxiliasse o professor em alguns casos, que, pela sua complexidade, o professor não tinha condição de intervir, não por falta de competência, mas, por não ter conhecimento e técnica com tal situação. Nesse processo, muitas vezes, a mãe ou o pai querem relatar algo e não têm abertura de falar para o professor ou o professor não tem condições de resolver aquele problema. Nessas situações, é muito importante a intervenção do profissional de psicopedagogia. Quando o psicopedagogo começou a atuar nas escolas, passou a descobrir, orientar, estudar algo que não estaria tendo resultado.

O psicopedagogo tem o papel de tentar descobrir os motivos da relação família-escola não estarem sendo mantidas por ambas. A partir disso, ele busca soluções de aproximação, por meio de novas estratégias para que o aluno fique bem assistido pela escola e sendo acompanhado por seus pais. Esse é um trabalho que requer tempo e dedicação, por essa razão, as escolas necessitam de um profissional da área da psicopedagogia. Cabe a esse profissional, de acordo com Garcia (2010), auxiliar:

[...] pais e professores, como trabalhar e ajudar a criança que sofre alguma dificuldade de aprendizagem, [...] conscientiza pais e professores, na importância de um ambiente seguro e estimulante para as crianças, onde os erros sejam permitidos e assumir risco, seja incentivado. [...]. Cabe a ele intervir, visando à solução dos problemas de aprendizagem e tendo como foco o aluno ou a instituição familiar e escolar” (GARCIA, 2010, p. 31).

São por esses aspectos mencionados que é de suma importância ter um psicopedagogo como mediador na relação família-escola, até mesmo porque, ele não tem um lado preferido, analisa e busca o melhor caminho a ser seguido pela família ou pela escola.

Dificuldades enfrentadas pelo psicopedagogo

Em todo campo profissional, sabemos que nem tudo são flores e que nem sempre iremos encontrar um caminho fácil. Às vezes, o problema logo é solucionado, mas em outros momentos, o profissional terá de se dedicar ao máximo, recorrer, inclusive, a outros profissionais.

Quando se tem a disponibilidade para mudança, para o novo, essa intervenção se torna mais rápida e eficaz. Quando ocorre o contrário, torna-se um trabalho lento, em que quase não se vê resultado. Às vezes, os pais ou responsáveis não aceitam a intervenção psicopedagógica ou o professor é que está precisando mudar sua metodologia, por exemplo, mas não coopera com as contribuições do profissional da psicopedagogia. São inúmeras as dificuldades do psicopedagogo, porém, cabe a ele insistir, tentar encontrar soluções que ambas as partes aceitem e contribuam para que sua intervenção venha demonstrar bons resultados.

Em muitos casos, a intervenção torna-se um caminho com complicações, por muitas vezes, o professor se sentir julgado, criticado e por pensar que serão apontados apenas os seus defeitos. Na realidade, a intervenção do psicopedagogo não tem esse intuito, o processo ocorre quando algo está necessitando ser analisado. Para solucionar, serão propostos novos métodos ou caminhos a ser seguidos por ambas as partes envolvidas. A esse respeito, Oliveira (2009) explica:

A intervenção psicopedagógica tende a assumir uma linha de ação destinada a mobilizar aspectos que venham ao encontro das necessidades identificadas. São priorizados dessa forma aspectos relevantes e críticos que guiam as mudanças necessárias a serem alcançadas (OLIVEIRA, 2009, p. 87).

Neste caso em específico, o psicopedagogo irá desenvolver um trabalho coletivo com as famílias e a escola. Destaca-se que o objetivo não muda, pois essa intervenção será em prol da aprendizagem das crianças que não estão conseguindo evoluir por não haver parceria entre a família e a escola.

Esse referido profissional irá desenvolver projetos que aproximem a família e a escola. Assim, com o avançar desse processo, serão percebidas quais mudanças deverão ser feitas e quais partes estão implicadas na realização de ações visando à aprendizagem do aluno. Destarte, o psicopedagogo institucional não atende apenas crianças, mas todos os envolvidos no seu processo de aprendizagem.

Considerações (não) finais

Percebe-se que, em alguns casos, basta elaborar algo simples para que isso chame a atenção dos pais, para que eles estejam mais presentes na vida escolar de seus filhos. Nesse sentido, cabe ressaltar, que mesmo a escola fazendo a sua parte, não consegue atingir 100% da atenção dos pais, ficando ainda algumas crianças desassistidas pela família.

No decorrer deste estudo, foram encontrados e destacados alguns motivos que, muitas vezes, não proporcionam essa parceria. No entanto, pôde-se discutir que são obstáculos que têm soluções, basta cada parte envolvida colaborar.

O referencial teórico utilizado nesta pesquisa, fez uso de pressupostos de autores que apostam que a colaboração dos pais na vida escolar das crianças traz um aumento no rendimento da aprendizagem. Isso foi comprovado durante a realização deste trabalho.

Para finalizar, deixamos claro que tudo só é possível com a parceria de ambos os lados. O processo de aprendizagem sendo feito dessa maneira trará um resultado sempre satisfatório, mesmo com as dificuldades existentes na trajetória. É importante citar que tudo o que fazemos não conseguiremos realizar de forma individual, mas coletivamente, pois sempre estamos a precisar de alguém, seja de outro profissional, seja de alguém da família ou da escola. Por isso, precisamos valorizar cada parceria que conquistamos ao longo dessa trajetória.

Referências

BOSSA, N. A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática.** RS: Artmed, 2000.

GARCIA, R. M. S. **A importância da Psicopedagogia junto a família e a Escola.** 2010. 37 f. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) – Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2010.

OLIVEIRA, M. A. C. **Intervenção Psicopedagógica na Escola.** 2 ed. Curitiba: IESD Brasil S. A., 2009.

PICETTI, J. S; MARQUES, T. B. I. **Psicopedagogia: alguns conceitos básicos para a reflexão e ação.** Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2016.

SILVA, M. A. C. A importância da Participação dos pais no processo de ensino aprendizagem. **Psicolado**, [S.I.]. 2015. Disponível em: <https://psicolado.com.br/atuação/psicologia-escolar/a-importância-da-participação-dos-pais-no-processo-ensino-aprendizagem>. Acesso em: 2 out. 2020.

SOUZA, M. E. P. **Família/Escola: a importância dessa relação no desempenho escolar.** Paraná: Programa de Desenvolvimento Educacional PDE, 2009.